

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA –  
PPGSCA

RENATO ANTÔNIO BRANDÃO MEDEIROS PINTO

O VISUAL DO INVISÍVEL:  
A COMPLEXIDADE DAS CATEGORIAS ENTRE A MÚSICA E A CEGUEIRA

MANAUS  
2019

RENATO ANTÔNIO BRANDÃO MEDEIROS PINTO

O VISUAL DO INVISÍVEL:  
A COMPLEXIDADE DAS CATEGORIAS ENTRE A MÚSICA E A CEGUEIRA

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Doutorem Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros

MANAUS  
2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P859v Pinto, Renato Antonio Brandão Medeiros  
O visual do invisível: : a complexidade das categorias entre a música e a cegueira / Renato Antonio Brandão Medeiros Pinto. 2019  
147 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Rosemara Staub de Barros  
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Baixa visão. 2. Música. 3. Inclusão Escolar. 4. Processos criativos. I. Barros, Rosemara Staub de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

RENATO ANTÔNIO BRANDÃO MEDEIROS PINTO

O VISUAL DO INVISÍVEL:  
A COMPLEXIDADE DAS CATEGORIAS ENTRE A MÚSICA E A CEGUEIRA

Tese apresentada como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, linha de pesquisa 1, da Universidade Federal do Amazonas.

Manaus - AM, 02 de agosto de 2019.

Comissão Examinadora

---

Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros (presidente)  
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

---

Profa. Dra Regina Finck Schambeck (membro)  
Universidade Estadual de Santa Catarina/UESC

---

Profa. Dra. Maria Almerinda de Souza Matos (membro)  
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

---

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (membro)  
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

---

Profa. Dra. Thais Helena Chaves de Castro (Membro)  
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

---

Prof. Dr. Glaucio Campos (Suplente)  
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

---

Prof. Dr. Jackson Colares da Silva (Suplente)  
Universidade Federal do Amazonas/UFAM

MANAUS  
2019

## DEDICATÓRIA

*Esta tese é dedicada a um conjunto de pessoas que viabilizam uma forma diferente e tão pouco especial de apreciar o mundo que vivem. Vai ao encontro de todos aqueles que por um ou mais motivos se questionaram como seria uma vida sem a visão, ou mesmo, tentaram nas suas horas mais sozinhas, experimentar uma realidade por achar que também enxergam o mundo de um jeito muito seu e difícil de explicar para todos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente a minha orientadora Professora Doutora Rosemara Staub pela paciência e o formato de condução para que eu pudesse construir um caminho autoexplicativo de quem sou por conta da baixa visão nas palavras deste estudo.

Essa condição de gratidão é básica para compreender como a partir de tudo isso, sendo franco, devo lembrar aqui dos amigos que acompanharam minha trajetória como um artista e profissional da música no cenário de minha cidade no contexto amazônico.

Abro os braços para Antonia Silva, amiga e corretora das letras tortas e dos momentos de preparação desse corpo textual finalizado.

Aos colegas de trabalho da Faculdade de Artes da UFAM.

Aos associados da ADVAM.

Aos meus alunos queridos.

Aos meus filhos Fernanda e Antonio pela renovação das forças.

Ao meu pai Zeca, meu exemplo e admiração e doador dos melhores conselhos para o que arquitetei ser como homem hoje e sempre.

Por fim, faço justa a participação da Professora Thaise Ferro na correção final de um texto repleto de particularidades escrito, ainda com muitos recursos de acesso, porém com “erros” característicos da pouca visão neste caso.

## RESUMO

A presente tese se ocupa de dar voz a uma questão muito particular sobre as condições elementares de uma vida que una a deficiência visual e a música, suas potencialidades e limites ilustrados em métodos que nos trazem pela ciência os mitos e verdades de todo esse processo sócio criativo da problematização deste estudo. É dividida em quatro partes, iniciada no levantamento das ideias de investigação publicadas nos últimos cinco anos por conta do que expõe a ABEM como colaboradora do tema mais aproximado que aqui nos referimos. Em outro momento, trouxemos aspectos metodológicos da vida rotineira de quem possui baixa visão e atua como músico profissional, momentos importantes que abrem para novas reflexões sobre, a partir de então, que tragam relatos próprios de pessoas que vivem a deficiência e narram suas dificuldades e conquistas para o meio acadêmico. Em terceiro plano, podemos considerar, diante do lido autobiográfico do autor desta tese, como a vida de três grandes nomes da música mundial podem, em associação com os parâmetros pedagógicos verificados no primeiro capítulo, ordenar propostas reflexivas com as histórias de Ray Charles, Hermeto Pascoal e Andrea Bocelli, realidades distintas e de resoluções parecidas pela existência de seus nomes alinhavados com a arte. Por fim e sem melhor juízo, trazemos um conjunto de proposituras para benefício somativo de tudo alcançado nestes anos de Declaração Universal dos Direitos Humanos, sobretudo, das pessoas em situação de deficiência. Entendemos por este, a arte, no caso a música, é potencial para o potencial humano, revela eficiências mesmo nos contextos deficientes, ainda há muito mais para ser feito em relação de um mundo inclusivo satisfatoriamente, todas as ações e escritos sobre a inclusão pela diversidade causada pela baixa visão é e será fator preponderante para o evoluído até então, porém é hora das afirmações daqueles beneficiados por anos de apoio educativo e paciente para que o lema “Nada sobre nós sem nós” viesse com toda a força que percebemos por registrar esse estudo.

**Palavras-chave:** Baixa visão. Música. Inclusão Escolar. Processos Criativos.

## ABSTRACT

The present thesis deals with giving a very particular question about elementary conditions of a life that unites visual deficiency and music, its potentialities and limits illustrated in methods that bring us by science their truths of this whole process. The problem of this study is divided in four parts, started in the survey of research ideas published in the last five years because of what ABEM exposes as collaborating with the most close related method that we are referring to here. At another time, we brought methodological aspects of her outline life of those who have low vision and act as a professional musician, important moments that open to new reflections on, from the non, bring accounts of people who live the disability and narrate their difficulties and achievements for the academic world. On the third plane, we can consider, in view of the author's autobiographical reading of this thesis, how the life of her great world musician, in association with her pedagogical parameters already verified in the first chapter, order reflective proposals with the stories of Ray Charles, Hermeto Pascoal and Andrea Bocelli, different realities and similar resolutions for the existence of the irremediably signed with art. Finally and without better judgment, we bring a set of propositions for the benefit of the sum achieved in all these years of the Universal Declaration of Human Rights, especially of people with disabilities. We understand by this, in this case, music, it is potential for human potential, it detects deficiencies even in poor contexts, there is still much more to be done in relation to a satisfactorily inclusive world, all actions and writing on inclusion for diversity caused by the low vision is and will be a preponderant factor for the evolution until then, but it is time for the affirmations of those benefited by years of educational and patients support so that the motto "Nothing about us without us" came with all the force that we perceive for registering this study.

**Keywords: Low vision. Music. School inclusion. Creative process.**

## LISTA DE SIGLAS

ABEM	Associação Brasileira de Educação Musical
AEE	Atendimento Educacional Especializado
ANPPOM	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música
BTDC	Banco de Teses e Dissertações da CAPES
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CBEE	Congresso Brasileiro de Educação Especial
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
DV	Deficiente Visual
EME	Educação Musical Especial
IBC	Instituto Benjamin Constant
ISME	<i>International Society for Music Education</i>
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PBV	Pessoa com Baixa Visão
PPGEEs	Programa de Pós-Graduação em Educação Especial
REE	Revista de Educação Especial
RBEE	Revista Brasileira de Educação Especial
SEDUC-AM	Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amazonas
SEMED	Secretaria Municipal de Educação de Manaus
SIMCAM	Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais
SS	Síndrome de Stargardt
LDB	Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 -</b>	Dados quantitativos levantados nos mais importantes repositórios de educação inclusiva e musical. -----	<b>40</b>
<b>Tabela 2 -</b>	Indicador quantitativo das produções nos canais mantidos pela ABEM em um recorte de tem entre 2015-2018. -----	<b>42</b>
<b>Tabela 3 -</b>	Levantamento de todas as publicações relacionadas com EME na Revista da ABEM em um recorte entre 2015-2018. -----	<b>43</b>
<b>Tabela 4 -</b>	Levantamento de todas as publicações relacionadas com EME dentro dos congressos da ABEM em um recorte entre 2015-2017. -	<b>47</b>
<b>Tabela 5 -</b>	Levantamento de todas as publicações relacionadas com EME dentro dos encontros da ABEM em um recorte entre 2016-2018. ---	<b>53</b>
<b>Tabela 6 -</b>	Dados organizacionais dos títulos levantados para o Estado da Arte da pesquisa no repositório da ANPPOM. Neste temos informação do título levantado no Congresso Nacional da Associação. -----	<b>61</b>
<b>Tabela 7 -</b>	Dados organizacionais dos títulos levantados para o Estado da Arte da pesquisa no repositório de teses e dissertações da CAPES. Neste temos informações de todos os bancos de programas cadastrados no país.	<b>61</b>
<b>Tabela 8 -</b>	Resultados de teses e dissertações coletadas por autor, título, ano e país de origem.	<b>64</b>
<b>Tabela 9 -</b>	Demonstrativo da quantidade citada, pelo menos uma vez, dos <i>léxicos</i> de interesse na pesquisa. -----	<b>88</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 -</b>	Demonstrativo dos temas publicados nas últimas versões da Revista da ABEM.	<b>46</b>
<b>Gráfico 2 -</b>	Demonstrativo gráfico das publicações nos congressos da ABEM por área (2015-2017). -----	<b>53</b>
<b>Gráfico 3 -</b>	Demonstrativo gráfico das temáticas abordadas nos Encontros Regionais da ABEM (2016-2018). -----	<b>60</b>
<b>Gráfico 4 -</b>	Distribuição dos perfis dos trabalhos até aqui levantados. -----	<b>63</b>
<b>Gráfico 5 -</b>	Incidência das publicações por ano. -----	<b>63</b>

## LISTA DE IMAGENS

<b>Figura 1 -</b>	Lupa virtual ancorada. -----	<b>29</b>
<b>Figura 2 -</b>	Leitura com o Bloco de Notas -----	<b>29</b>
<b>Figura 3 -</b>	Interface Programa DSPEECH -----	<b>31</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
-------------------------	-----------

<b>1. DAS TEORIAS AOS CAMINHOS PARA O VISÍVEL DO INVISÍVEL.....</b>	<b>17</b>
1.1 Uma voz pela diversidade: a abordagem auto(biográfica) na pesquisa acadêmica.....	17
1.2. Superação não é adaptação: reflexões sobre o aspecto da baixa visão.....	23
1.3. Lentes físicas e lentes virtuais .....	26
1.4. Material didático ampliado .....	27
1.5. Citando equipamentos de auxílio para leitura por pessoas com baixa visão.....	37
<b>2 – MOVIMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA .....</b>	<b>41</b>
<b>2.1. Associação Brasileira de Educação Musical/ABEM .....</b>	<b>41</b>
2.2 Levantamento Internacional .....	50
2.3 Resumos dos trabalhos nacionais levantados .....	51
PERFIL A.....	129
Perfil B .....	137
PERFIL C.....	143
PERFIL D.....	145
2.4 Análise dos sistemas de relações e estratégias do aprendizado musical por alunos com baixa visão. ....	51
<b>3 - TOCAR PARA SER FELIZ: RELAÇÕES INTERPESSOAIS NOS ESTILOS POPULARES E ERUDITO .....</b>	<b>56</b>
Ray Charles Robinson: “A música é o meu primeiro amor”.....	59
3.2 sonoro Hermeto Pascoal: visualmente.....	62
3.3 Andrea Bocelli: A música do silêncio .....	65
3.4 Eu, eles e nós todos: nossas biografias em debate.....	68
<b>4 - PROPOSITURAS PARA A VIDA, A EDUCAÇÃO E A AFIRMAÇÃO DO CONTEXTO ENTRE A MÚSICA E A BAIXA VISÃO.....</b>	<b>73</b>
4.1 Evidência .....	74
4.1.1 Os estados físicos da cegueira .....	76
4.2 - Percepção musical: sinais e símbolos.....	79
4.3 - Tecnologias e processos de construção da abordagem produtiva da música e a baixa visão.....	85
4.4 Interpretação das proposituras .....	91
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	

## INTRODUÇÃO

Entre 1985 a 1986, passava na televisão brasileira a 34ª novela da Rede Globo, Roque Santeiro, uma trama idealizada por Dias Gomes e Aguinaldo Silva, cuja história contava com a participação de uma figura social, que à época, estando eu com nove anos, me chamava atenção. Curiosamente a quem me refiro é o músico cego, Jeremias, personificado pelo ator Arnald Rodrigues. Lembro-me de que ali, ao ver aquela figura socialmente ilustre, questionei-me sobre como seria a vida dentro da cegueira, além de ter ainda vivo na memória uma convicção, ele só poderia mesmo ser um músico para driblar a deficiência e viver com certa dignidade na cidade. Desde então, os autores brincavam com o fato de que ele, o cego, via tudo e todos, revelando em fofocas casos íntimos de toda a trama (Machado et al, 1997).

De maneira que somente um cego pode conduzir as verdade verificadas na forma que “vê” o mundo, existe aqui o esforço como apelo para que mais nada sobre nós seja dito sem nós. As incontáveis modalidades comunicativas já desenvolvidas pela humanidade podem somar mais essa narrativa como meio de ampliar o horizonte de quem vê o que não vê. Por isso, objetivamos nesse empenho literário, trabalhar no timbre da voz do deficiente visual as realidades de um mundo simplesmente comum, dificultoso e possível em suas determinadas condições de tempo e espaço para suas eficiências se apresentarem.

A figura do indivíduo cego carrega consigo certos ares folclóricos, muito pelo mistério que se envolve e também pelos temores contidos em cada um de nós sobre a possibilidade de ficar cego. Como vivemos em um mundo que privilegia como maior valor o conhecimento, é óbvio que todas as ações que alcancem tal riqueza serão valorizadas. Perder a visão é, em potencial, distanciar-se dessa possibilidade de possuir mais conhecimento. Por isso, a visão, dentro de um contexto de culturas visuais como é a nossa, é o sentido mais importante.

Vejamos que quando eu cito acima minha primeira experiência sobre o contato, ainda que na TV, com uma pessoa cega, lembrando do que era a televisão no auge dos anos de 1980, verifico e vivencio o medo de perder a visão. Neste período que tenho de 9 para 10 anos, minha síndrome não havia se manifestado. Bem, esse empenho se objetiva a dar voz e forma, não somente a esse “medo”, mas tende a verificar, por meio das narrativas e interpretações de conceitos e teorias, outras maneiras de expressão o visível do invisível. Todavia, eu e minha orientadora, em sintonia e sensibilidade, procuramos construir lentes auxiliares sob a leitura do pensamento complexo e semiótico novidades para um novo discurso objetivo das subjetividades verificadas nessa jornada investigativa.

Ainda que já tenhamos mais de 10 anos da publicação de políticas afirmativas para a inclusão de pessoas em situação de deficiência, em específicos momentos propomos objetivamente, problematizar o fato desconhecido por muitos dentro da educação musical especial sobre uma vida que segue mesmo sem a visão. Dentro do paralelo da música sendo visual pela difusão de partituras e cifras, permanecemos por ver a aderência de cegos praticando a arte musical pela ingenuidade natural de sua existência. Toda essa, como um problema corriqueiro na tese, comentará abaixo as instrumentações, recursos, vida particular, histórico político e revelações do visível para poucos sendo invisível para muitos.

Para uma melhor compreensão deste objeto científico, se faz necessário que haja uma apresentação autobiográfica entrelaçada com os valores de conhecimento distribuídos ao longo do texto. Sofro de uma síndrome degenerativa nos olhos, conhecida como Doença de Stargardt, configurando uma condição irreversível de baixa visão. De início, posso afirmar que a música entra em minha vida muito tempo antes de perceber a degeneração na mácula. Nasci com a doença. Porém, somente aos 15 anos os avanços do campo visual comprometido se fizeram presente, então, comecei a sentir que algo de errado acontecia com meus olhos, uma sensação difícil de explicar, podemos ver tudo e ao mesmo tempo nada.

A baixa visão defendida por quem tem baixa visão faz iluminar o problema desta tese. Ainda que e continue a viver sem a visão, de que modo isso acontece? A música como um tempero para potencialidades seria capaz de conduzir performances e permitir a inclusão? Dar visibilidade ao que não é invisível propõe uma oportunidade de falar sobre algo caro para alguns e escuro para muitos? Nossa problemática está em uma praia de recursos, acessórios e instrumentos que facilitam futuras navegações. Por tanto, não traremos o todo da complexidade e categorias acumuladas em nossas humanidades, mas, serão os valores comparativos e o próprio testemunho capazes de abrir um diálogo para vermos de fato o que parece não se ver.

Considerando que teremos partes biográficas no corpo dessa análise, fica como questão da verdade expressada aqui, de que modo a música nos dimensiona enquanto pessoas com deficiência? Para o que apontamos no final, consideramos a dimensão humana algo todavia mal conceituado, disperso até um ponto de profunda intimidade entre o observado e quem o observa. Contudo, sabemos com certa satisfação, pela hora da entrega deste trabalho, que os passos iniciados já estão sendo dados com ajuda da *internet* e por consequência disso, o acesso mais democratizado vem se aplicando positivamente.

No início da década de 1990, em Manaus, eram precárias as condições de acesso médico e procedimentos para pessoas que perdem a visão. Neste estudo veremos como essas

questões que se utilizam do desenvolvimento de conhecimento são fundamentais. Sabemos que o passado se cristaliza e o que podemos de fato é modificar o nosso futuro pelas ações do presente. Nesse sentido, é curiosa a sensação que rege determinadas considerações sobre como seria diferente o meu desenvolvimento se os recursos existentes hoje estivessem lá, no tempo que perdi efetivamente a visão. Eu e minha orientadora não queremos tratar de uma sensibilização pela força do que há de solidário nas pessoas, muito menos no corpo científico que avalia esta tese, mas, precisamos dar além de força, voz a um mundo complexo e inteligente pela disposição do que cada ser humano é capaz de reorganizar em suas potencialidades.

Com isso, nos abrimos para as críticas por conta dos variados momentos de apresentação de parte de minha vida e coragem de compará-la com as de nomes consagrados da música mundial. Ao assumir essa jornada, colocamos em prática o perfil interdisciplinar do Programa que abriga esta tese e pretendemos romper na pequenez dessa parcela para o conhecimento da humanidade. Por outro lado, o convite é feito com carinho para uma leitura do esforço de traduzir o visível para o invisível que lhes parece.

Dado os níveis de dificuldade, esta investigação demora mais que o tempo habitual para ser concluído, no entanto, cada momento tem sua significação para o processo de desconstrução das ideias, muitas das vezes pessoais, para uma re colocação do viés semiótico, epistêmico e social, para exemplificar um pouco do que foi estudado e debatido na formação doutoral em Sociedade e Cultura na Amazônia. Por isso, justificamos nossa tarefa por uma Amazônia mais desenvolvida, transcriada, imersa no mundo e para o mundo e principalmente, para a comunidade de pessoas com deficiência visual ao qual eu me enquadro como membro.

Partimos de uma revisão bibliográfica dos modelos mais atualizados presentes no aporte teórico nacional e parte internacional. Seriam os artigos publicados nos anais da ABEM, ANPPOM, CBEE e teses e dissertações no banco de dados da CAPES. Além destes, vamos destacar o suporte dado pelo psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky(2011), citado pelo conjunto dos escritos desenvolvido sobre a defectologia humana, principalmente pela ligação com a cegueira. Outro valioso apoio é visto sob as leituras da pedagogia de Raymond Murray Schafer (1992), um educador musical que acompanha alunos da graduação em música e querido pela forma como constrói suas ideias para uma melhor apreciação do objeto sonoro. Com estes, fizemos um passeio em coleta de tantos outros teóricos e autores distribuídos pelo plano de uma arquitetura das relações entre a música e a baixa visão.

Aqui apresentamos, por meio de uma metodologia dedutiva, processos deferidos para aquisição do conhecimento musical e performance praticados por pessoas com baixa visão.

Por outro lado, como é impossível desassociar, entre um e outro apontamento, quer ser cego e o estar com baixa visão são os mesmos, mas, com isso não queremos os igualar, pelo contrário, o resultado considera ao final desta tese, de que temos uma necessidade de separar as condições para a diminuição dos impactos em relação aos tratamentos proferidos nas escolas e sociedade. Nessa esteira, por vezes falaremos do cego em geral, pois dada as seguintes ocasiões, uma denominação é servente para todas.

Antes que nos perguntem mais uma vez como é o sonho de um cego, podemos dizer, é o que ele vê. Tratamos do verbo “ver” para um norte de evidência. Vemos o que nos convém, pois o órgão responsável é o olho, porém é no cérebro que tudo se processa e quando este não quer ver, cria pela praticidade. No caso da baixa visão, o que podemos ver, e por mais obvio que seja, é justamente assim como segue nossa discussão. Temos olhos para ver, mas é no cérebro que tudo se faz presente, um sonho cego é lotado do que o emocional irriga ao neural e sonhamos como qualquer um, pois sonhos são sonhos. A partir desse prisma, por todo o cordão de palavras é possível ligar outras formas de explicar os detalhamentos do visível do invisível, uma tese que tem na arte musical sua forma condutora para a integração sensorial e eficiência.

Nesse ponto, temos como considerar a ABEM como a maior propagadora de debate sobre a música e as deficiências. No estado do conhecimento, adquiridos dados revelam como é crescente a preocupação científica para a área, no entanto, ainda há pontos sem suporte, esclarecidos pela jovialidade de tantas fontes e realidades do desenvolvimento científico de nosso país. Como resultado, de um modo ou de outro, ficamos mais perto de uma comunicação elementar sobre o invisível aos olhos e visível a alma por conta da música. Tais processos passam por relatos de experiência, pesquisas de campo, inovações e revisões publicadas no Brasil. Da mesma maneira, vimos na ANPPOM, em menor proporção, essa temática ganhando espaço nos eventos e publicações. Por fim, sem menor valor, também acusamos a presença do Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE) com colaborações importantes, tendo como plano sob os resultados alcançados em nossa tese, demonstrando como a música é um ótimo veículo para as ideias de inclusão nas variações dos quadros de deficiência, transtornos globais do desenvolvimento humano e superdotação.

Nosso método passa pela abordagem de análise de narrativas biográficas coletadas em filmes, entrevistas, matérias de jornais, sites da internet e itens acadêmicos, para o ideal imaginário de uma vida sem visão. Participam Ray Charles, Hermeto Pascoal e Andrea Bocelli, cada um com sua confluência com a deficiência visual, tratada por nós a partir dos elementos coletados para a identificação de processos sóciocriativos do modo como

aprenderam a tocar seus instrumentos e de como se relacionaram com a música, entrelaçando as histórias com a minha, atraindo a atenção para um momento de análise metodológica com relatos diretos das particularidades de uma rotina sem visão como músico profissional. Para esta forma, direcionamos o foco para o músico cego no mundo, trazendo essa figura social e mística por algumas vezes, desmistificando contos e estratégias, conduzindo a leitura para uma retomada da consciência do real ou mitológico dos músicos cegos ao nosso redor.

Nos termos qualitativos, a presente tese apresenta como resultado a valorização do apelo funcional pedagógico de muitos educadores que fazem do Atendimento Educacional Especializado em Música, uma realidade dinâmica e em evolução. Além deste, verificamos uma lacuna nas produções científicas que tratam a palavra de quem vive com a deficiência, pois os anos de aplicação das leis do suporte para as minorias, começam a revelar resultados com cargos de liderança sendo ocupados por pessoas atendidas durante sua formação previsto em lei e por consequência, passam a serem colaboradores para a riqueza de nosso país. Por outro lado, citamos a presença das personalidades de influência com deficiência visual tendo com a música a neutralidade de sua condição defeituosa e que, tornam clara a interligação de sua eficiência pela arte como ofício e manifestação de sua autoridade social.

Em termos quantitativos, nos ocupamos de contabilizar as produções dedicadas nos artigos dos associados da ABEM que correspondem a um espaço distinto materializado no Grupo de Trabalho 3.3, referente ao termo comum, “Educação Musical Especial” para uma inclusão ampla pela arte. Com esta base, fomos para a atualização do trabalho anterior de Renata Fantini e demais colaboradores, inclinados a levantar as produções dos últimos 30 anos de ABEM no Brasil. Com isso, vimos como é fundamental tal preocupação contábil no sentido de idealizarmos como caminha o corpo textual ligado a essa temática.

Em uma divisão feita em quatro capítulos, veremos no último algumas proposituras para uma abertura das ideias de investigações futuras e tentativas da melhoria de nossas humanidades para o desafio da inclusão.

Pensamos assim, com todo o amadurecimento do texto, até então por entender que o leitor nessa altura, possui um ponto de inserção sobre como é sensibilizado para decidir como se vê a questão. Todos somos capazes de promover a inclusão, porém, fatores como as relações interpessoais ainda somam de forma negativa no nicho que corresponde a convivência. Dessa maneira, voltando a justificar esta tese, muito será confiável quando o invisível for revelado como visível pela boa vontade de quem o pratica.

Apontamos também os avanços tecnológicos como uma saída comum para o

desenvolvimento de novas práticas educativas na música e no entorno sociocultural comum a deficientes visuais e normovisuais. Precisamos de mais abertura para os elementos virtuais de auxílio nas composições e distanciamento de uma música somente escrita, por mais adição de outras linguagens que favoreçam cegos e surdos, por exemplo, seres humanos musicalmente formados e pouco íntimos de linguagens convencionais. Outro foco, como proposta, fica para o acolhimento de pessoas com deficiência nas universidades. Somos norteados pelo conjunto de publicação da Professora Doutora Regina Finck, preocupada pesquisadora com a entrada, permanência e sucesso dos alunos cegos nos cursos de licenciatura musical observados pela ABEM. É hora de colocar em prática o lema que move essa minoria, “Nada sobre nós, sem nós!”, uma máxima que não se estanca para incomodar, mas sim devolver com gratidão a todos o que lutaram por nós para que materiais como este pudessem chegar aos anais do mundo, para que os cargos sejam ocupados pela qualidade de nossos esforços e competência e, sobretudo, para que o mundo fique melhor para que os novos espíritos possam ter luz sendo tudo invisível na realidade, cada um inventa o que quer ver e isso seja lindo.

## **1. DAS TEORIAS AOS CAMINHOS PARA O VISÍVEL DO INVISÍVEL**

Para esta tese iremos utilizar recursos para uma pesquisa narrativa contendo biografias, relato orais, histórias de vida, memórias, autobiografia e depoimentos, contribuindo para o nosso planejamento metodológico, através deste modelo que ganha força nos últimos vinte anos.

### **1.1 Uma voz pela diversidade: a abordagem auto(biográfica) na pesquisa acadêmica**

É comum a orientação surgida pela necessidade do distanciamento do pesquisador e seu objeto investigado. Durante anos, como propõe o método científico, biografias completam processos justificativos dentro dos resultados levantados. Disciplina frequente é a imparcialidade do autor perante a distribuição das ideias verificadas nos dados da coleta. Tanto Bolívar(2002) e Bueno (2002), há um certo medo da subjetividade, herança dos princípios das ciências duras de outros momentos. Dessa feita, as memórias, ainda mesmo deficitárias, são pontas de fios a serem puxados até os novelos mais robustos de um *tomo* requerido.

Por parte a validação de atitudes acadêmicas é uma preocupação constante levantada por Bolívar, para ele, os relatos autobiográficos disputam criticamente com as teorias mais sedimentadas uma verdade dentro das ciências sociais. Por outro lado, o autor nos traz com suavidade, a verdade sobre se ter perigosamente verdades absolutas, sobretudo, inseridas na dinamicidade humana. Para conhecer mais, lembrando de nossas origens, o homem narrou ao redor de fogueiras suas ações de conquistas e derrotas até o que sabemos ter por isso nos dias de hoje. Seguindo, Bueno (2002), faz debate entre ser positivista ou hermenêutico, ou até ser pragmático ou narrativo, exemplos de nossa persistência crítica pela ciência já insustentável por ser rígida e imutável.

Sob muitos aspectos, Delory-Mombergue (2012), cita como é necessária uma articulação entre os elementos que compõem o método com o projeto epistemológico do objeto em sua globalidade. Em outras palavras, o interesse da pesquisa determina e dá

validação dos termos apresentados pela qualidade do envolvimento de quem narra os fatos. Do mesmo modo. Bueno (2002), prefere dar clareza ao momento vivido dentro das academias para uma suposta aceitação de abordagens autobiográficas nos textos produzidos nas universidades e institutos de pesquisa no Brasil. Para tal, Bolívar (2002), adiciona sobre os riscos, estes sempre presentes, pela interpretação e modelo de aquisição que acompanham as composições destes discursos.

Como vemos, anunciamos para esta tese uma proposta de investigação que busque determinações válidas pelo viés de quem vive a deficiência visual, ao mesmo tempo, longe de nossa tentativa para um confronto, trazemos com cuidado os paradigmas preponderantes do programa ao qual este estudo se vincula. Delory-Mombergue sustenta em apoio a nossa apropriação, uma narração é tão sociológica quanto uma teoria defendida há mais de 20 anos. Assim, viabilizamos o que há de dinâmico, damos valor ao já verificado como natural sobre a movimentação dos agentes e cenários de cada cultura e sociedade.

Bueno, publica, “iniciou-se na Alemanha no século XIX, como alternativa para as ciências humanas e sociais. Em 1920, os americanos utilizaram o método biográfico de forma sistemática na escola de Chicago, caindo em desuso nas décadas seguintes.” (2002, p.13). Entramos, com os telefones celulares, na era da instantaneidade, não são mais os telejornais que revelam fatos, mas sim uma rede de pessoas comuns que colaboram, mesmo sem saber às vezes do impacto, com as notícias do mundo. Claramente, todos os autores que colaboram para este tópico são unânimes, a condução dos dados precisa ser constantemente verificada, nomeada e datada, ao contrário, o aumento de narrativas sociais dispersas de maneira errada, podem e deverão conduzir a um conjunto de prejuízos jamais vistos.

No caminho do aprofundamento dos dados, quando precisamos falar de algo mais presente, contínuo e particular, se fazemos exercício de lembrar quando éramos crianças, somente nós, sob um falso aspecto egoísta, dizíamos o que queríamos. É fato, como propõe Bolívar (2002), por nós, falamos sobre nós. O autor, buscando dar credibilidade, atravessa pelo latim com sua ideia, dizendo em frase, “de nobis ipsis loquemur”, sendo entendido para um contexto já citado, “nada sobre nós, sem nós!”. O momento, conclui em conforto, pois com a chegada de pessoas com deficiência em posições de liderança e condições competitivas de expressão, joga concretamente esse ideal para novos debates, revalida, ainda como possibilidade, *corpus* autobiográficos para apreciação social e de crivos científicos mais reflexivos. Por este, há conclusões mais aproximadas de abordagens definitivas conforme as cabeças pensantes e os ambientes atuantes, mas como prevê Bueno (2002), as necessidades criaram as normas.

Sendo os dados coletados, como por exemplo, as entrevistas, materiais da análise, cabe comentar, como diz Delory-Mombergue (2012), estaremos sempre sujeitos a interpretação da qualidade da luz que auxilia a leitura, uma vez que no globo terrestre existem, por conta do eixo, variações na qualidade ótica em se ver os fatos. Neste caso, os fundamentos de uma abordagem autobiográfica nos traduzem pelo confronto de outras realidades, o patamar social de uma Amazônia em exploração, pois valoriza o sujeito narrador partindo da arte que vive em sua pele, e se entendermos bem, se apresenta sob a coragem das críticas assumindo o ato de auto interpretar e compartilhar suas emoções para o bem comum científico.

Temos clara a condição do autor como pessoa com baixa visão e músico, atuante na área da educação e militante de processos socioculturais pelo desenvolvimento da Amazônia.

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído (NÓVOA, 1993: 18).

Partindo da posição de educador reflexivo, queremos aqui desfrutar das possibilidades para o debate dos modelos antropológicos étnicos da pessoa com deficiência e sua relação com a música, iniciando associações aos melhores recursos tecnológicos para uma reformulação das práticas de aquisição das teorias musicais e alternativas formas de registro do som como arte. Tal abordagem se justifica pelo interesse em conhecer as histórias de vida, sendo elas dos sujeitos apresentados, quanto aos conjuntos adjacentes relacionados com a presença de músicos cegos na sociedade.

Querer trazer conhecimento para o universo acadêmico é uma tarefa que ao longo do tempo com a prática e resiliência, nos dá felicidade. Ao longo do que vimos e veremos por este estudo, uma vez ou outra, quando possível, surgem narrativas pessoais sobre uma condição específica de vida. Obviamente que preciso solicitar a paciência dos leitores para uma observação dos processos pelo qual escrevi este corpo de texto. Desse modo, vale adiantar que a maioria absoluta dos textos utilizados como referência foram ouvidos, praticamente traduzidos em horas de uma eterna ação de atenção e desatenção.

Nasci com Doença de Stargardt, uma patologia genética nos olhos descoberta por um médico alemão no início do século passado, identificada como a perda total da parte central do campo visual, no meu caso, nos dois olhos de forma simétrica. Lembro de como quando

pequeno, piscava muito e isso me rendia apelidos bem diretos. Apesar de uma aproximação exagerada ao aparelho de TV, vivia normalmente, vendo bem inclusive. A Síndrome de Stargardt (SS), como também é conhecida a anomalia, é progressiva, pelo que sei e sinto, com a idade os sintomas parecem acelerar, mas não há nada comprovado em relação a isso. Andrea Bocelli, no filme diz para sua mãe, tentando explicar como vê o mundo, “eu vejo tudo e não vejo nada”, uma frase codificada e entendida só por quem tem a deficiência.

Nossa tese tem como característica um texto predominantemente referenciado por citações indiretas, aqui aberto à crítica de quem lê e por consequência avalia, afirmo que “vi” os escritos mesmo sem vê-los. Durante o doutorado fui convidado a ler a Amazônia, preparei uma quantidade enorme de livros para que pudessem ser lidos pelo celular ou computador, inventei cada parte das leituras pelo mais aproximado de um currículo de imagens que possuo. Em outras palavras, vemos muito e sabemos o que vemos, até mesmo quando inventamos as imagens como o rosto das pessoas. Com isso, tais narrativas, associadas a outros exemplos da mesma condição de vida farão parte da defesa dessa ideia de tese.

Qualquer pessoa vive sua parcela de exclusão. Seria aqui um espaço muito pequeno para os exemplos que ilustrariam essa afirmação. Não dominamos todos os assuntos e uma simples roda de conversa é capaz de demonstrar o quanto temos a aprender e tentar se incluir. Desse modo, vemos aqui uma boa oportunidade de conduzir uma pesquisa que dê a chance do observado ser observador. A soma dos ideais investigados, sem juízo de valor, é com cobaias e proposituras para uma realidade distinta. Os anos de luta por uma educação para todos, nos projeta agora para recebermos as opiniões e posicionamentos daqueles que foram e vem sendo atendidos.

Bezerra (2016) aponta para uma urgência dos saberes contidos nas perspectivas de Deficientes Visuais, doravante DV, ou seja, os relatos ou pesquisas dessa categoria precisam dividir com a comunidade uma cultura mais honesta da realidade do mundo com baixa visão. Eu tenho baixa visão, ainda desempenho certas atividades que o resíduo visual me proporciona capacidade. No entanto, do momento do início desta tese até a presente data, perdi importâncias do meu potencial de enxergar e ao mesmo tempo, passei a identificar mecanismos muito rápido de adaptação. Dessa feita, uso a autobiografia no sentido mais restrito a colaboração do conhecimento humano, sem, em hipótese alguma, querer sensibilizar para longe de meu potencial de pesquisa que almejo ter.

Com base nos dados deferidos, a importância dada por inúmeros pesquisadores sobre a curiosidade que move a ciência a respeito das relações entre a música e a deficiência visual, tange uma coisa mais profunda, uma necessidade latente sobre como é a temida vida sem a

luz. Da mesma forma que os ditos populares se questionam sobre qual idioma pensa um surdo, trazemos na mesma proporção, como seria o sonho de um cego. Nas situações que conheço uma pessoa e tenho que explicar como vejo o mundo, sinto o silêncio habitual de quem me observa, estático e cascavilhando palavras para o momento do meu silêncio quando término de explicar. Por estes, vejo como muito normal e imprecisa a noção sobre as possibilidades de vida que existem.

Aprendi a ler música ainda com uma boa acuidade visual, porém dava indícios com meus erros frequentes. Dona Ignês Braga, minha primeira professora de música, era uma autoridade social, tinha lecionado para bons músicos e filhos da sociedade Manauara por muitos anos antes de minha aparição em sua classe, na verdade, sala de sua casa. Hoje, com o AEE, vejo como nós, eu e minha professora, estávamos distantes de qualquer proposta de atendimento especializado sobre minha baixa visão. Tive todos os motivos para odiar estudar música, ler bolinhas pretas entre linhas e espaços impressos tão pequenos era uma tortura. Sempre, quando tinha uma chance, enquanto a professora ia ver o feijão que aprontava na cozinha, levava as pautas aos olhos e bem pertinho, decorava os trechos com muita facilidade, além de entender muito rápido, mesmo antes de ter noção das estruturas formais da música como, motivos, frases e movimentos.

Em casa via que meu pai se debruçava para ouvir minhas poucas notas em uma apneia enorme, pois a flauta doce, meu primeiro instrumento, tinha um defeito, toda vez comentado pela Dona Ignez e eu, com pena do esforço do meu pai por comprar aquela maravilha alemã, escondia que a mesma não servia. Nessa altura, é fácil perceber que meu maior problema não era ter pouca visão, mas driblar todas as considerações da metodologia mais que rígida da professora. Nessa época e nem agora me vejo com potenciais extraordinários para a música. Na verdade, tudo é tão difícil quanto antes, as horas de dedicação são fundamentais.

Não sei como, mesmo que isso pareça totalmente contraditório dentro do corpo desta ou qualquer tese, aprendi a tocar. Talvez esses processos ocultos sejam motivos encorajadores para outras pesquisas. Fui uma acomodação paulatina de tarefas auto adaptativas como propõe Schafer (1991) quando aborda nossa primeira percepção do mundo sonoro. Aprendi a tocar violão com os amigos, e interpretava as harmonias dentro de suas cadências, com uma força para um batismo de cada grau ouvido, ou seja, queria dar nome para cada acorde por entender a força tonal exercida dentro da música.

Na faculdade, nas aulas de harmonia, vim finalmente saber sobre tônicas, mediantes, subdominantes, sensíveis e outras, nomes dados para as harmonias, me causando um enorme conforto, pois achava que o requerido batismo de antes era uma pequena loucura de minha

cabeça.

Música na minha cabeça e de meus pais, principalmente de meu pai, um músico em potencial, era a própria partitura. Mesmo que alguma força me levasse para uma atuação mais livre, autoral e improvisada, tive muita atenção ao que existia escrito no pentagrama. É impossível dizer quantas vezes reforcei as notas com uma caneta de ponta porosa ou mesmo esferográfica para poder ler. Passei a sentir os tons, nunca fui de dizer que tom, em outras palavras, quando entro em uma música para tocar, percebo o tom e minha mão esquerda busca o acorde no violão pelo o que sinto, não me vem a cabeça uma nota como G ou F, vem a sensação e aí, muito rapidamente, vem a técnica e identificação do tom pela letra da cifra. Tudo isso acontece muitíssimo rápido, mais como a definição de Schafer (1992) sobre o ouvido absoluto, não se tratando de dar nomes às notas, mas, dar vazão ao sentimento por eles.

Se dentro das classes de aula de música eu nunca vivi um atendimento específico, imaginemos juntos como era nas formações orquestrais que trabalhei em minha cidade. Sou de uma época em que não existiam celulares e nem mesmo a *internet*. Hoje, facilmente andamos com um afinador, metrônomo, dicionário de acordes, cifras, partituras, tablaturas e muito mais, dentro dos *smartphones*.

Naquele tempo, ou sabíamos ou não sabíamos, tocávamos em uma formação popular e sem contabilizar, sempre me via em apuros para tocar uma música nova, harmonias elaboradas e sem apoio de ninguém, somente um tom dito quase sempre pelo baixista e tudo se acertava. Em contato com outros músicos na academia, vi que a minha escola popular não era simples e comum como imaginava. Percebi como certas coisas na música eram bem difíceis quanto a qualidade das oportunidades da prática. Para melhor dizer, fui o músico não pela minha deficiência, mesmo porque meus pares nem sabiam ao certo o que eu tinha de fato, me chamavam de Cego, ou Galo Cego, mas nenhum tratamento diferenciado eu pude obter por eles.

Com o tempo, fui perdendo o medo de tocar somente com o ouvido, sabia o caminho exato de cada movimento harmônico e afinava meu instrumento pelo som guardado de cada corda com muita precisão. Não existiam mais acordes elaborados, mas sensações do encontro dos intervalos de 9ª, 4ª e outras mais. A música clássica, como conteúdo dentro da academia, me trouxe acomodação das ideias, porém a liberdade expressiva, o tudo pode, está no distanciamento de uma leitura formal e felizmente, no meu caso, é assim que me sinto musical e pleno. Todavia, não seria justo desassociar uma coisa da outra, elas se complementam e nem cabe dizer quem veio primeiro.

Atualmente, não tenho mais leituras de tipos gráficos impressos em tinta, ainda que muito ampliados, os vejo, mas não os entendo. Continuo me preocupando em fazer música, não penso sobre a deficiência. No entanto, a cada evolução do processo de perda do meu potencial visual, passo a me sugerir novas formas de apreciar e tocar o meu instrumento. Partindo do que colabora Sá et. Al. (2008), sabemos que há uma base de procedimentos para o atendimento de pessoa com baixa visão, doravante PBV, sendo cada caso, especificamente analisado para emprego dessas adaptações. Eu sempre fiz minhas próprias adaptações, descobri caminhos para a leitura e não paro de encontrar processos de criação dos meios facilitadores para o meu desempenho e lazer.

Apreciando os escritos levantados para esta pesquisa pode-se verificar como ler música em Braille ou em pautas ampliadas é sem dúvida um caminho, mas a arte é livre e de um modo mais evidente que os casos regulares de ensino, não são os únicos meios para fazer e ser musicalizado. Os meios computacionais são ferramentas poderosas para a deflagração de qualquer processo, Keenan&Finck (2016) associam a ideia do aumento da oferta de vagas no ensino superior por parte da qualidade dos meios de comunicação mais inclusivos. Em Fantini (2016), vemos como dentro dos grupos de trabalho dedicados a educação musical especial, a tecnologia é fundamental e cada vez mais presente.

Como recurso, trouxe minha realidade e parte de minha história relacionada ao emprego da música na trajetória que vim seguindo. Faço aqui, para dar clareza ao que teremos como exemplo de vida verossímil sob outras narrativas no próximo capítulo, saber que meu, ou melhor, nosso contexto, sendo uma abordagem de origem amazonense, tem a mesma relevância e pertencimento para a criação de momentâneos paradigmas para a educação e a vida profissional de músicos cegos no decorrer de nossa história. Assim, peço licença aos apreciadores desta proposta para minha entrada como agente participativo, pois muito se perde pela ausência de testemunhos sobre as mentes privadas de um dos sentidos, e sendo ciência, cabe entender como tudo tem um sentido e valor nas mãos corretas e interessadas.

## **1.2. Superação não é adaptação: reflexões sobre o aspecto da baixa visão**

Uma das maiores conquistas da PBV é o reconhecimento de sua condição, tanto consigo e principalmente com os outros. Passei os três primeiros anos após o meu diagnóstico de Stargardt sem saber se de fato eu era uma pessoa com deficiência. A “deficiência” é uma palavra muito forte e mudar de uma condição para a outra, mesmo com quinze anos, não foi

uma tarefa fácil de entender. Com isso, vivia perdido entre os que viam normalmente e os que não viam nada, quem eu era? Silva et, al. (2019, p.04) diz que “[...]os variados tipos de desenvolvimento atípico são marcadores sociais, e não algo meramente biológico”.

Muito do que prescrevo faz sentido nos apontamentos de Vigotski (1997, p.99), ainda pela interpretação das potencialidades indicadas no campo sociocultural. As relações de convivência são preponderantes, tanto em saber conviver, quanto em saber ser a partir das observações locais, neste em um grupo focal de cegos. Para ele, “não se pode resumir a deficiência a uma falta de visão (o defeito de um órgão singular), mas deve compreender a existência de uma reestruturação muito profunda de todas as forças do organismo e da personalidade”.

No estudo de Oliveira (2014) sobre relatos de músicos cegos, podemos identificar momentos de aceitação e entendimento nos sujeitos da pesquisa, porém o autor faz sua verificação com DVs consagrados, ou seja, pessoas que se reconhecem como tal. Por isso, é importante que algumas afirmações sobre a deficiência visual venham acompanhadas da condição e momento da aquisição da cegueira. Em resumo, podemos nascer cegos ou com baixa visão, ou adquirir ao longo da vida. Pré e pós-linguísticos respectivamente.

Assim, mesmo diante do não funcionamento, ou de funcionamento parcial, de um órgão sensorial que possibilita a visão, a cegueira não pode ser associada diretamente a uma desvantagem social, mas, sim, com as possibilidades e os estímulos para a compensação que está diretamente ligada ao desenvolvimento psíquico (SILVA et. Al. 2019, p.03).

Logicamente, tantas variáveis como momento da perda da visão, idade, condição socioeconômica e cultural, fazem das relações interpessoais algo plural, diversa e intrigante (Sá et, al., 2008). Eu só passei a entender quem era, quando me aproximei de fato dos meus pares na Associação de Deficientes Visuais do Amazonas, a ADVAM. Lá, diante de inúmeras realidades, pude comprovar e dar eco às minhas necessidades. A convivência me possibilitou ter calma para observar que existem mais caminhos além do convencional. Diante destas, quando fui funcionário da SEDUC-AM, trabalhando dentro de uma escola de apoio pedagógico para pessoas com deficiência visual, criei no meu setor, oportunidades de envolvimento para que os atendidos, pessoas pós-linguísticos, pudessem conviver com os pares, para que todo o serviço pedagógico surtisse efeito.

Os momentos que permaneço na rotina da ADVAM, mesmo em grupos de conversa em redes sociais como o *Whatsapp*, me fazem bem, sinto, sem desmerecer outras sociedades como a do fazer acadêmico e família, que na associação temos os mesmos interesses e

compreensões. Fernandez (1997, p.01) em seus estudos de defextologia, apoiado nas considerações de Vigotski (2011) resolve que, “desenvolvem-se as particularidades que não podemos notar nos videntes e é necessário supor que no caso de uma relação excepcional de cegos com cegos, sem nenhum tipo de relação com os videntes, poderia surgir uma raça especial de homens”.

Hoje, por meio das leituras que faço e o acompanhamento médico, este último muito pequeno e envolvido com as relações do *psique*, sei que nasci com a síndrome, e lembro-me de pontos específicos e comentários de outras pessoas em relação a minha aproximação da TV, de como piscava muito e de sempre estar com a testa franzida nas fotos com claridade solar. Os ensaios de Vigotski (2011) sobre a cegueira revelam que a baixa visão refaz a personalidade. Em um jogo de fatos e sorte, tenho a música presente como desejo e amor antes de possuir consciência de que seria uma PBV. Fernandez (1997, p.02) colabora dizendo, “a cegueira, ao criar uma formação peculiar da personalidade, reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psiquê da pessoa”. Desse modo, a convivência com videntes deixa claro inclusive a relação de valores, ler uma partitura, sendo bem sincero, é um desejo inenarrável quando não se tem baixa visão.

Se Silva (2019, p.03) hoje, ainda escreve, “[...]os estudantes com deficiência enfrentam cotidianamente o preconceito, a insuficiente infraestrutura e a falta de capacitação dos profissionais para lidarem com as necessidades educativas especiais”, faço um convite à reflexão de como era a vida escolar, principalmente dentro da educação superior, de minha formação. Em meus 23 anos de vida acadêmica e posso afirmar: muita coisa mudou para melhor, porém, a própria existência deste texto revela uma necessidade constante de mudanças e assim vamos caminhando.

Do momento do diagnóstico até hoje, perdi, na progressão do Stargardt, mais de 95% da capacidade de ver. A música me traduz durante todo o processo gradativo das perdas, me fazendo mais forte para enfrentar as novas etapas adaptativas. Neste paradoxo, ao mesmo tempo que perco, ganho pelo defeito visual, possibilidades de manifestar novas capacidades, novas rotinas e encontrar outras grandezas para a vida.

Não existe superação. Entendo como muito injusta considerações atribuídas, principalmente em meios de comunicação, sobre “histórias de superação”. Parto de uma confirmação da alta qualidade de adaptação resultante na melhoria da vida. Todavia, me encontro “com meus botões” pensando como seria a vida sem o Stargardt?. Fica sempre o desejo que a medicina avance, que em um momento escutaria no noticiário a cura para doenças degenerativas da retina, que surgiram recursos verdadeiramente acessíveis para a

leitura de partituras e outros itens, que voltando aos valores acima citados, refletem desejos que não combinam com superação. Por outro lado, ainda que estes mesmos itens não surjam, vamos ter que viver e queremos ainda estar vivos e para isso, a saída é se adaptar.

O foco de Fantini et, al, (2016) quando aponta o estado do conhecimento em relação a artigos dedicados a associação da música com a deficiência, nada se vê considerando a adaptação partindo da pessoa com deficiência, ainda pensamos só nas competências de professores e escolas. No entanto, o deficiente, como valoriza Vigotski (1997), traz, na sua proporção e de igual valor colaborativo, capacidades e essas, precisam aflorar. Com isso, é vista uma realidade de insuficiência estrutural, aspectos mais deficientes que o próprio indivíduo que é atendido e decorre nessas falsas interpretações de “superação”.

Assim, observa-se que as relações interpessoais em torno da pessoa com deficiência são marcadas dramaticamente pela ausência de condições materiais e, em se falando do espaço escolar, pela falta de ações pedagógicas e interpessoais condizentes com o seu modo de aprender (SILVA, 2019, p.03).

Sobre muitos aspectos, ainda vivemos certo misticismo em relação às potencialidades de cegos. Lendo Fernandez (1997) é possível esclarecer como a sociedade ao longo dos tempos vê o cego como alguém iluminado, mais visível pela espiritualidade e dono de certos poderes cujo benefício servia a Deus. Contudo, a ciência, dotada de seus princípios e direções, trouxe uma nova configuração da realidade cega, esgota posicionamentos místicos para dar vez à cognição e valores modernos das capacidades. Dessa forma, o debate é intenso e exige muita reflexão, envolvem vidas e tendências e como objetivo, privilegiar a criação de um mundo mais inclusivo.

### **1.3. Lentes físicas e lentes virtuais**

Em relação às lentes, eu usei por anos uma lupa de apoio<sup>1</sup>, igual a de joalheiros, pendurada no pescoço. Essa mesma lente, na minha rotina de atividades diárias, ajudava a ler qualquer coisa como bulas de remédio, preços de produtos, documentos do estudo, entre outros, ou seja, qualquer leitura rápida. A lente de ampliação de 60x me auxiliava em tarefas comuns.

Vale comentar que tal recurso não se aplicava a leitura de um livro, por exemplo. Ler

---

<sup>1</sup> Lupa normalmente pequena e grossa, seu uso é direto nos olhos, por isso se chama de “apoio”, ela não serve para observações a distância, pois tudo fica melhor lido quando o texto, lente e olhos estão bem próximos um do outro. Em outras palavras, para ler com essa lupa, é preciso levar a lente junto do olho, papel junto do nariz e focar com resíduo visual.

textos extensos requer muito esforço e a lente, no caso dessa explanação, era grudada ao olho e só permitia rápidas incursões por me deixar tonto se demorasse muito tempo usando-a. Com uso dos *smartphones*, esse tipo de leitura está garantida e afasta a necessidade do acompanhamento diário da pequena e pesada lente de joalheiro.

Em modo de adaptação, temos as próprias lentes das câmeras dos aparelhos servindo da mesma forma para ampliação imediata como se faz com a lupa. Em casos mais específicos e de mesma ordem, tiramos uma foto do documento e ampliamos a imagem para a leitura do conteúdo textual ou gráfico em cada caso.

Além da lupa de apoio, temos a telelupa, esta tem servido para ver a distância. Funciona identicamente a uma pequena luneta e nos acompanha guardada na bolsa. É recomendada para ver o itinerário de ônibus, numeração de casa, placas, assistir a uma peça de teatro e qualquer outra tarefa de acuidade distante. É de prescrição médica, pois existe em diferentes potências, 2x, 4x e 8x, por exemplo. Posso dizer, assistir a uma televisão ou a um espetáculo teatral com a telelupa, era um bom avanço, por outro lado, cansava muito rápido, somente um olho era usado e por isso, sentia ânsia de vômito. Com *tablets e smartphones*, essa tarefa ficou muito mais simples e confortável. Ainda que tenhamos muito a amadurecer, pois donos de estabelecimentos de espetáculos não permitem o uso de dispositivos luminosos ligados nas plateias, quando isso é possível, temos os dois olhos abertos observando, por meio da magnificação da lente dos dispositivos, qualquer apresentação.

Com isso, atualmente a leitura de partituras é feita exclusivamente por foto. Obtenho com o celular todas as imagens das páginas, organizo com recorte e aparas, amplio cada trecho e toco. Obviamente que a leitura à primeira vista, nesse caso, é algo totalmente próprio de uma situação clara, lemos, porém paramos compasso a compasso para mudar a imagem de posição. Ainda não conheço uma aplicação computacional que faça essa tarefa, ampliar um compasso de cada vez, mudar na hora em que vamos executando e parar na hora desejada, além, é claro, de voltar imediatamente aos compassos anteriores como é feito em qualquer estudo. Sonhar, se me permitem dizer assim, não custa nada. Seria ótimo ter algo nesse sentido.

#### **1.4. Material didático ampliado**

Como diz Sá et. Al.(2008), para PBV podemos oferecer textos ampliados com fonte clara do tipo Tahoma, Verdana e preferencialmente, Arial. O tamanho varia entre 18 e 24 pontos, gerando respectivamente textos volumosos fisicamente. Eu, durante a graduação não

possuía um computador e por isso, ia frequentemente à reprografia redimensionar os textos oferecidos pelos professores em suas disciplinas. De certo modo, aquilo me impulsionava a estudar, via como era difícil preparar, ler e acima de tudo, todas às vezes, diante de algum colega novo, explicar porque usava folhas de papel tão grandes. Cardozo e Silva (2014) se referem ao poder da qualidade da aceitação do comportamento alheio. Mesmo que tais corriqueiras explicações sobre a minha condição, ali exclusiva fossem cansativas, ao mesmo tempo, lembrava por viver isso sempre, que as pessoas não tem obrigação ou condições de tudo saber, principalmente no meu caso. Sou muito sincero ao dizer que não existem superações, mas sim, casos de altíssima adaptação. Não é possível negar que hoje eu me sinto superado, ao contrário, volto a cabeça ao travesseiro, em noites alternadas e penso, poderia não ser assim. A vida com barreiras, sejamos francos, não é fácil, mas é a vida que temos.

Com a chegada dos celulares aos nossos bolsos, todo o viés investigativo de antes, ampliação, mudanças de tamanho e modelo de fonte, ficou infinitamente mais fácil. Se a PBV tem acesso a um conteúdo literário nos formatos “.docx; .pdf; txt”, entre outros, tudo se resume a uma leitura ou escuta dentro das propriedades de um PC ou *smartphone*. Vejamos esta tese, por exemplo, é escrita por meio de uma lente virtual ancorada no topo da tela do PC (Figura 01), os textos de referência são lidos e extraídos por meio de ampliação do Bloco de Notas (Figura 02), a escuta do tratamento dos dados ou parte escrita é de responsabilidade do DSpeech (Figura 03) e com os arquivos “\*.pdf”, uso o Adobe Acrobat ou o iBooks no Telefone iPhone X para escuta rápida de todo o texto ou livro como primeira leitura.

No caso de leitura e escrita de partituras, uso preferencialmente o Sibelius, um programa editor ao PC, que amplia qualquer trecho da pauta musical e me favorece emitindo sons imediatos de cada nota inseria Usei durante anos o Encore, porém, diferentemente do Finale, Musescore e Sibelius, editores semelhantes, esse não ampliava as partes o suficiente para a minha leitura. O Reconhecimento Óptico de Caracteres Musicais (MOCR) ainda não é um recurso tão bem avançado como o que acontece com textos literais. Em alguns casos, uso o Photo Score que reconhece a partir de imagens de partituras os símbolos pertinentes e transforma em arquivos “\*.MXL”, ou seja, passivos de serem abertos pelos mais difundidos *softwares* de editoração de partituras, *Finale*, *Encore*, *Musescore* e o *Sibelius*. Outro caminho é obter MIDIs, formatos de música digital para abertura delas dentro dos programas acima mencionados.

No livro AEE Deficiência Visual, MEC, de 2008, p.21, Sá et.Al. descreve que a leitura para PBV deve ser favorável no sentido de ter:

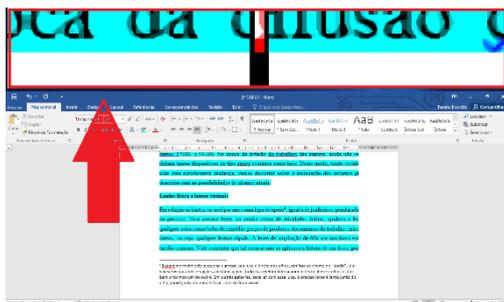
Acetato amarelo: diminui a incidência de claridade sobre o papel. Plano inclinado:

carteira adaptada, com a mesa inclinada para que o aluno possa realizar as atividades com conforto visual e estabilidade da coluna vertebral. Acessórios: lápis 4B ou 6B, canetas de ponta porosa, suporte para livros, cadernos com pautas pretas espaçadas, tiposcópios (guia de leitura), gravadores. Softwares com magnificadores de tela e Programas com síntese de voz. Chapéus e bonés: ajudam a diminuir o reflexo da luz em sala de aula ou em ambientes externos.

Com todas as indicações previstas pelas autoras, podemos verificar que as soluções propostas como inclusivas de uma inclinação do texto em relação a postura do aluno, intensidade de luz no material lido, ampliação de fontes e tipos gráficos, síntese de voz e uso de letras em negrito e pautas ampliadas, se resumem ou estão contidas, confortavelmente, dentro de um PC, *smartphone* ou *tablete*.

Veremos isso nos processos descritos abaixo a partir das imagens oferecidas:

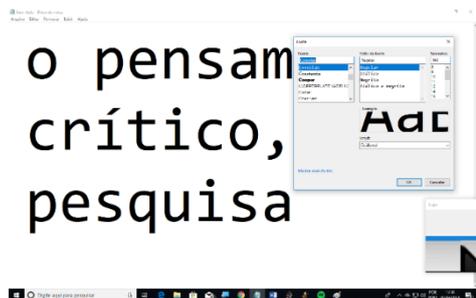
**FIGURA 01:** Lupa virtual ancorada



Fonte: Criada pelo autor. *PintScreen*

Os sistemas operacionais possuem recursos muito avançados de acessibilidade. Um exemplo é a Lupa do Windows, em que cada preferência, pode ficar ancorada ao topo (Figura 01) e tudo que é redigido com o teclado do PC, se apresenta ampliado, também segue o cursor do *mouse*, tendo configuração de ampliação em mais de 1000% em conformidade com a demanda de visão do usuário. Para PBV é um dos recursos mais difundidos, mesmo que diminua a área de abrangência da *interface* dos programas, por outro lado, reduz a invisibilidade em níveis muito altos de acesso aos menus e botões de cada sistema. A Figura 01 é um exemplo de uso com o Word, porém a lupa fica ativa desde o momento que se inicia o PC, sendo usada ininterruptamente em qualquer *software* aberto. Contudo, é uma medida de equivalência em alto estado de conforto das lentes convencionais, que ao computador, por meio da realidade virtual, ampliam sem causar cansaço ou tonturas.

**FIGURA 02:** Leitura com o Bloco de Notas



Fonte: Criada pelo autor. *Print Screen*

Na figura 02 o texto copiado está inserido no do Bloco de Notas. Brandão(2016a) faz proposição de canais de leitura que deem ao leitor a satisfação de ler, possibilidades que tragam à tona, por conta da concentração e interpretação, o melhor de cada objeto escrito. Ao que se ilustra com o Bloco de Notas, temos uma ação adaptativa, ou seja, a aplicação não foi criada com essa finalidade, por outro lado, possui um conjunto de propriedades de configuração que beneficiam a leitura ampliada.

Em primeiro ponto, podemos atuar com fontes de tamanho diverso, na Figura 02, se tem Fonte 140, *ripoconsolas*, fundo branco e letras pretas. Imaginemos a quantidade folhas que teriam sido usadas para produção de um simples texto de 2032 palavras. Além destes enquadramentos, a leitura é feita no ângulo adequado para a postura do leitor, não forçando o mesmo para se debruçar em cima do texto. Keenan&Finck(2017) quando acusam o aumento relevante da entrada de DVs no ensino superior, verificações como esta, usando o Bloco de Notas, são predeterminantes para o sucesso acadêmico dos alunos incluídos, dado o aumento de textos pertinentes de um curso superior.

Nesse sentido, falamos em defesa da liberação de títulos passivos de seleção e cópia dos caracteres, pois assim, a leitura tanto pode ser feita pela Síntese de Voz, quanto, no Bloco de Notas, até mesmo quando se pretende efetivar citações diretas dentro dos textos escolares.

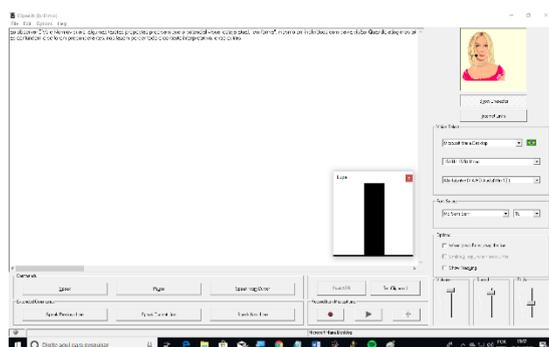
No meu caso, tenho um limite diário de permanência visual. Em outras palavras, funciona como se eu tivesse uma cota de visão por dia, quando alcanço tal ponto, passo a não ter mais condições de concentração direta, principalmente com textos. Malheiros (2017) diz ao observar DVs e Normovisuais, que algumas tarefas propostas precisam que o potencial visual esteja atual, “em forma”, mesmo em indivíduos com baixa visão. Quando atingimos tal limite, um dia de leitura, por exemplo, um recurso bastante aplicável é a Síntese de Voz. Melhor explicando, é quando o PC, *tablet* ou *smartphone* fazem a leitura em voz alta de textos selecionados.

Uma das estratégias para aquisição dos conteúdos para esta tese, foram as leituras de

teses, e dissertações e livros, feitas por escuta em deslocamento, tempos livres e horas dedicadas a redação do trabalho. Existem pontos positivos e negativos, respectivamente, citamos a agilidade e usabilidade de leitura enquanto nos deslocamos de ônibus, por exemplo. Como negativo, uma leitura de livro, temos que ter bastante atenção, procurar decorar em qual página está sendo feita a leitura, caso apareça uma boa referência, sumários sem conformidade com o número da páginas real, atrapalham e deixam lenta e estressante a audição do texto, imagens mal legendadas confundem e se forem preponderantes, nos fazem perder todo o contexto interpretativo, entre outras.

Portanto, quando preciso ler algo muito extenso, uso o DSpeech (fig. 03) gratuito e dou preferência por vozes masculinas, estas encontradas para *dowloundna internet*, modelos privados ou livres. Os passos são simples, cola-se todo o conteúdo literário dentro da caixa maior da *interface* do *software*, aperta-se “speak” e imediatamente se ouve o texto colado em VOZ.

**FIGURA 03:**Interface Programa DSPEECH



Fonte: Criada pelo autor. *Print Screen*

Desse modo, o processo de leitura fica mais ágil, transparente e acessível. Com as novidades das Tecnologias da Informação e Comunicação(TIC), esperar por uma adaptação de um texto em fonte ampliada, ou ainda pior, em Braille, virou coisa do passado, pois como sugere Finck (2016), o professor deve saber de sua competência em aproximar os recursos de acordo com a realidade de seus alunos, neste caso, entender que existe leitura mais rápida e eficaz sem ser o Braille, e, se tudo for disponibilizado a tempo, as cobranças avaliativas se tornam únicas e mais inclusivas.

Observando desejos de ser e vir a ser dos sujeitos para esta pesquisa, temos como preponderância de suporte, os relatos coletados em proposta direta. Porém, uma vez interpretada pela orientação deste estudo, não devemos confiar em uma boa interpretação sem relacionar formação educativa e o aprendizado solitário dos atores investigados por este projeto. Em outras palavras, muito se espera através do viés que parte da observação e da auto

aceitação de quem participará do estudo. Desse modo, faz-se presente uma verificação de currículos pedagógicos da formação de professores de música para o ensino inclusivo e especializado.

Para as bases, o modelo investigativo se adequa ao que inconscientemente os sujeitos deixam escapar em suas palavras por meio de conversas e depoimentos. Em acordo com essa feita metodológica temos a participação confirmada dos músicos cegos Claudionor Batista e David Assayag, ambos relacionados com o Festival Folclórico de Parintins, além de biografias espalhadas pela *internet* de casos clássicos de DVs em condições semelhantes aos sujeitos mencionados acima.

Nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras ou em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias de professores (SOUZA, 2006, p.23).

Queremos constituir com o método narrativo a subjetividade dos relatos individuais. Tais memórias carregam em si, além dos aspectos particulares, elementos que colaboram para uma composição da imagem histórica de determinadas épocas e contextos. Acreditamos no potencial de agrupamento de valores, por esta prática, o enriquecimento dos dados coletados e análise dos resultados, configuram-se para novos caminhos, na perspectiva de uma Amazônia educacional e avaliativa dos processos comuns de afirmação pela diversidade humana.

A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos. Também porque as biografias educativas permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre as relações de ensino aprendizagem, sobre a identidade profissional, os ciclos de vida e, por fim, busca entender os sujeitos e os sentidos e situações do/no contexto escolar (SOUZA, 2006, p. 136).

Reconhecendo a interdisciplinaridade local da pesquisa, daremos valor aos aportes de intenção médica ao que se refere a compreensão do ocorrido clínico da deficiência visual. Revisões literárias que privilegiem novas formas de contar a mesma história, neste caso, conteúdos de caráter para uma educação mais inclusiva, nos fornecerão a clarificação necessária para o delinear do visível do invisível, dimensionando outras formas de transcrição do mundo que vivemos.

Neste caminho, ainda se tratando da subjetividade dos relatos, dar vez e voz ao comum de talvez uma cultura ainda obscurecida pela falta de oportunidade, trazemos com

consistência o singular de cada auto compreensão de ser e querer ser um músico ainda em condições específicas de cegueira. Com isso, muito se revelará ao mundo como processos de enfrentamento, não somente dos dados objetivados que dispomos neste, mas de outras possibilidades de aplicação dos princípios ou mesmo mecanismos para soluções emergentes para as dificuldades que impõe cada deficiência.

Na abordagem sob a perspectiva da narração, teremos como função predominante a visão do mundo ou percepção subjetiva deste. Em reflexão sobre ver mesmo no invisível, tendo como linguagem a música para dimensionamento dos valores existenciais dos sujeitos investigados, poderemos dar garantia do visual transcrito de ambientes percebidos por sentidos remanescentes e logicamente pouco habituais. Trazendo como exemplo as imagens olfativas de determinadas paisagens que comumente são mais válidas pelo sentido visual.

Biografias coletadas para o debate, nas suas devidas proporções, deverão trazer consigo processos de percepção desenvolvidos como mecanismos de comunicação e integração com o meio. Cada condição histórica a que se pretende envolver, fatalmente colabora com realidades ainda recobertas por brumas do distanciamento e pouco envolvimento das práticas pedagógicas nas escolas de hoje. A relação entre a música e a deficiência visual concorre como um enquadramento sócio cultural inventado na cabeça de muitos. A música em si, valiosa pela beleza e admiração dos seus e a cegueira ligada justamente pela escuridão tradicionalmente cultivada em nossa consciência coletiva.

A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos. Também porque as biografias educativas permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre as relações de ensino aprendizagem, sobre a identidade profissional, os ciclos de vida e, por fim, busca entender os sujeitos e os sentidos e situações do/no contexto escolar (SOUZA, 2006, p.136).

A partir desse quantitativo de sujeitos iremos perseguir a ideia de difusão das dimensões do músico cego e atrelar a isso, verdades diante dos mitos, quase exclusivos, da possível superdotação na prática musical por pessoas que não enxergam.

Nessa engrenagem de espaço e tempo, relacionando-se com as habilidades, em hipótese, de um grupo étnico social, vamos acumular os índices mais proveitosos de recursos tecnológicos que possibilitem a ultrapassagem de barreiras impeditivas da situação de cegueira. Os últimos dez anos foram promissores no sentido da aquisição de elementos de acesso e que também proporcionam acessibilidade, trazendo à tona, talentos para uma

oxigenação de suas culturas e potencialidades. Assim, é válido comentar sobre o que representam aparelhos celulares nas mãos de quem não vê, mesmo que estes caminhem por vias que privilegiem a visão.

Ainda nesse mesmo sentido, nos colocamos aqui abertos às críticas, eu e minha orientadora, sobre as consequências de uma tentativa inovadora para o aprimoramento do acesso aos títulos necessários para a escrita deste estudo. Nossa tese, vive sem julgo de valores pela modéstia, duras condições de aceitação pela parte da produção de material para a própria pesquisa.

Em outras palavras, contida na autobiografia que vamos também conferir, vimos o quanto há de obscurecido o mundo literário para as pessoas sem visão. Sabemos que é um caminho elucidador e neste haverá pedras e espinhos, reflexões pouco verdadeiras para uma sensação do que realmente queremos ver, porém, o tratamento dos livros e referências diversas aplicadas neste projeto de tese e por consequência na mesma, fará parte de mais um processo descrito, talvez narrado, para o aumento do conhecimento geral daqueles que se interessam em nos assistir.

[...] o pressuposto sobre o qual se assenta a proposição descrita nos relatos de formação/narrativas autobiográficas é o de que esse processo favorece para os sujeitos a reconfiguração de suas próprias experiências de formação escolarização e enseja uma tensão mais acurada para com as situações nas quais se responsabiliza pela formação do outro (CATANI, 2003<sup>a</sup>, p. 127).

Estaremos diante de objetos clássicos e de fácil conceituação pelas mais diferentes frentes do conhecimento, no entanto, será necessário trazer a música e a cegueira equalizadas como experimentações, fatores sensíveis a sensibilizar leitores. Uma única pergunta tem diferentes respostas quando a verdade sobre o que é a música se apresenta. Do mesmo modo isso acontece com a cegueira. Por cautela e respeitando quem nos lê, a música na cabeça de um músico experiente possui desenhos cognatos, imagens sensoriais de um conjunto de momentos que impregnam as melodias e nos fazem reter o som. Propor o confronto dessas percepções entre videntes e cegos, promete arrumar o quadro das suposições e quem sabe, iniciar uma nova conjectura da arte musical. Sendo este, claramente identificado como um estudo dentro das lateralidades de nossa região, sendo esta música propriamente nossa, diferente dos outros modelos mundo afora.

As biografias dos sujeitos musicais são como instâncias formativas. Onde a música nos dimensiona? Em que momento esse processo acontece? Quais mecanismos são ou não percebidos entre a música e a cegueira? O que é o visível do invisível? Entre outras, são

questões mais recentes do desenvolvimento desta tese, dando valor às memórias e voz de quem se apresenta a colaborar. Diante disso, onde se aproximam as práticas perceptivas musicais entre pessoas com ou sem deficiência? Existem mesmo potencialidades mais evidentes para a música pelos cegos? Como o mundo vem vendo tudo isso e onde residem as verdades do senso comum?

Para levantamento dos dados e relatos, privilegamos essa primeira parte da pesquisa. Muitos atores contactados confirmaram suas participações e todos de acesso rápido e facilitado. As biografias preferidas estão contidas na *internet* em títulos publicados como memórias e narrações não-autorizadas, além de filmes e documentários.

O uso de recursos tecnológicos se inicia na composição deste projeto, são Reconhecedores de Caracteres Óticos(OCR), editores de partitura com ampliadores das pautas, conversores da escrita convencional da música em musicografia Braille, leitores de tela, editores de áudio por comandos alternativos, verificação de currículos de formação de professores de música que privilegiem horas de educação inclusiva, entre outros, “Assim pode-se afirmar que a importância deste tipo de pesquisa está justamente nesse olhar que se volta para si mesmo e auxilia o sujeito a compreender seus processos de formação e a influência do contexto e do outro em sua própria constituição” (BOLDARINE, 2010, p.39).

Pensamos que no caso da educação/música/cegueira, mesmo que pareçam estar dissociadas, nossa pesquisa ganha justamente pelo valor de uma proposta de conjunção desses saberes. Do ponto de vista pedagógico o debate pretende a partir das categorizações do sujeito, redimensioná-lo, abrir os portões de acesso a sua luz interior, dando dessa feita, mais um modelo de visualização de suas potencialidades. Em segundo lugar, a música é infinitamente emotiva para se resumir em linhas e colcheias convencionais, pois se tratamos a mesma como imagem sonora de nosso sentimento, revalido que todos, sem exceção sentem, tendo ou não condição de ver o mundo com os olhos, dando ver ao que o coração deseja escrever. E por fim, visão eficiente do invisível, cada vez mais colorida que escura, dando cor inclusive ao preto, sendo sensorial pela quantidade de possibilidades ainda desconhecidas que habitam o que teremos revelado pelos relatos de quem tem mais voz que visão.

Desse modo, nós, orientando e orientadora, partiremos para uma viagem que me convoca pela primeira vez a dizer quem sou e ao mesmo tempo quem quero ser. É uma jornada de letrados que acusam os mais diferentes desafios, onde serão puxadas as pontas do emaranhado de fios das perguntas que nos movem, além do desejo de contribuir para uma aproximação entre o mundo de todos para o mundo realmente feito para todos. De fato, o que queremos é a inclusão.

Portanto, nossa tese versa sobre as relações dos processos de acessibilidade por parte do ensino, relações interpessoais e prática musical com pessoas com deficiência visual. Ao mesmo tempo, como possui narrativas autobiográficas sob o viés da baixa visão, trata do levantamento dos últimos e mais conceituados *papers* aproximados da arte musical e a situação de impedimentos causada pelas barreiras da rotina de vida diária de cada um. Ferreira (2002) indica que contabilizamos mais de 20 anos de pesquisas dedicadas ao desafio de mapear produções acadêmicas sendo teses, dissertações, artigos em periódicos e anais, como fundamentais para a aquisição dos parâmetros do desenvolvimento intelectual de futuras investidas em qualquer área (Silva, 2016).

Conhecida como “Estado do Conhecimento”, esta se ocupa de realizar “[...]uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar[...]”. Nesse momento, nos invade uma necessidade de saber como os materiais defendidos no Brasil se comportam de acordo com o que projetamos a investigar. Ao longo do surgimento e fortificação dos programas de pós-graduação, tais investidas são facilmente aceitas pela quantidade de tempo e possibilidades quantitativas de objetos para entrada em nosso catálogo. Sendo assim, faremos buscas nos mais importantes repositórios nacionais que contenham dados como teses, dissertações, capítulos de livros e artigos, completos e de acordo com as devidas formas de referenciação nominal.

Em outro momento da história, tal esforço seria provavelmente impossível de ser exercido em tamanho espaço de tempo. Hoje, com a *internet*, o caminho percorrido para alcance dos dados é mais fácil. Por outro lado, como pudemos perceber durante esse levante, ainda temos muito a evoluir, nem sempre os começos de busca são eficazes, *interfaces* de pouco contraste de cores cansam os olhos, *sites* sem padrões específicos dificultam a agilidade de observação e por consequência, a qualidade da busca, lentidão de acesso, entre outros. De acordo com Keenan Junior & Finck (2017), certas preocupações devem ser tomadas quando pensamos na acessibilidade, principalmente da leitura em níveis de ensino superior para pessoas com baixa visão. A quantidade de itens apreciados, sumários e letras de diferentes fontes e tamanhos, dependendo do tipo de deficiência visual, causam cansaço excessivo e precoce.

Desse modo, o auxílio de plataformas de busca mais comprometidas, não somente com os sujeitos citados acima, mas também pensando no conforto global, encorajaria outros estados de conhecimento para o enriquecimento da comunidade acadêmica.

Podemos destacar uma linha de avanços ao acesso dos estudos para a mapeamento do Estado da Arte, inicialmente, as universidades ofereciam catálogos impressos em formulários

contínuos, mais tarde, os dados eram distribuídos em CD-ROMs, cumprindo um ciclo quase efetivo de ampla divulgação, e por fim e ainda em desenvolvimento, a criação de espaços dentro dos portais de instituições para avaliação total, dispostos em Documentos de Formato Portátil (pdf), seguros e leves para transferência entre conexões via *internet*. Para Ferreira (2002, p.03), isso é um reflexo das exigências de “[...]uma sociedade que vê a universidade como prestadora de serviços e que, por isso, deve ser avaliada”.

Com o surgimento das agências de fomento, os recursos sendo públicos para a produção do conhecimento, as universidades, como o faziam, tomaram conta de se modernizar, porém como toda transição de condutas, estamos vivenciando, a duras condições de espera, por mais qualidade no acesso da informação. Desse modo, a

[...]qualidade’ é definida como competência e excelência cujo critério é o atendimento às necessidades de modernização da economia e desenvolvimento social; e é medida pela produtividade, orientada por três critérios: quanto uma universidade produz, em quanto tempo produz e qual o custo do que produz. (CHAUI, 1999, 1P.6)

Tal crescimento de produção é resultado logicamente do aumento de possibilidades e intercâmbio permanente de práticas internacionais com modelos consagrados, por outro lado a autora, quando comenta sobre quantidade e qualidade, revela, em sua época, a preocupação crítica dos caminhos de regulação da pesquisa no país. Para Chauí (1999), os catálogos dão noção da quantidade, porém a riqueza dos dados coletados, nem sempre são verificados pelos números e curto espaço de tempo de produção.

Uma vez que pensamos, segundo Silva(2016), todo esforço científico é acumulativo, parte de outros antigos esforços e por tal, precisamos do momento que se “passa o bastão”, “ponta de linha de emenda”, ou seja, cabe ao pesquisador valorizar, mesmo que não concorde, as horas deferidas para nossa caminhada rumo as descobertas. Somando a isso, Ferreira (2002) de certa forma diz, sempre há um espaço para a inclusão de um novo olhar, parte do caminho ainda não percorrido, porém, são coisas e caminhos verificados. Com isso, Silva, justifica que, “as citações servem para fundamentar a ideia do autor do ensaio, referendar sua argumentação, indicar que outros autores estão na mesma linha de raciocínio e, sobretudo, dar consistência teórica ao conjunto produzido” (2013, p.35).

### **1.5. Citando equipamentos de auxílio para leitura por pessoas com baixa visão**

A seguir, trataremos de dar noção do processo e estratégia da pesquisa para

levantamento dos dados. Usamos um computador do tipo PC, monitor de 16”, teclado comum sem adaptação de ampliação e contraste de cores nas teclas, *software browser* Google Chrome, Lupa Ancorada do Windows em 1350% de magnitude, Leitor de Tela NVDA para os casos de leitura mais complicados, com fontes de difícil interpretação, iPhone X com Voice Over ativado para leitura dos textos, *Whatsapp* para reposicionamento dos textos, iPad Air 8 com os mesmo benefícios do iPhone X, leitor de textos DSPEECH, um *scanner* de 1200dpi e uma impressora Laser Jet para impressão de textos ampliados .

Tenho minha própria postura em relação a composição dos materiais a serem lidos e contraídos para as pesquisas que faço. Koepsel&Baier (2019), sob suas preocupações acerca da preparação de material de estudo para pessoas com baixa visão revelam que cada sujeito tem seu tempo. Por mais obvio que isso pareça, essa relação de tempo assume determinadas particularidades entendidas, às vezes, quando há uma boa convivência com o aluno. No caso de um estudo para a pós-graduação, essa rotina é quase inexistente. Por outro lado, neste nível de ensino, alguns recursos e condutas devem ter sido criados pela pessoa com deficiência, caso diferente de demais níveis mais iniciais. Dessa feita, irei descrever abaixo procedimentos de aprimoramento dos conteúdos para conclusão desta tese.

Acredito que o relato a que venho adicionar, colabore para futuras leituras, abra portas para uma melhor compreensão dos esforços enfrentados para obtenção dos resultados. De início, temos que entender o que é um texto passivo de leitura pelo computador. Após este, vamos aos processos de inserção na máquina, qualidade e agilidade do uso e, por fim, leitura ou escuta do material.

- a) Um texto passivo de leitura pelo computador é aquele que em suas unidades de caracteres há uma singularidade de reconhecimento óptico, ou seja, arquivos editados em blocos de nota têm seus caracteres inseridos individualmente, editáveis e selecionáveis. Nessa categoria podemos verificar as seguintes extensões: .doc; .txt; .pdf original. Em particular, arquivos protegidos no formato PDF fazem que seus caracteres não sejam copiados, e em outros casos, são criados arquivos desta mesma extensão a partir de fotos, nesse caso, o computador não lê unidade de caracter, mas a unidade da página inteira por seu uma imagem completa. Durante a pesquisa, no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, a maioria dos arquivos estão protegidos, isso gera um esforço adicional para a conclusão das leituras, os textos precisam ser modificados em programas e sites especializados e sem garantia de sucesso imediato da tarefa de reconhecimento óptico dos caracteres.

- b) Usei três processos de leitura com os textos nas máquinas. O primeiro acontece ao computador, usando um programa gratuito chamado Dspeech, todo o conteúdo escrito dos caracteres é copiado e colado no interior da *interface* do *software*, com isso pronto, adicionamos uma voz de leitura em português brasileiro sintetizada e acionamos a leitura. No outro caso, por preferência, uso o leitor de tela do iPhone, sistema operacional iOS12, Voice Over. Os arquivos que desejo ler são enviados via WhatsApp para o celular e por conta do compartilhamento entre aplicativos, abro o texto científico no próprio WhatsApp, ou se o volume for muito grande, acima de 20 páginas, compartilho com outro aplicativo, o iBooks, ao comando de dois dedos simultaneamente passados de cima para baixo no monitor do aparelho, inicia-se a leitura. Em ambos os casos, Dspeech e Voice Over, há o controle de velocidade de leitura. Contam como motivos a minha preferência pela leitura via WhatsApp pela liberdade e facilidade de ter acesso enquanto ando, uso ônibus e UBER, além de poder parar onde quero e voltar de onde pausei, isso não acontece com o PC, pois se deixamos uma leitura para o outro dia, ao desligar a máquina, perdemos as marcações, com o celular, não. Por fim, fiz uso de textos copiados para dentro do Bloco de Notas do Windows. Nesse processo, toda a informação literária excluindo gráficos, é copiada para o interior da *interface* do programa configurado para fonte 140, na preferência do tipo Arial por ser menos poluída com detalhes. Dessa maneira, o texto fica enorme e com as setas o teclado, acima e abaixo, posso navegar com a leitura ampliada e na posição de plano inclinado nos mesmos moldes do monitor do PC.
- c) Mesmo com toda a prática que possuo, o processo ainda é muito lento, barreiras como textos envelhecidos, rabiscados, fotocopiados, protegidos, faltando páginas, modificados irresponsavelmente, contaminados com vírus, liberados somente se oferecermos um e-mail, com títulos numéricos ao invés de palavras, título de um, conteúdo de outro, entre outros, são fatos comuns e bem frequentes. Ao mesmo tempo, essa possibilidade tem dado a nós, pessoas com deficiência visual, um ganho de tempo em relação a preparação de livros em Braille, no mesmo sentido, não dependemos por mais vezes de outras pessoas para alcançar obras na *internet*.
- d) Hoje, com o amadurecimento da *internet* as possibilidades de acesso a livros e textos tem se ampliado drasticamente. Por outro lado, alguns títulos não estão prontos e disponíveis na rede.

Dessa forma, principalmente na formação superior e *stricto sensu*, a demanda por novos e velhos materiais é constante, faz da tarefa de varredura dos livros impressos uma ação

que contabiliza tempo e poderia vir descrita no cronograma dos projetos sem pestanejar. Nesta tese, com auxílio de alunos bolsistas do Núcleo de Acessibilidade da UFAM, preparamos mais de 30 unidades de livros para usufruto de pessoas cegas, me incluindo também.

## 2 – MOVIMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

Entre os anos 2015-2018, fomos em busca de conteúdos nos mais importantes repositórios de produção ligados ao tema. Sem hierarquizar, seguimos na seguinte ordem de procura: ABEM, ANPPOM, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações(BDTD), Revista de Educação Especial(REE), Revista Brasileira de Educação Especial(RBEE), Banco de Teses e Dissertações da CAPES, Repositório de Teses e Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial(PGGEES) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e por fim, Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais(SIMCAM).

Fizemos uso de recursos aprimorados para as buscas com a verificação dos *léxicos*: deficiência visual, cegueira, musical e Braille, diretamente nos títulos. Cabe considerar que nos *sites* da ABEM, ANPPOM, REE, RBEE, usamos o comando do navegador *web* Google Chrome “Ctrl+F”, este inicia uma caixa de busca na página atual. Nos repositórios da CAPES e UFSCar, usamos os motores de busca internos dos próprios portais. Em relação ao SINCAM, nenhum resultado foi coletado, as publicações são antigas e não compatibilizam com o recorte de tempo deste estudo.

A tabela 1 demonstra as produções levantadas que nos possibilitam dar precisão da movimentação literária científica para o tema Deficiência visual e a música.

**TABELA 01:** Dados quantitativos levantados nos mais importantes repositórios de educação inclusiva e musical

Repositório	Ano	Quantitativo
ABEM	2015-2018	13
ANPPOM	2016-2018	01
REE	2015-2018	00
RBEE	2015-2018	00
CAPES	2015-2018	05
UFSCar	2016-2018	00
SINCAM	2016-2018	-
Total		19

### 2.1. Associação Brasileira de Educação Musical/ABEM

Fundada em 1991, a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) vem

prestando um serviço de encontro das ideias de pesquisadores, professores, estudantes e demais funções relacionadas à educação musical de nosso país. Ao “congregar profissionais e de organizar, sistematizar e sedimentar o pensamento crítico, a pesquisa e a atuação na área da educação musical”, fortalece os procedimentos de transformação da mentalidade coletiva dos amantes da música e de todo esse universo. Vinculada a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) e membro da *International Society for Music Education* (ISME), objetiva principalmente,

promover a educação musical no Brasil, contribuindo para que o ensino da música esteja presente de forma sistemática e com qualidade nos diversos sistemas educacionais brasileiros, contemplando, de maneira especial, a educação básica; por essa razão tem estado atenta às múltiplas formas de desenvolvimento do ensino e aprendizagem da música no país, o que inclui a formação do educador musical e a observação dos processos de concurso público e de contratação de profissionais para o exercício da docência em música, nos diferenciados níveis escolares (ABEM, 2018, p.01).

Fantini *et. al.* (2016), aponta que em um recorte de tempo entre 2001-2013, a ABEM conseguiu registrar em seus anais de eventos, 67 textos relacionados a EME<sup>2</sup>. Ainda as autoras confirmam, dentro de outro recorte, 1992-2014, uma única publicação na Revista da ABEM com os mesmos critérios.

Em relação a outros repositórios verificados nesta e na pesquisa de Fantini *et. Al.*(2016), como a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações(BDTD), Banco de Teses e Dissertações Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior(CAPES), anais da ANPPOM, Simpósio de Cognição de Artes Musicais(SIMCAM), Revista de Educação Especial(REE), Revista Brasileira de Educação Especial(RBEE) e pelos melhores motivos, buscamos os aglomerados derivados do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial (PPGEEs) da Universidade Federal de São Carlos(UFSCar), a ABEM se coloca como o mais importante veículo preocupado e de acordo com os seus objetivos, principalmente com a inclusão nos diferentes modelos apresentados.

Estabelecemos em uma tabela as novas verificações da defasagem do Estado da Arte de Fantini *et. al.* (2016), o qual este, verifica textos até o ano de 2014 para os congressos, 2013, para os encontros regionais, 2015, para as publicações da Revista da ABEM,

---

<sup>2</sup> Sigla que vamos usar constantemente durante a redação do texto. Educação Musical Especial. Ainda que os termos existam de modo singular, Educação Musical e Educação Especial (Inclusiva), ao mesmo tempo, abre-se uma possibilidade de unificação, tanto em um, quanto no outro, o atendimento é fundamentado em modelos, paradigmas da prática especializada para o acesso e aprendizado dos conteúdos. Quando o professor possui em sua classe alunos inclusos pela diversidade de um quadro de deficiência ou altas habilidades, da mesma maneira que ocorre em outros quadros mais convencionais, o atendimento se especializa e as teorias pedagógicas da música em aprendizado se adequam ao novo modelo de interseção.

tradicionalmente com duas edições por ano.

**TABELA 2** – Indicador quantitativo das produções nos canais mantidos pela ABEM em um recorte de tem entre 2015-2018

Locais de Busca	Período da busca	Número de estudos selecionados
Revista da ABEM	2015-2018	07
Anais de congressos e encontros da ABEM	2015-2018	34
Total		41

O levante para a **Tabela 02** acima teve como critérios básicos e norteadores a presença dos seguintes *léxicos*: inclusão, especial, inclusiva, deficiência, deficiente, baixa visão, cego, cegueira, transtorno, espectro, autismo, autista, síndrome, surdo, surdez, auditivo, superdotados, altas-habilidades, acessibilidade, acessível, Braille, LIBRAS e visual, criando um filtro mais apurado em relação ao corte das outras autoras que verificaram também todos esses aspectos.

Cabe comentar que nem sempre a presença das palavras de busca nos títulos dos elementos publicados inicialmente verificados indicava textos de EME, desse modo, foram feitas leituras de todos os resumos ou introduções para refinamento da pesquisa.

Além de enriquecer a pesquisa, empregamos esforços para que um caminho ao qual aumenta a preocupação com o tema sendo defendido nos debates da ABEM. Eu, como uma pessoa com deficiência, como minha curiosidade em perceber como o público alvo citado no Decreto nº 7.611/11 é atendido em relação ao aprendizado e apreciação da arte musical como conteúdo formador. Em 30 anos, como aponta Fantini *et. al.* (2016), 68 formas de texto foram contabilizadas enquanto neste nosso levante, em apenas 4 anos, 41 novos estudos foram dedicados a EME. Com isso, é afirmativa a apresentação das contribuições sociais da ABEM para a comunidade e os interesses para benefício de todos.

Inserido nos Congressos e Encontros da ABEM temos o Grupo de Trabalho (GT)3.3, “Educação Musical e Inclusão Social”, presente e impulsionador para as ideias compartilhadas. Veremos abaixo na Tabela 03, a pluralidade dos temas abordados dentro deste GT. Como resultado, o empenho em trazer para a tese a importância da associação é de declarar que temos hoje, respeitosamente falando, um local de ampla discussão, democrático e científico, realmente grande em relação aos outros repositórios relevantes para este estudo, em

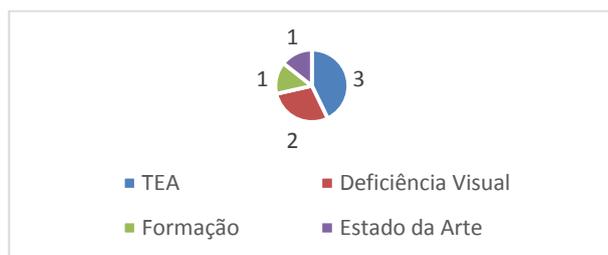
crescimento e valioso sobre variados aspectos.

As tabelas 03, 04 e 05 (Apêndice p. 142)...., fazem menção aos resumos extraídos ou citados indiretamente para a configuração do quadro atual das estratégias de ensino e aprendizado musical especializado. Para composição destas, fizemos a busca filtrando somente publicações relacionadas com o público alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE), “as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação” (2011, p.01). Se acrescentam aos temas vistos do GT3.3, estudos de casos em atendimentos hospitalares, empregos de metodologias inovadoras, ensino de minorias como indígenas, afrodescendentes, idosos e outros, criando um quadro responsável e aberto de acordo com os objetivos da ABEM.

A Revista da ABEM, vinculada por meio impresso e eletrônico, tem como principal objetivo divulgar artigos de fato preocupados com a pluralidade do conhecimento em educação musical. Nesta, trata-se de temas relacionados com resultados de pesquisas, reflexões acerca dos novos paradigmas educacionais, políticos e culturais e, também, contextualizando as práticas atuais sob o contexto histórico. Os dados revelam o destaque da Professora Doutora Regina Finck (UFRGS) com importantes publicações nas últimas edições da revista, tratando com muita aproximação das ideias que contabilizam esta nossa tese.

A distribuição entre os 07 corpos teóricos levantados (vide Tabela 3, p. 142) demonstra uma tendência em relação à preocupação com o tema do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), esse, dentro do recorte de tempo, possui 03 publicações, enquanto a deficiência visual acumula 02 títulos juntamente com mais 02 textos relacionados com a formação de professores de música. Em comparação com o ofício de Fantini *et. al.* (2016) que acusa em 22 anos de existência da Revista, somente uma publicação – 0,4% de participação - na temática geral. Hoje, diante do envolvimento crescente, políticas afirmativas e mais acesso a informação com o surgimento de novos Programas de Pós-Graduação, saímos desse quadro para uma média de 8,7% de participação por números publicados.

**Gráfico 01:** Demonstrativo dos temas publicados nas últimas versões da Revista da ABEM



Fonte: Dados da pesquisa.

Os apontamentos de Fantini *et. Al.* (2016) demonstram que o tema Deficiência Visual

é líder até a publicação do relacionado das autoras, porém, como consta, estudos direcionados ao TEA vem adquirindo destaque em relação aos demais. Por outro lado, é constante a observação para a educação musical com pessoas com deficiência visual. Em um dos casos, a presença do tema interligado ao ensino superior, clara percepção sobre os efeitos dos esforços de antes para que haja mais inclusão, não somente em classes do ensino básico, mas, como desejamos sempre, nas mais altas e diferenciadas camadas do ensino facultativo.

Por fim, é um belo material escrito em espanhol dos autores Giesteira *et. Al.* (2015), tratando das necessidades de uma inclusão musical para alunos cegos com uso da musicografia Braille. Estudo destacado por conta da oportunidade de dar voz a quem de fato usa o Braille depende dele para tocar.

Os congressos da ABEM são bienais, tendo a última versão sediada em Manaus pela UFAM. Tendo percorrido em todas as regiões do Brasil, a associação presta um serviço de integração com seus membros durante os eventos nacionais. Nestes mesmos, junto aos encontros regionais é que temos o maior contingente de publicações e são gerados anais de muito valor para a comunidade pedagógica musical, além das discussões sobre concursos públicos e público alvo do aprendizado musical.

Desse modo, o congresso oferece também a oportunidade de práticas e trocas de experiências, contando, de maneira agradável, com a difusão das culturas de nosso imenso país por meio de performances musicais e números locais por onde ocorre.

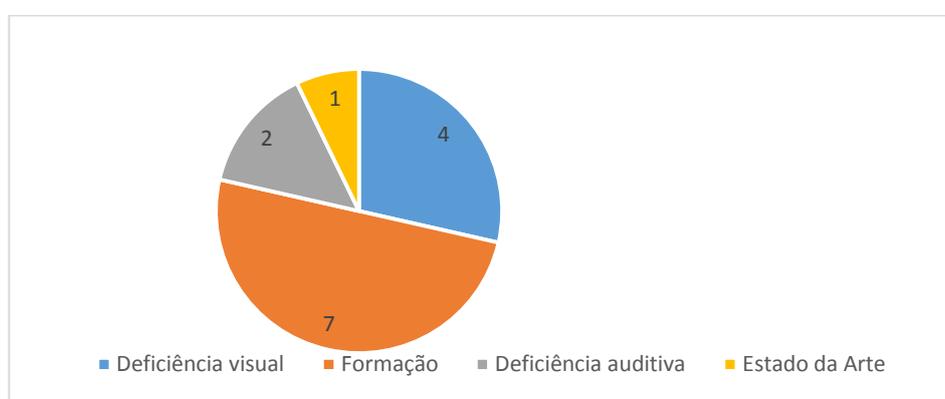
Dentro do recorte de tempo entre 2015-2017, os dois congressos puderam ofertar publicações relacionadas ao tema EME, sendo ainda na maioria, a deficiência visual o mais presente dentre os demais. Um destaque está para 02 estudos dedicados à educação musical para surdos, mesmo sendo um *tabu* para alguns. Meu convívio com amigos e colegas deficientes auditivos confirma essa abertura para o encontro dos dois universos de linguagem, nem sempre a música é ouvida, mas sim, sentida. Em outro caminho, dos 14 trabalhos publicados, 07 classificamos como dedicados à formação, no entanto cabe uma crítica séria quanto a falta de delimitação das categorias de público alvo tratado nos textos.

Está disposto no Decreto nº 7.611/11, acima citado, que há distinção entre as deficiências físicas, e um trabalho *verossímil* aos anseios sob nossa observação, hoje, não comporta mais amplas delimitações. Além destes, temos uma representação de esforço para um estudo de levantamento do Estado do Conhecimento de artigos científicos voltados à inclusão social.

O *site* da associação disponibiliza os anais de 10 edições do congresso, sendo verificadas especificamente as duas últimas para o Estado da Arte desta tese. A exemplo de

outros repositórios, que a ABEM é o mais importante espaço contendo a soma das abordagens músico/inclusivo em classes regulares de ensino, especializadas, professores e alunos em constante formação. Contudo, nossas estratégias de formação seguem as hipóteses levantadas pelo projeto desta pesquisa, o mito relacionado à união evidente entre deficientes visuais e a música vem sendo contabilizada na comparação da maioria absoluta de estudos desde a fundação da ABEM no Brasil.

**Gráfico 02 – Demonstrativo gráfico das publicações nos congressos da ABEM por área (2015-2017)**

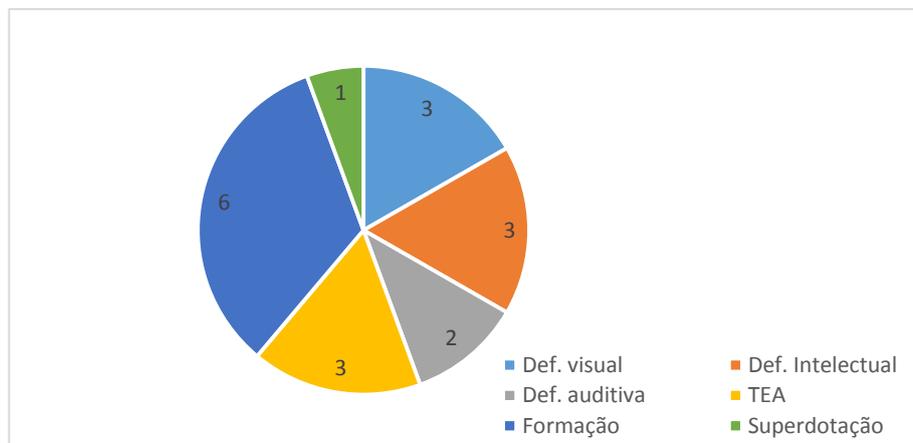


Fonte: Dados da pesquisa

Na mesma proporção dos congressos, os encontros regionais da associação acontecem de dois em dois anos. Dessa forma, todos os anos a ABEM se faz presente entre seus membros, lançando as Revistas e Anais tal como estamos observando. Os dados desta pesquisa, juntamente com o trabalho de Fantini *et. Al.* (2016), apontam para a pluralidade presente nas publicações especificamente dos encontros. Ao todo temos 21 estudos comunicáveis nas 5 regiões do país.

O gráfico 03 dá uma noção do impacto e divisão dos temas, destacando nas últimas edições, o aparecimento de estudos para a superdotação, ainda rara nos anais, passa a ter espaço e isso denota uma boa tendência. Diante do exposto, outros temas são aplicáveis ao GT3.3 das comunicações, através deste, nos deparamos com os modelos além do público alvo do AEE, mais presente que nos congressos e Revista, idosos e indígenas sendo adicionados como sujeitos da inclusão social que espera por reflexões na ABEM.

**Gráfico 03** – Demonstrativo gráfico das temáticas abordadas nos Encontros Regionais da ABEM (2016-2018)



Fonte: Dados da pesquisa

Ainda que para esta pesquisa tenhamos coletado dados como, trabalhos de teses e dissertações em todo o repositório reconhecido pela CAPES, a ABEM quando mantém o GT3.3 de inclusão social, colabora para um amadurecimento e visibilidade da acessibilidade no campo da música. Neste caso, nos preocupamos em destacar para o corpo de discursão, estudos que tivessem relação, sobretudo em seus títulos, com a deficiência visual e a música.

Por outro lado, percebemos que o autismo vem sendo trabalhado com mais frequência para os dados tabulados. Como resultado, a crescente verificação de assuntos mais diversificados, percorrem na totalidade o público alvo do AEE, vimos cada assunto sendo registrado dando início ao fortalecimento do GT nos debates da ABEM.

Sob análise, os resumos verificados desenham como o nosso país, mesmo gigantesco, possui problemáticas muito aproximadas.

Em outras palavras, certas inquietações são semelhantes mesmo com diferentes realidades. Contudo, é possível perceber que o número de autores se divide entre pessoas que tem um envolvimento direto por possuírem parentes próximos com deficiência ou superdotação, e outros, cuidadosamente dedicados por amarem a causa.

Charlton (1998), após retumbantes debates sobre as pessoas com deficiência na Europa Central, defendeu a posição dentro dos grupos associados com a propagação do slogan *“No thing about us without us”*, sendo amplamente deferido no Brasil com a tradução, *“Nada sobre nós, sem nós”*. Com isso, a análise dos textos coloca o sujeito em observação na maioria dos casos, visto aqui criticamente como uma abordagem a ser modificada de hoje para diante.

A Associação é a primeira a dedicar um Grupo de Trabalho especialmente inclinado

para a EME, interferindo na composição de currículos e editais de contratação, unifica a classe dos educadores de música entre bacharéis e licenciados e acompanha como a aprendizagem musical de um enorme país pode ser igual ainda com as diferenças. Dessa forma, em 2019, como promete, teremos mais um congresso nacional, sediado em Cuiabá-MT, provavelmente, como consta estatisticamente, com o crescimento do debate em EME. Particularmente, eu como pessoa com deficiência, vivo apreciando tais movimentações de maneira paciente e positiva, pois passados mais de 20 anos da situação que me encontro, ter em congressos como os promovidos pela ABEM o tema defendido, é a materialização da soma do que me completa: música e deficiência.

**TABELA 06:** Dados organizacionais dos títulos levantados para o Estado da Arte da pesquisa no repositório da ANPPOM. Neste temos informação do título levantado no Congresso Nacional da Associação.

ANPPOM			
Autor(s)	Tipo	Título	Ano
Renato Brandão Rosemara Staub de Barros	Artigo completo	<i>A cor do som: processos de reconhecimento da imagem do som por meio da semiótica nas relações entre deficientes visuais e a música</i>	2016

**TABELA 07:** Dados organizacionais dos títulos levantados para o Estado da Arte da pesquisa no repositório de teses e dissertações da CAPES. Neste temos informações de todos os bancos de programas cadastrados no país.

CAPES			
Autor(s)	Tipo	Título	Ano
Edibergon Varela Bezerra	Dissertação	<i>Música e deficiência visual: os processos de aprendizagem musical no projeto esperança viva</i>	2016
Layara Feifer Calixto Seco	Dissertação	<i>Mediações motivacional e inclusão para musicistas cegos</i>	2017
JOYCE SIQUEIRA	Dissertação	<i>Brailleécran: uma abordagem para entrada de texto em braille para smartphones</i>	2017
OZANI PEREIRA DE OLIVEIRA MALHEIROS	Dissertação	<i>Musicografia Braille: estratégias e recursos para a formação musical da pessoa normovisual, cega e/ou com deficiência visual</i>	2017

Em sua totalidade, temos 19 trabalhos entre teses, dissertações e artigos publicados nos últimos 4 anos, estes fazem referência ao conjunto de temas que nos levam a problematização desta tese. Ao visto por parte do levantamento das obras, a questão da inclusão de alunos com deficiência a todas as possibilidades associadas a música é crescente como tema das pesquisas no Brasil. Com isso, é bem clara a forma que o entusiasmo de

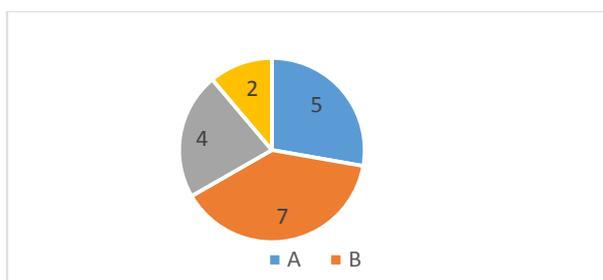
pesquisadores iluminem quadros mais diversos relacionados com os impactos da arte para a inclusão ou mesmo o inverso disso.

Além destes itens literários, outros títulos também foram consagrados pela aproximação temática que no decorrer do estudo serão apresentados e inseridos no debate de nosso trabalho. A arte, como um todo, nas mais diferentes linguagens, vem, associada podemos observar, sendo progressivamente cultivada como um agente importante no processo de assimilação, desenvolvimento, instrumentalização, análise, metodologia e objeto crítico, quando temos ações pedagógicas com o público alvo de AEE. Como resultado, após a verificação dos itens levantados neste Estado de Conhecimento, veremos por meio de suportes teóricos atualizados, um diálogo entre jovens autores que compartilham suas experiências na educação especial e na arte para auxílio de nossas considerações finais.

Em uma primeira abordagem dos conteúdos apresentados para este Estado do Conhecimento, algumas particularidades identificadas nos forçam, por motivos de organização, a dividir os perfis em quatro modelos aproximados entre si. As camadas representadas pelas letras estão identificadas no Gráfico 04.

- a) Processos Socio Culturais – são trabalhos que versam sobre história, movimento de recursos tecnológicos para a vida diária, condição humana e variedades da rotina de um indivíduo, não necessariamente aluno, com deficiência visual.
- b) Processos de aprendizagem – são trabalhos diretamente ligados ao ensino de música para cegos ou pessoas com baixa visão.
- c) Musicográficos – destes temos resultados do uso do Braille sendo ou não sendo uma alternativa de codificação da linguagem convencional musical para o universo da leitura a partir de sinais em alto relevo.
- d) Processos de aprendizagem no ensino superior – nestes casos, é identificado como uma corrente inovadora de pesquisa para a chegada de alunos público alvo do AEE nas camadas superiores do ensino do Brasil.

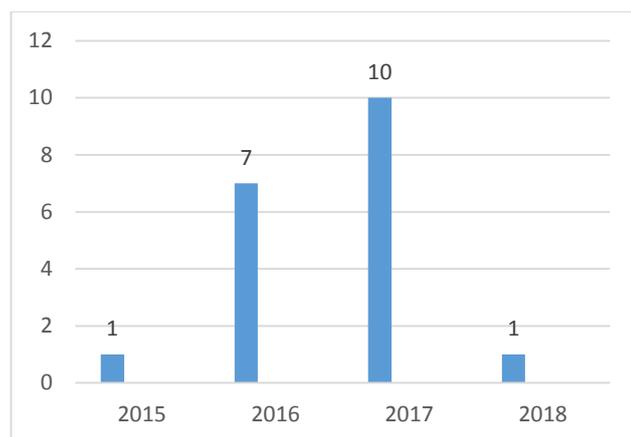
**GRÁFICO 04:** Distribuição dos perfis dos trabalhos até aqui levantados.



Fonte: Dados da Pesquisa

A Associação Brasileira de Educação Musical/ABEM é a maior colaboradora e dessa maneira, o período de publicações é quase regulamentado pela edição de cada evento (Gráfico 05). Na comparação dos dados, da CAPES e da UFSCar, por conta dos programas de pós-graduação, são colaboradoras na proporção dos estudos concluídos.

**GRÁFICO 05:** Incidência das publicações por ano



Fonte: Dados da pesquisa

## 2.2 Levantamento Internacional

Além dos repositórios mais importantes no Brasil, fizemos uma busca pelos canais estrangeiros dando ênfase a publicações na Europa e Estados Unidos da América. Entendemos assim pela proximidade e domínio dos idiomas verificados e realidades distintas, essa variedade de produções em países desenvolvidos. Para tanto, fizemos uma busca com palavras na língua inglesa em equivalência às mesmas deferidas nas buscas nacionais. Mesmo em repositórios europeus, foi viabilizada a busca com base nas publicações dos *abstracts* habituais.

Para a pesquisa fomos nos seguintes repositórios:

- TESEO – é um sistema de teses e dissertações internacional que viabiliza buscas a partir de ano, autor e, instituições e palavras chave. Disponível em: < <https://www.educacion.gob.es/teseo/irGestionarConsulta.do;jsessionid=053836327DBF8A7ACB053EB6995B2F9E>>
- DIALNET - é uma das maiores bases de dados contendo itens científicos de perfil Ibero-americanos. Apresenta uma *interface* descomplicada e modo de busca avançado por ano, autores e instituições. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/tesis>>

- DART – é uma associação de bibliotecas especializada em teses, trabalha para ampliar o acesso científico por meio de consórcios de outras bibliotecas com mais de 8500 títulos disponíveis. Disponível em: <<http://www.dart-europe.eu/basic-search.php>>
- TDR(Teses Doutorais em Rede) – é um repositório de acesso livre cooperativo entre as maiores universidades de língua *neo-latina* da Europa e Américas. Possui um modelo de busca simplificado e bem intuitivo. Disponível em: <<https://www.tdx.cat/>>

A tabela 08 apresenta o quantitativo coletado. (Apêndice). Os resumos dos trabalhos nacionais levantados, estão, da mesma forma, comentados criticamente nas tabelas 01, 02 e 03 (Apêndice), por perfis elencados nas letras de A a D.

#### **2.4 Análise dos sistemas de relações e estratégias do aprendizado musical por alunos com baixa visão.**

De diversas formas a educação musical favorece o desenvolvimento humano. É visto por estes autores aqui citados que aprender um instrumento ou teoria da música cria um percurso epistêmico qualitativo, ainda mais nas idades iniciais da vida. (Malheiros, 2017); (Fantini, 2016) e (Prat, 2015).

O desafio de hoje, é concentrar canais de propagação das estratégias educativas para um conjunto global de indivíduos com ou sem deficiências. Deste modo, uma aliança entre a música e a educação inclusiva apreça com respaldo legal de documentos ao longo da história.

Em 2015, aparece para a apreciação, após anos de debate a Lei Brasileira de Inclusão, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. Mais um ganho na incessante luta pelos direitos adquiridos e quebra de barreiras na vida comum. Porém, para entender esse patamar de estágio dos Direitos Humanos, precisamos voltar um pouco para apresentar as ideias e motivos que nos trazem até aqui como leitores e autores dessa temática. (Brasil, 2015)

Para o MEC, durante o amadurecimento das práticas e ideias relacionadas a uma educação para todos e de todos, busca na criação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), contabilizar em termos as diretrizes da Convenção Mundial de Salamanca, ocorrida na Espanha em 1994. Desse modo, “O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os estudantes de estarem juntos,” aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. Brasil (1994, p.01).

O apanhado histórico das diretrizes das leis brasileiras de educação em 1961, 1971 e 1996, traz consigo uma abordagem apreciativa do movimento nacional para o que temos de

plano educacional hoje. Na primeira LDB não se lê nem as palavras inclusão, diversidade e deficiência. Em 1971, com a LDB 5.692, começamos a verificar, contido no “Art. 8º [...] a inclusão de opções que atendam às diferenças individuais dos alunos[...]” e uma mesma preocupação creditada ao atendimento do Conselho Nacional de Educação da época que diz, também no I Capítulo, “Art. 9º Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial”.

Eu nasci em 1976, entrei na graduação em 1996, e como foi dito neste resumo, durante meus anos de estudo básico e superior, pouco ou quase nada tive de atendimento especializado formal. Ao contrário destes, o auxílio que tive, veio da solidariedade de muitos, também encarado como uma ação inclusiva inconsciente e válida. Entendo a inclusão na perspectiva da educação especial como uma onda que hoje, com força e caudal, arrebenta nos recifes do nível da pós-graduação, se a lei se aplica a todos os níveis, ainda é pobre a visão de determinados programas que não viabilizam as mesmas diretrizes que completam 20 anos de aplicação na educação básica.

Em 1996, após nossa última constituição em 1988, ao enriquecer pela mentalidade coletiva, o disposto na Lei nº 9.394 deste mesmo ano, no 3º Título legal, “III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino;” , tal como “§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida[...]”.

Em nossa maior carta legal, a Constituição de 1988, no Capítulo VII, da família, da criança, do adolescente, do jovem e do idoso, dispomos da criação de programas que auxiliem a coletividade ainda que existam obstáculos sociais, arquitetônicos e sendo específico, na música. Desta iniciativa, nascem as primeiras investidas de “contaminação” das boas ideias para uma melhor inclusão. Fantini et al (2016) demonstra que os artigos em EME são significativos pela propriedade latente de trazer para o meio todas as possibilidades e sujeitos para o desenvolvimento humano. Nestes 30 anos desde a Constituição, passamos a ter mais espaço destros dos eixos de produção científica e um olhar mais esclarecido por parte de pares e lideranças em geral.

Raul Seixas (1945-1989) revela em uma de suas canções que nascemos *há 10.000 anos atrás*, ou seja, trazemos conosco o acúmulo de todas as conquistas provindas dos erros e acertos humanos, e hoje, diante do que temos aqui defendido, vale considerar a Declaração

Universal dos Direitos Humanos(DUDH), Nações Unidas, 1948, como a base para usufruto do posicionamento das mentalidades atuais. Não há transição sem impactos, dor e reflexões. Quando digo que não tive auxílio formal para minha educação, é uma verdade, mas, longe de uma sensibilização penosa, defendo aqui que se notem como foram positivas as mudanças em nosso planeta para o desafio da inclusão. Para tanto, em 2006, a DUDH é orientação para a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência para o Brasil.

Para Mendes e Oliveira (2017), o aprendizado musical se prevalece do sugerido como “1 - Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.” Em Matias (2016); Bezerra (2016) e Rodrigues (2018), textos propostos relacionados à criação de programas e diminuição dos impactos sociais por meio da música, são bons exemplos que relacionamos na consolidação do alcance dos direitos humanos nos dias de hoje.

Diante dos fatos, nossa intensão, não é debruçar pela intimidade dos dispositivos e documentos legais como depósito dos mesmos aqui. Na verdade, objetivamos por meio da autobiografia apresentada, colher sob as leituras dos dados, como a música vem se aproximando deste contexto de promoção da inclusão pela educação especial. Dados estes, que inclusive geram o termo de Educação Musical Especial e com isso, iluminar os processos sociocriativos da arte associada à possibilidade sem diferença das humanidades e liberdade de expressão.

Considerando Fantini et. Al. (2016), passamos a apreciar o desenvolvimento da temática da ENE nas derivações dos esforços surgidos, pelo menos, nos últimos 30 anos. Nasci durante um período que manifestava suas considerações sociais em relação às pessoas com deficiência de modo muito peculiar, lembro dos momentos, uma moça que trabalhava na casa de meus pais, e por consequência, cuidava de mim e minha irmã, dizendo, quando íamos brincar na praça de perto de nossa casa, no fim da tarde, crianças correndo e no meio delas, um garoto, hoje meu conhecido, que usava cadeiras de roda, vítima da tão temida Paralisia Infantil Nossa babá, dentro do que lhe constituía, nos falava, aqui imaginando sua fala, “estão vendo aquele menino aleijado?”, e nós, com os olhos arregalados, acenávamos balançando a cabeça em afirmativo, daí ela resolvia, “ele é assim por conta de um castigo de Deus, desobedeceu sua mãe e Deus o castigou”. Nesse contexto, podemos verificar, não diferentemente de qualquer localização no Brasil, as mentalidades vêm se transformando, em minha opinião e como vemos no texto das autoras, para melhor.

Com base nas minhas experiências de vida tendo os dois lados bem preservados, vidência e baixa visão, posso compreender que o processo de transformação das ideias tem seu ritmo de acordo com a melhoria do acesso a educação.

Tanto Fantini et. Al.(2016), quanto Finck (2017), demonstram o quanto a instrução é libertadora em qualquer aspecto. O surgimento de novos cursos de Educação Artística e depois da individualização das linguagens nas IES brasileiras é o mais fácil demonstrativo dessa condição. Nosso país, em contraste com os demais centros de formação na Europa e América do Norte, ainda é jovem, possui programas de pós-graduação recentes e mais particular, em nossa região norte e nordeste, tudo é muito infantil se podemos dizer assim. Como resultado, os 126 itens levantados por Fantini et. Al. de 1991-2014 e os nossos 19 artigos dentro do recorte de 2015-2018, contabilizam, 145 propostas de intervenção, análises, projetos, observações e relatos sobre o tema.

Em uma ordem crescente, temos a maioria dos escritos verificados como artigos contidos em anais de eventos acadêmicos, dissertações, artigos em periódicos especializados e teses de doutorado. Como recurso técnico, todos os elementos de estudo adquiridos para este Estado da Arte foram transformados, quando necessário, para ao formato de PDF original, ou seja, passivos de seleção e cópia de seus conteúdos escritos. Dessa forma, para melhor diagnosticar, associado ao nosso interesse, a quantidade de vezes que os *léxicos* cegueira, cego, visual e baixa visão, são utilizados nos estudos. Para os textos em língua estrangeira, fizemos a busca pela palavra equivalente na língua original para os mesmos fins de conhecimento. Abaixo veremos na tabela os resultados.

**TABELA 09** – Demonstrativo da quantidade citada, pelo menos uma vez, dos *léxicos* de interesse na pesquisa:

<i>Léxico</i>	Utilização por texto
Cegueira	16
Cego	16
Deficiência Visual	23
Baixa Visão	08

A Tabela 09 evidencia que os termos mais comum empregado é Deficiência Visual. Este estudo faz relevância à condição de Baixa visão, infelizmente, os autores sem saber como referenciar seus sujeitos quanto a sua condição de visão. Sá et. al.(2008), deixa muito clara a necessidade de dar diferença nas situações de cegueira e baixa visão, tais distúrbios nesse contexto, causam prejuízos irreparáveis dentro da pedagogia e sociedade. Curiosamente,

somos mais de 80%, inseridos na comunidade global de deficientes visuais, como pessoas com baixa visão, o quantitativo de cegos é muito baixo em relação ao que é inventado na cabeça do *sensu* comum.(OMS, 2018) Em outras palavras, pudemos identificar que certos autores tratam00, algumas vezes, três categorias, cego, baixa visão e deficiente visual, isso não se aplica. Finck (2016 e 2017), Giesteira (2015), Brandão (2016 e 2017), são exemplos de uma boa preocupação com a referenciação correta dos termos empregados.

Ainda em relação à Tabela 09, existem distorções sobre patologias de sintomas correspondentes a baixa visão sendo deferidos como cegueira. Nos casos apresentados, os autores precisam da comprovação dada pelo sujeito de como se considera, mesmo possuindo, por exemplo, síndromes degenerativas que causam baixa visão, esses podem ter percepções cegas do mundo. Esse tipo de preocupação dentro das investigações é séria, quase na totalidade dos estudos verificados, temos ações pedagógicas voltadas ao AEE em EME, um erro hoje, impede o crescimento que estamos tendo ao longo de toda evolução conquistada desde os documentos internacionais sobre os Direito Humanos.

Acompanhando a estrutura de Fantini et. Al.(2016), vimos as seguintes inclinações de estudos: “conhecimento sobre alunos atendidos; Conhecimentos sobre/dos professores e formação de professores; Processos de ensino/aprendizagem; Recursos na educação musical especial; Processos inclusivos; Programas de ensino/projetos; Métodos de ensino/teorias; Instrumentos de avaliação musical; e Revisão/resenhas”, sendo este último, a única deferência não contemplada.

Após cuidadosa leitura de todos os itens levantados, verificação quali-quantitativa, reflexão por minhas próprias considerações por ser uma pessoa com baixa visão, vejo que há um hiato em relação ao posicionamento do sujeito, sempre investigado e raras vezes escutado, sobre o que podemos fazer em relação a nossa própria condição humana.

Em outras palavras, nossa tese se fundamenta em dar além de voz, mas, profundidade ao potencial criativo, guardando as devidas proporções, de como as pessoas com deficiência podem ir ao encontro de seus sistema de formação, não somente recebendo ações, mas também promovendo ações de inclusão para si, dando dimensão a sua luz como pessoa antes mesmo de sua deficiência.

Desse modo, sem quaisquer críticas danosas ao tamanho esforço dedicado pelos colegas autores, mas é hora de termos uma proposição sobre o papel colaborativo, neste caso, do DV com baixa visão, na atuação com sua autonomia tendo como viés de propagação a arte e educação.

### 3 - TOCAR PARA SER FELIZ: RELAÇÕES INTERPESSOAIS NOS ESTILOS POPULARES E ERUDITO

Lembro-me de quando tinha meus 12 anos, disse ao meu pai, “Quero ser músico”. Com medo de sua resposta ao interpretar minha decisão, até então convicta, imediatamente lhe disse, “Músico de verdade, pai”. Ele, diante de um desejo incontido, engenheiro de estradas, dono de um assovio afinadíssimo, me disse, “Seja o que quiser ser, tenho certeza que irás ter essa condição, eu amo música e fico feliz com isso”. É claro que as palavras aqui são suposições de uma lembrança presente e fraca de detalhes, por outro lado, senti que o caminho estava aberto para uma fluidez de quem eu era supostamente. Desse modo, as relações interpessoais são fundamentais para qualquer processo. Brandão (2016) se refere a confiança estabelecida entre professor e aluno, uma vez conquistada, o docente cria as imagens que precisam na cabeça do estudante pela forma com que tais relações ficam claras.

De fato, me tornei um músico, profissional e atuando nos melhores e piores palco da cidade. Desde quando eu havia reconhecido uma clave de sol de forma diferente de um “S” estilizado, a música escrita passava a ter um valor ou sentido próprio. Como contexto, Manaus era uma cidade reconhecida no Brasil pela Amazônia, sua Zona Franca e corredores de lojas dos artigos importados com os melhores preços do país. Por outro lado, ainda nos deparávamos com certas insuficiências e uma delas era a ausência de modelos escolares específicos para o aprendizado musical. Isso, passado no fim da década de 1980, fazia de nós, amantes da música, meros perseguidores de revistas e fitas VHS que continham alguma novidade e ler música, era o apogeu de uma condição destacável.

Em 1989, eu apresentava indícios de estava perdendo a visão, ao mesmo tempo, estudava música por meios tradicionais, lia partituras e meus erros, durante as leituras, me induziam a procurar modos de enfrentar os ralhos da professora, na sua condição, como me refiro a nossa capital da época, nada sabia sobre inclusão. Hoje, como podemos ver em Fantini et. Al.(2016), dada a quantidade de títulos publicados, e Finck (2015), chamando atenção para a nova formação de educadores musicais, ser um agente promotor da inclusão é algo mais presente e rotineiro do que 30 anos atrás. Porém, em defesa de minha professora, ali eu determinava mecanismos de adaptação a uma nova condição gradativa de perda da visão, principalmente na música, pois eu queria ter o *status* de leitor intérprete.

Cardozo e Silva (2014) abordam questões sobre a relação entre o sujeito e seu meio de interesse. Para melhor dizer, vejamos o que é se relacionar pessoalmente no fio descrito e ao

mesmo tempo em um grupo de caridade da igreja. Não que seja uma regra se socializar bem na igreja e se digladiar na arena de valores, mesmo porque tal fato pode estar diretamente inverso em situações reais. Por outro lado, as autoras buscam o amadurecimento da ideia para a produtividade. As boas relações provêm de caminhos que nos devolvem ao profissionalismo e bem estar. Uma vez que eu houvesse dito ao meu pai, “Vou ser um músico de verdade”, interpretamos que os meus interesses culminavam ao mesmo tempo por dois caminhos.

Keenan Jr e Finck (2017) quando descrevem a chegada de alunos DVs no ensino superior de música, logicamente não podem adicionar todas as histórias de vida para o decorrer do processo. Vejamos aqui que faço uma análise autobiográfica de uma realidade distinta em muitos casos e em outras, trazemos parâmetros mais globais do enredo. No jargão musical é comum brincarmos sobre a verdadeira função social do músico, ainda vemos como poucos enxergam a música como forma de vida, mentalidade criada por mais fórmulas discursivas sobre ganhar dinheiro. Eu venci justamente por conta da música. Por conta de meus interesses em relação a ser “músico de verdade”(p.12).

Ainda Keenan Jr e Finck(2017) abordam os recursos atualmente disponíveis em IES brasileiras para acolhida de alunos DVs, sobretudo, em cursos de formação musical. Nos núcleos de acessibilidade (Brasil, 2011), materiais didáticos adaptados, *internet* banda larga, *tablets*, *smartphones*, PCs e o advento de políticas públicas afirmativas, são elementos bem-vindos e consolidados para a efetivação da qualidade do ensino e aprendizados musical na graduação. Ao contrário disso, longe de tentar sensibilizar pelas palavras, não usufrui de qualquer recurso descrito, sou filho de um tempo em transformação e auto aceitação. De outra forma, passava horas criando mecanismos de adaptação para o tamanho de meu interesse em aprender. Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, Paris, que somatórias de investidas têm sido tomadas para benefício da inclusão de todos para todos. Logicamente, nestes 71 anos de proclamação, vejo de forma muito otimista e positiva que sofremos avanços importantes.

Manaus, não diferentemente de outras cidades no mundo, teve, por conta da qualidade comunicativa mundial, seu tempo para de fato entrar em um contexto de pertencimento dos valores do globo. Por consequência, meu diagnóstico de baixa visão em 1992, só ocorre quando consigo sair da capital para Porto Alegre, sendo um centro mais avançado. Tal propósito ilustra como Cardozo e Silva (2014, p01) dispõem, em uma relação em desenvolvimento, certas coisas antecedem o “[...]autoconhecimento, empatia, autoestima, cordialidade, ética”, é a qualidade do modo como se comunicam as pessoas.

É muito comum verificarmos em breves visitas a centros universitários de formação

musical a diferença entre músicos eruditos e populares. Em casos mais extremos, essas divisões são prediais. Para Camelo (2017), Giesteira (2015), Koepsel&Baier (2019), Matias (2016), é importante ter acesso ao que leva um aluno DV a estudar ou dar preferência em estudar música. Os artigos mais recentes pouco valorizam essa matéria. Digo que quando decidi ser músico, ainda tendo um curso unificado de Educação Artística, não pensava em relações formadas por e pela música erudita ou popular. Vi pela primeira vez uma orquestra filarmônica em 1998, durante um ensaio que fui convidado para tocar no Bumbódromo em Parintins, ilha do Rio Amazonas onde ocorre todo ano a festa de Boi Bumbá.

Mesmo diante daquilo, daquele poder sonoro e acústico, não vi diferença, tudo era música e nada mais. Desse modo, cresce como crítica a essa convenção de que música vem depois de partituras, ao contrário, a música que fez com essas fossem criadas. Bouabid (2015, p07) observa que *“D’après nos enquêtes de terrain, les musiciens aveugles et malvoyants se révèlent être de plus en plus nombreux à s’orienter naturellement vers le jazz et la musique populaire dont l’exécution ne nécessite pas le recours à une partition musicale”*. Nossa tradução: A partir das pesquisas realizadas em campo com DVs, o autor pode perceber que há uma movimentação de interesse por estes para o Jazz e estilos populares, práticas que não se apoiam em leituras de partituras convencionais.

Hoje, toco para ser feliz, porém, minha formação docente por várias vezes induziu a condicionar alunos regulares a leituras sistemáticas de partituras e confesso que todos os projetos de maior aceitação e produtividade fugiram desse viés. Ainda que o debate seja amplo, não faço aqui um juízo de valores sobre usar ou não a leitura convencional, mas me refiro a como ensinava mais feliz quando estava dentro de meu campo de ação, não lendo e ensinando aos pequenos música por meus meios, éramos muito mais felizes (Cardozo & Silva, 2014). Buscamos epistemologias menos soberanas, somos mais próximos, alunos e professores, do que antes, assim vem caminhando nossa humanidade e a convivência entre popular e erudito somada, logicamente, aos exemplos fabulosos, passamos a conhecer melhores valores dessa união, ou melhor dizendo, dessa única coisa que jamais foi diferente entre si.

Reilly destaca com ênfase a figura tanto rural como urbana do músico cego. Com isso, a autora adiciona uma triste consideração sobre o país que vivemos. Somos uma nação em desenvolvimento e por consequência, é inevitável a associação entre deficiência e miserabilidade. Nesse sentido, a “[...] fragilidade do lugar social ocupado pelo cego músico, que carrega historicamente a bagagem do assistencialismo, da marginalidade e da miséria, por um lado, e do mito da superação do infortúnio e da compensação da perda visual pela

hipersensibilidade auditiva de outro”. (2008, p.01).

Os direitos e liberdades da pessoa com deficiência no Brasil estão garantidos no Estatuto da Pessoa com Deficiência (2015). A Lei nº 13.146, deixa claro que as condições apresentadas por Reilly precisam ficar no passado, pertencer a uma mentalidade ultrapassada e acima de tudo, pavimentar novos caminhos para a inclusão. Dessa forma, vamos aqui designar algumas realidades vividas em registros biográficos sobre o músico cego em diferentes lugares do mundo.

Vamos apresentar três realidades de vidas consagradas, entrecruzadas com meus próprios argumentos, tecendo uma avaliação das condições de acesso à formação musical e aspectos de desconstrução dos preconceitos em relação à música praticada por cegos. No primeiro caso, temos Ray Charles, vulto internacional e de carreira comprovadamente notória nesse sentido. Em outro plano, por se tratar de um conjunto, é distinta a necessidade de observação do compositor universal Hermeto Pascoal. Por fim, sem qualquer intercessão hierárquica, vamos apontar a vida de Andrea Bocelli, italiano cego e cantor de óperas.

### **Ray Charles Robinson: “A música é o meu primeiro amor”**

Para este relato, fizemos busca em biografias autorizadas, suporte de *sites* interessados, vídeos no *Youtube* e audiência do filme *Ray*, dirigido por Taylor Hackford, lançado no Brasil em 2004. O foco central da investigação é a relação da perda visual e a música na construção do artista. Fatores como casamentos, filhos, drogas e outras idiossincrasias, não foram considerados relevantes para o teor desta tese.

Eleito como o 2º maior cantor de todos os tempos e 10º maior artista da música pela Revista *Rolling Stone*, este músico norte-americano, nascido em Albany em 23 de setembro de 1930 e falecido em Los Angeles em 10 de junho de 2004, foi o maior colaborador para fixação de ritmos genuinamente Americanos para música mundial. Dono de um sorriso aberto, sempre de óculos escuros, Ray Charles é uma referência icônica do músico cego para o mundo. Curiosamente confundido com Steve Wonder.

No *Youtube* há uma entrevista intitulada *Ray Charles talks about his blindness* reveladora dos processos de perda da visão e formação junto a música. Neste vídeo, falando em inglês americano, Charles comenta sobre seus primeiros momentos na vida em que aos 03 anos, percebia de modo muito particular as notas musicais ao seu redor. Nasce vendo e comenta que conhece as cores básicas do mundo. De modo engraçado, fala de novas cores como o Pink Tropical, pigmentações iluminadas que eram tendências na década de 1980

(Carterjackieeee, 2016).

Charles, segundo Clarck (2017), valoriza a figura de um professor de piano por sua didática. Ainda criança, mas cego, escutava impacientemente WyliePitman tocando, queria de qualquer modo interferir na performance do artista. Pitman, para Charles, foi o maior responsável por sua inicialização musical. Relata que mesmo sem autorização, sentava-se ao lado do pianista e tocava as teclas com todos os dedos da mão. Ao contrário de uma reação muito comum, Wylie acreditou no potencial de Ray e passou a lhe ensinar a pianística de forma correta e inclusiva.

Para Bouabid (2015), quando cita Ray Charles, os processos de cognição são formados independentemente da condição visual. Por outro lado, o fator de manutenção da memória, neste caso, aflora juntamente com a percepção dos intervalos e alturas de notas no piano. Ainda o autor diz, o piano, por ser temperado, ou seja, ter notas distintas em um único local do instrumento, é facilitador em relação a outros instrumentos, como exemplo, o violino. Clarckescreve, “*When Mr. Pitman started playing, whatever I was doing I'd stop to go in and sit on that little stool chair he had there*” (2017, p. 02).

Ray Charles comenta que após uma tragédia em sua vida, a perda do irmão mais novo, afogado enquanto brincavam em uma banheira, passou a perder a visão. Lembra-se das tentativas de estagnação por parte dos médicos e da mãe. A única recomendação era o afastamento de luz intensa. Em Carterjackieeee (2016), ele mesmo diz que ao mesmo tempo em que lembra como são as estrelas, lua e sua mãe, a música lhe traz essas convicções, daí a inspiração de suas canções.

Após a constatação de cegueira, sua família o matricula na Escola de Surdos e Cegos St. Agostin, em St. Agostinho. Mesmo com pouca instrução, sua mãe, completando somente até a 4ª série, segundo Charles, foi a maior responsável pela sua adaptação para o mundo sem luz. Infelizmente, quando Taylor Hackford dirige o filme biográfico, pouco se vê da relação de perda visual, mãe e vida musical, pois o que há é uma cena em que o pequeno Robinson, aos 07 anos, se depara com a cegueira e os sons da fazenda onde morava. Sua mãe, nesse sentido, só o observa e chora por perceber no filho um potencial de fato.

Na escola de atendimento específico, Charles tenta iniciar-se ao piano, mas as turmas sempre estão lotadas, daí, por influência de um professor, seu primeiro instrumento musicalizador é o clarinete. Para Clark, Ray, mesmo em classes inclusivas, relata do desconforto de ler 3 compassos com os dedos e depois ir tocar. “*I'd read three or four bars of music with my fingers, and then play it. You can't just sit there and play as you're reading the music.*” (2017, p.03). Giesteira (2015) comenta justamente esse fator como determinante para

músicos cegos partirem para estilos mais populares. Na Bouabid (2015) confirma que o Jazz e o POP, são os preferidos para este contexto.

No caso de Ray, suas realidades populares em música vinham das rádios, tocando, sobretudo, Blues, Gospel, Jazz e R&B, mas tarde, esse último, por própria influência de Charles, transformando-se em Soul Music norte-americana. Na escola da StAgostin o conteúdo musical era exclusivamente de teor clássico. Quando Charles diz, *“Even in my other classes, I always felt that it was important to know what you were supposed to do and have your lessons down, or at least have a working relationship with the music”*. Em outras palavras e nossa tradução, basicamente o aluno mostra como era importante saber sua posição no “jogo”, ou seja, na metodologia aplicada na escola. Estamos avaliando uma realidade americana da década de 1940, anos antes inclusive da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A música clássica para Ray Charles era o caminho para o fim, *“classical music to me was a me anstoan end”*. O que queria tocar era Jazz e Blues, porém, na concepção da época, não tinha outra saída para organizar seu pensamento musical, teria de fato que aprender teoria musical. Existia uma pequena confusão na cabeça dos filhos dos Robinson, a música ao mesmo tempo em que era a mesma coisa, sendo clássica ou popular, fazia-se diferente em sua mente. Isso acontecia, diz Bezerra (2016), precisamos dar proximidade ao que o aluno se interessa tocar, a música é uma só, mas as culturas não são as mesmas.

Como estudante, Charles sempre estava tocando coisas que os outros escreviam para ele. De certo modo, como ele mesmo diz, isso foi impulsionador para sua primeira e grande satisfação na vida, escrever algo para os outros tocarem. Mesmo que as possibilidades no StAgostin sugerissem a formação de grupos pequenos, no máximo 09 músicos, Ray se lembra da sensação de imposição de sua liberdade, ouvir o que havia escrito por outros músicos era muito excitante (Clark, 2017). Bezerra (2016) em sua avaliação das ações de educação musical em ONGs acompanha os dizeres do músico cego norte-americano, é preciso dar oportunidade para a criação, valorizar o íntimo e por consequência, a arte livre.

Com a perda da mãe, Ray, agora com 15 anos, passou a viver a vida pelas penas do sofrimento da perda. Sua formação musical herdada da Escola St. Agostin foi sozinho para Orlando e por lá iniciou, de fato, sua vida profissional de músico. Vivendo isolado de seus familiares, conduzia em seu caminho os ensinamentos dados pela mãe. Ray Charles ainda como um simples músico de bandas aleatórias, diz que o fato de ser cego sempre o favoreceu, principalmente quando passou fome. As pessoas o acolhiam e lhe davam o que comer.

Pairava sobre Ray Charles uma “aura” de genialidade, algo bem percebido durante

suas apresentações ao vivo. Porém, nas leituras feitas sobre sua história, o mais evidente é a sua automotivação e condição determinada de assumir sua posição como músico. Traz uma vez ou outra, momentos que a deficiência foi favorável, por outro lado, ilustrando isso, o momento que ele conhece Quincy Jones, um dos maiores produtores musicais do mundo, percebe-se que sua formação em tempos de pouco atendimento educacional especializado, foram determinantes para sua configuração mais como atendedor do que como atendido. Assim, a partir das análises no Estado da Arte desta tese, precisamos criar movimentos que promovam o encontro dos sistemas sendo o atendedor com o atendido, que haja equilíbrio e força comum.

O músico morreu aos 74 anos em Los Angeles, rico e com 12 filhos. Ao que envolve Ray Charles com este estudo, fazemos referência à boa vontade de muitos e inclusive a sua. A educação musical especial que queremos hoje tem, sem dúvidas, suas origens nessas histórias de sucesso e mesmo em contextos sociais diferentes, uma comparação é clara, nem a música e nem a vida com deficiência são fáceis, porém não são impossíveis.

### **3.2 Sonoro Hermeto Pascoal: visualmente**

Nordestino nascido em Lagoa da Canoa, no estado de Alagoas, em 22 de junho de 1936, é considerado por muitos o “Bruxo do Som”. Albino e acometido de uma insuficiência de fixação do nervo óptico, também conhecido como nistagmo, ou seja, os olhos não apontam para o foco, dão uma sensação de estrabismo, no seu caso, convergente. Ao longo da vida até os dias de hoje, tocou sempre pela vontade de tocar, visitou vários países por conta de sua arte e é reconhecido mais fora do Brasil pelo o que chama de música universal. Dentre tantos, é escolhido para esta tese por ter baixa visão e ao mesmo tempo, conhecendo previamente sua história, muito se enquadra nas percepções que tive como músico até agora na mesma proporção de uma visão subnormal.

Neste referencial fomos buscar títulos nos mais importantes repositórios acadêmicos, vídeos no *Youtube*, entrevistas em jornais e *sites* interessados. Hermeto é citado em uma enorme variedade de produções musicais pela condição de seu talento, pouco é observado em fatores relacionados com sua deficiência, no entanto, a pesquisa chega a um quadro demonstrativo pela associação de vários autores para a descrição dos processos epistêmicos da vida do músico multi-instrumentista.

Nosso país, pelo tamanho que tem, apresenta nas cinco regiões políticas vigentes, discrepância nos valores e distribuição de renda. Ainda hoje, os números de analfabetismo são

reconhecidos como importantes indicadores para uma constante reformulação das práticas educativas, principalmente nas regiões norte e nordeste. Nesse sentido, vamos imaginar o que seria a vida no interior, no sertão alagoano da década de 1930. Os níveis de ignorância eram altíssimos e nesse contexto nasce Hermeto Pascoal.

Segundo Lima Neto (2009, p.23), o pequeno Hermeto “[...]foi alfabetizado pela professora Zélia Gaia, homenageada na música nº 317: 339. Recusado pelos professores de teoria de Caruaru devido à deficiência visual causada pelo albinismo,[...]” passou a aprender teoria musical sozinho como podemos ver nos seus manuscritos das neumas<sup>3</sup> do “Calendário do Som”, livro que comporta 365 composições feitas uma a uma a cada dia do ano. Nascido em uma família de sanfoneiros, coisa distinta e respeitosa no interior do nordeste brasileiro, teve contato com a música inicialmente com os refugos de metais da oficina de seu avô, ferreiro famoso na localidade. Desde muito pequeno, destacado por sua característica albina, tendo baixa visão, diz não se sentir vigiado, ao mesmo tempo em que via tudo e nunca a deficiência foi uma coisa triste, ao contrário, encontrava sempre uma forma de se beneficiar de sua condição. Em Liang (2018, p.01), Pascoal diz, “nunca usei óculos quando pequeno, mas aprendi a usar a vista assim mesmo. Quando era criança e andava a cavalo ou se o sol estava muito quente, eu usava chapéu”. É muito comum pessoas albinas terem hipersensibilidade a luz, principalmente do sol.

A vida nas condições socioculturais e econômicas da década de 1930 e 1940, pela leitura que temos hoje, devia ser precária no sentido de dar cuidados específicos para qualquer modalidade educativa. Quando o músico relata, “para enxergar bem, tinha que fechar um dos olhos, mas aprendi a aproveitar aquilo que eu poderia achar que me atrapalhasse”(2013, p.03), verificamos como a realidade que o excluía, ao mesmo tempo, lhe favorecia uma autonomia gradual de acordo com seus interesses. Desse modo, lembro quando assessorava crianças com nistagmo na rede municipal de ensino em Manaus, a maior parte dos problemas apresentados era a incompreensão social e a falta de respeito ao tempo de cada aluno. Devemos dar mais valor ao acréscimo de conhecimento da realidade patológica de nossos estudantes atendidos.

Por força de um contexto cultural do momento, Hermeto aprende a ler e escrever partituras e indica suas dificuldades quando diz, “tenho deslocamento e fraqueza do nervo óptico, então eu não fixo o olhar. Às vezes eu estou lendo partitura e me perco. Não consigo parar para olhar, só se eu me preparar para balançar os dois olhos. Mas eu vejo tudo - até além

---

<sup>3</sup> Antes da invenção da escrita musical em pautas de cinco linhas, o pentagrama, o registro musical era feito com símbolos neumáticos, elementos gráficos que davam noção das propriedades do som para a música, ou seja, uma escrita não unificada e primitiva da intenção musical.

da conta!” (p.03). Para Cardozo & Silva, o pequeno músico foi atribuído, dentro de suas relações de família e musicalidade com seus parentes, dos fatores básicos que “são o respeito, a amizade, a cordialidade nas relações, a cooperação e o entrosamento dentro e fora da organização” (2014, p.30).

Uma vez, eu estava na casa do Miles Davis e ele me convidou para lutar boxe. Ele tinha tablado, luva, tudo. Aí o que aconteceu? No meu tempo de menino, eu também brincava de boxe e as crianças sempre se confundiam para onde eu olhava. Eu me aproveitava disso. Foi a mesma coisa com o Davis: quando eu comecei a brincar com ele, o olho direito rodou para um lado, eu já estava com o esquerdo sabendo o que queria e aí taquei a mão nele. Eu uso muito isso. Se não tivesse treinado os olhos, veria muito menos (LIANG, 2018, p.01).

Ainda pequeno, com mais ou menos 08 anos, não tinha a concepção da deficiência visual por motivos óbvios da natureza simples de sua criação, por outro lado, por não ver como os demais, tinha a liberdade de construir um mundo só seu e a música foi a melhor saída para essa tarefa. De acordo com entrevista fornecida para Liang (2018), “mas eu não sinto falta de ver nada. Uso muito a inteligência, tenho um reflexo danado”. No mesmo sentido, em Bial (2018), revela que seu primeiro instrumento foi a natureza, canos de mamona furados como proto-pífanos lhe respondiam às imagens de uma paisagem rural sertanista.

Nos vídeos e textos revisados para esta tese, não vimos qualquer menção de Hermeto em relação a sua deficiência visual, por outro lado, ele diz para Bial (2018), “fui vetado por que era feio” quando se refere aos anos que conheceu e trabalhou junto com Sivuca nas rádios de Pernambuco. Na verdade, Pascoal é um ótimo exemplo de relação entre a vida e a deficiência, pois ao contrário de ser “feio”, ele ainda acrescenta, “eu sou mais bonito em me amar”. Como resultado, não temos dados relacionados diretamente a processos educacionais da formação musical deste instrumentista, porém, com base nos estudos, há o esforço pela vontade de criar e por consequência, usufruir de recursos visuais como a partitura para esse efeito. No entanto, suas partituras não são simplificadas, ao contrário, configuram exemplos bem reais da forma com o que vê o que para muitos é invisível, o som, neste caso, são traços e formas na “visão hermetiana”.

Costa et al. traz, “a palavra cego vem do latim *caecue* quer dizer privado da vista; alucinado; que impede a reflexão, o raciocínio; que perturba o julgamento; oblitera a razão. Cegueira quer dizer: estado de cego; estado de quem tem a razão obscurecida, o discernimento ou o raciocínio perturbado; afeição extrema; falta de lucidez ou de inteligência” (2011, p.1470). Um confronto direto a isso é a biografia de Pascoal, dito por si, “[...]sou o reflexo de minha inteligência”.

No cinema ela também lê as legendas baixinho pra mim. Às vezes eu digo para ela

"Deixa eu pensar numa história sozinho, sem entender o que eles estão dizendo e só com o que eu estou enxergando". Sabe que às vezes fica quase igual? Quando o filme é ruim, peço para ela parar de ler as legendas mais cedo (LIANG, 2018, p.01).

Com isso, a claridade de Hermeto não está somente em sua pele, cabelos e olhos. Costa et al. (2011, p.1468) entende, “têm-se outros exemplos de como a luz, o claro, a ideia de ver tem relação direta com o conhecer”, pois pelo tanto que conhece Pascoal, visto no Brasil e no mundo, podemos afirmar que a luz por vezes está em nós e, no caso dele, em sua musicalidade e destreza para lidar com um mundo. Com 82 anos, ainda hoje revela sua musicalidade pelo mundo e condiz com o que sempre pregou, “eu sinto a música, é o suficiente, depois eu esqueço”.

### **3.3 Andrea Bocelli: A música do silêncio**

Em 1985, na Itália rural da região da Toscana, nascia Andrea Bocelli. Sendo um dos tenores mais conhecidos do mundo, popularizou nos anos de 1990, o canto lírico com arranjos populares e um carisma inigualável, aproximando assim, a ópera do povo. Possuidor de glaucoma congênito, acuidade visual baixa, com resíduo de luminosidade e formas. Nos seus 27 anos de carreira, é um dos maiores vendedores de discos do gênero com mais de 80 milhões de cópias. Sua vida artística e social está contida na recomendada história publicada primeiramente em um livro autobiográfico e depois em um filme (2017), “A música do Silêncio”.

De modo muito semelhante com o levantamento feito com os outros dois nomes desta tese, Bocelli é um referencial farto pela proximidade temporal da carreira com as inovações tecnológicas. No entanto, como buscamos aqui revelações sobre a interligação da música e a cegueira, além de textos acadêmicos, temos como aporte, o filme e livro da autobiografia do cantor. Nestes dois últimos, podemos verificar, quando o autor narra um romance íntimo de sua vida pela ficção, dando nome a um personagem paralelo a si, Amós, dados curiosos do aprendizado musical, do atendimento específico educacional e do apoio ideológico solidário de muitos dentro de sua história. Como resultado, ao longo deste tópico, faremos cruzamento com outras referências dando criticidade ao que nos reúne nesta tese.

Costa et. al., quando se referem a acuidade visual, dizem, “[...] a capacidade funcional não está relacionada apenas aos fatores visuais, mas também às reações da pessoa à perda visual e aos fatores ambientais que interferem no seu desempenho” (2011, p.1469). Andrea Bocelli é abastado quando nasce, seus pais são donos de uma bem-sucedida vinícola. O

diagnóstico de glaucoma, acordando com o nível de instrução dos pais, que sofrem, mostra, dentro de um contexto europeu da década de 1950, a realidade de ter um filho com problemas visuais. No filme, dirigido por Michael Redford, traz em 2017, para consagrar a carreira vitoriosa do tenor, cenas ilustrativas de uma adaptação social e compreensiva da cegueira de Andrea.

Em 2008, com a publicação da Lei nº5.761, primeiro texto do Atendimento Educacional Especializado, temos a eliminação das escolas de atendimento específico. Em Manaus, temos como destaque a Escola Estadual Joana Rodrigues Vieira, no Bairro da Glória, exclusiva na educação de cegos. De acordo com a biografia de Bocelli, uma escola, ao qual o menino é matriculado para compor seus estudos básicos, é preponderante no curso de sua atuação como cidadão e músico. Bocelli (2012), conta com uma impaciência que era um reflexo dos momentos de maturação da condição física indesejada. Na cena que Amós divide seu cavalo com o irmão, é tudo muito claro como a cegueira é temida por todos.

Sua alfabetização é em Braille e bem cedo tem contato com o canto dentro de sua primeira escola. Dessa maneira, estudando junto com outros DVs, até mesmo tendo uma professora com as mesmas condições físicas. A formação de Andrea uma qualificação bastante positiva em relação ao universo de todas as habilidades desenvolvidas, inclusive a música. Decorrendo assim, uma ausência de falsas noções do ser cego, a citação a seguir é um apelo contrário segundo o próximo autor.

Acerca da deficiência visual, o entendimento da sociedade pode coadunar com a antiga noção de que ser cego é um estigma que está associado às pessoas de péssimo caráter, a um castigo divino; o indivíduo com deficiência passa ao largo do pertencimento e do reconhecimento de uma comunidade, fato que o torna vulnerável a desenvolver sentimentos de baixa autoestima, ter maior suscetibilidade ao isolamento social, não ter acessibilidade a serviços oferecidos e ao trabalho, e, assim, apresentam maior facilidade para tornar-se vítimas de violência, nas suas mais diversas formas (COSTA et al. 2011, p.1470).

No proposto de Perez et al (2016), podemos constatar, na perspectiva da educação inclusiva espanhola, diretrizes dos procedimentos absorvidos por Bocelli durante seus anos de escola. Além da biografia, as autoras fazem um levantamento dos recursos assim descritos:

*El alumno necesita saber concienzudamente las localizaciones de los objetos dentro del centro.*  
 - *Nuestro alumno necesita que se mantengan en orden todos los puntos del centro para evitar obstáculos en el mismo.*  
 - *Em el caso de la modificación del mobiliario o infraestructura, deberá comunicarse al alumno para evitar cualquier situación de riesgo de éste*(PEREZ, 2016, p.07).

Levando em consideração a mentalidade da época, ainda que os conselhos descritos

por Perez et al. pareçam ingênuos, muito há de colaborativo para a formação dos alunos DVs. Tanto na direção de Redford (2017) e nos escritos da ficção de Bocelli (2012), podemos claramente identificar que havia um compromisso sério, não com a deficiência em si, mas na qualidade do cidadão que queriam formar naquele momento. Em específico, podemos ver outras considerações importantes.

- *Para poder seguir el ritmo de las clases nuestro alumno necesitat em er conocimientos del lenguaje Braille. Conel consiguiente gasto de material y profesor para él*

- *Necesitala máquina de escribir Perkins o un teclado enel ordenador conel sistema Braille.*

- *Así como la necesidad de utilización del material especializado al centro por la fundación ONCE en los casos de niños ciegos em el aula ordinaria.*

- *Utilización de material adaptado dentro de las aulas como bolas del mundo con relieve y anotaciones en Braille. (PEREZ et al. 2016, p.10)*

O Braille, como podemos ver, foi fundamental para Andrea e seus colegas pela qualidade do acesso à leitura. Em Redford (2017) quando a mãe pergunta ao filho se está tudo escuro, pelo enredo, sabemos que a educação e a música são as melhores saídas para o inexplicável. Bocelli diz, “eu não vejo a escuridão mamãe. Eu não consigo explicar. O que eu vejo é tudo e nada”. Nesse sentido, há uma comum concordância com o geral das possibilidades de cegueira, vemos o que queremos ver. Ele explica à mão sem entender nada da situação do filho, “eu vejo o que quero ver, a cama, o armário e você”.

Pode parecer curioso ou intrigante, mas temos um mundo desenhado em nossa cabeça. Sendo meu testemunho, da mesma forma que o tenor, inventamos faces de acordo com a voz que ouvimos, inventamos formas do alimento ligado ao cheiro que sentimos e assim temos uma saída, em adaptação cognata de um mundo nosso e ao mesmo tempo pouco exclusivo. Pessoas novas na minha vida possuem um rosto muito meu. Nessa ludicidade, se posso colocar assim, brinco com a possibilidade de acerto quando essa mesma face em algum momento for revelada. Seja por uma foto ampliada no computador ou mesmo na hora de um cumprimento mais íntimo de beijos no rosto.

Para Ponzio, Andrea diz que, “*ciò che è più essenziale e nell avità è invisibile agli occhi*” (2018, p.22), ou seja, o que é mais essencial na vida é invisível para os olhos. As constantes irritações e reflexões em contraponto, principalmente em relação as posições socio ideológicas de sua mãe, foram na verdade, segundo Bocelli (2012), a base para formação de um caráter mais audacioso. Costa et al. quando reflete sobre as determinações sociais da pessoa cega na afirmação em seu meio, destaca que, “[...] na percepção social acerca da deficiência visual a organização em torno dos três elementos nucleares: de quem foi a culpa (dos pais, castigo divino?); da limitação imposta pelo “não ver”; e, por fim, a ideia de que o

cego é um ser puro, bom” (2011, p.1470). Em Ponzo, o tenor revela que, ser cego é uma enorme desvantagem, mas todos têm desvantagens na vida, a minha é apenas mais evidente que muitas outras” (2018, p22, nossa tradução).

### **3.4 Eu, eles e nós todos: nossas biografias em debate**

Podemos agora relacionar os dados coletados a partir das narrativas e memórias testemunhadas pelas leituras desenvolvidas no capítulo para este tópico que se inicia. Todavia, com base nos relatos que esperamos alcançar, esta parte do encontrado irá confrontar as teorias que amparam os indicadores comunicativos pelo prisma da semiótica. Merecendo a atenção crítica ao jogo das relações da arte musical com a música. Desse modo, vamos retornar com o conceito de música e deficiência visual, porém trazendo novos termos, redefinições de palavras e promoção da real condição das potencialidades e limites do indivíduo cego.

Este literal esforço por parte de seu autor e orientação, se completa em dedicar como capítulo a importância das linguagens que envolvem a redenção da comunidade cega mundo afora. O código Braille e respectivamente a musicografia Braille, índices de inúmeras informações que envolvem o desenvolvimento intelectual até mesmo de videntes, fortalece a ideia de manutenção dos índices formulativos das partituras musicais. Neste caso, diferente na morfologia inicial e iguais na parte das recepções cognitivas que nós, seres humanos, somos capazes de desvelar quando bem orientados

[...]as organizações de pessoas cegas em todo o mundo estarão comemorando o bicentenário de nascimento de Luís Braille, jovem cego francês que publicou, em 1829, a primeira versão oficial do seu sistema de pontos em relevo para a leitura e a escrita tátil. Se nesses quase duzentos anos, o sistema alcançou prestígio junto à sua comunidade de pertença, (as escolas e organizações dedicadas à causa da cegueira), não encontrou maior ressonância em estudos dedicados à comunicação tátil, e, mais particularmente, em pesquisas voltadas à história da escrita e seus desenvolvimentos mais recentes (BELARMINO, 2016, p.02).

Há algo de especial na semiose do signo da escrita e leitura em alto relevo. Se me permitem, quando aprendi a ler Braille, rapidamente me vi interligado a formas conhecidas que não eram letras, mas para cada combinação que meu dedo indicador direito percebia, imagens emotivas me passavam pela cabeça. Isso, com apoio dos apontamentos da Professora Joana Belarmino, UFP e Professora Rosemara Staub de Barros, UFAM, passa a ter mais sentido. Dessa feita, as ciências cognitivas, linguísticas e semiótica se entrelaçam pela oferta de conteúdo emergente entre a deficiência visual e a música.

Contudo, podemos registrar aqui o quanto de tempo as comunidades cegas passaram ao longo de nossa existência como animais racionais até adquirirem uma plataforma consistente para acesso à leitura e escrita. Isso tudo nos causa a inquietude para resolução do que é de fato a percepção/comunicação tátil. Se quando falamos uma língua estrangeira passamos a pensar na língua falada, em que ponto essa codificação do toque se resolve em comportamento e cultura?

Você tem diante de si um texto Braille e deixa que sua mão aberta passeie ao acaso pelo papel. Uma sensação de aspereza estimula sua pele e nada mais. Aí você experimenta olhar para o texto e a princípio não vê senão um emaranhado de pontos, que ora podem assemelhar-se a um labirinto, ora lembram um bordado abstrato, ora uma pauta musical, ora parecem sugerir flores ou pequenos peixes (BELARMINO, 2016, p.06).

O Sistema Braille tem um sentido, faz valer como um alfabeto e isso, por várias vezes, percebido durante as inúmeras palestras que coordeno, gera questões embebidas em um enorme mistério e admiração. O mesmo, na minha opinião, acontece quando leigos observam sozinhos a uma partitura musical. Sendo que no caso da pauta, a relação entre o observador e as notas escritas é mais verossímil, lembrando que o mundo é visual.

Imaginemos como deve ter sido o movimento cultural da metade do século XIX com a aparição do código Braille. Tais modificações acontecem hoje, este em só mais um item textual feito de horas de codificação de escritos em linguagens facilitadoras de acesso aos conteúdos apropriados para a defesa desta tese. No nosso caso, a dinâmica da produção é infinitamente maior e ágil em relação aos duzentos anos passados. Porém, em se tratando de nossas humanidades, os desejos são os mesmos.

Queremos aqui obter um título, entendem?

Os signos são considerados desde a antiguidade e naquela época, tratados como verbais e não-verbais. Um caminho anunciado neste capítulo capta significados entre o que esperamos da arte, deficiência e expectativas não somente táteis, mais ultra sensoriais (Cavalcante, 2012). A escassez de investigações que privilegiem a comunicação tátil dentro do campo das ciências ligadas a formação de licenciados não interfere de modo errado nas tomadas de decisão do mercado, ou seja, nas tendências que outras áreas se dedicam a muito tempo. Podemos trazer o exemplo da garrafa de *Coca-Cola*, mudando de formato durante os últimos 20 anos, oferece não somente aos cegos, mas a todos, a sensação comunicativa tátil sobre sua identidade, seus projetistas vislumbram não somente as cores vermelho e branco, mas o formato e a sensação de estar com uma garrafa deste refrigerante entre os dedos.

Desse modo, apresentamos aqui uma inovadora e audaciosa manifestação de dar não

somente voz, mas texturas ao que sentimos na dimensão da cegueira e na função musical. A arte, sendo um código em associação com a música e as percepções táteis, comunicam, integram e precisam ser mais vistas pela educação que se consolida mais presente e aberta aos novos tempos de um mundo feito para todos.

Quando nasci, a Declaração Universal dos Direitos Humanos completava 28 anos. Com a ONU, muito se modificou em relação a paz mundial. No entanto, a mudança da mentalidade e com isso, da cultura de cada povo, caminha a passos lentos ou ágeis igual a necessidade. Ainda vivemos a escravidão e ao mesmo tempo, temos uma nave não tripulada em direção de além do nosso sistema solar. Desse modo, este tópico, me permitirá apresentar as interposições das pluralidades de vida, mundo e arte,

Tanto para Charles, Pascoal e Bocelli, a realidade cultural para as afirmações de pessoas com deficiência foram apresentadas, contando a diferença de tempo e espaço, muito semelhantes a minha. Imaginemos um casal projetando uma nova vida, em último caso, normalmente, se pensam nas deficiências. Ao longo da gestação, com cautela o assunto pouco aparece, por medo e o casal torce para que venha com saúde. No jargão médico nos acostumamos a ouvir, “nasceu perfeito, é um menino!”. No nosso caso, somos filhos de antes das ultrassonografias, ainda assim, a cegueira só se identifica após o nascimento.

Nos casos apresentados temos a cegueira adquirida. Posso dizer com clareza que o momento da perda da visão ou avanço desta, fica guardado como um grande evento de nossa vida. Bocelli perde totalmente a visão por conta de uma bolada forte na cabeça. No filme, esse momento é bem discutido e apresentado pelo diretor, mostra os conflitos iniciais e acima de tudo, uma certeza de mudança compulsória na rotina diária. Todos nós conhecemos a música por sua escrita convencional, isso foi determinante nos 4 quadros e acredito que mesmo antes de aprendermos a música impressa em tinta, temos uma imagem muito aproximada do código escrito no pentagrama.

Para mim, Charles e Pascoal, poder escrever para outros músicos videntes é a consagração de toda nossa potencialidade. Bouabid (2015) comenta, DVs ou normovisuais são músicos idênticos, porém a imagem da música para DVs se associa a uma capacidade extraordinária de conduzir a memória para fins da prática musical. Nesse sentido, enquanto, um aluno, além da prática de seu instrumento precisa desenvolver o acesso ao armazenamento das melodias, o aluno DV entra no processo epistêmico com essa etapa quase ou toda definida.

Entre as relações pessoais dos agentes dos quatro processos, mais especificamente dos educadores e alunos de música, vemos, indicado por Cardozo & Silva (2014), ser dada uma

importância mais que normal para elementos consagrados durante as atividades de ofício ou estudo. Em outras palavras, ao mesmo tempo que nós, músicos DVs, sabíamos de nossas limitações, vendo tudo acontecer em função da partitura musical, passamos a desejar, priorizar a pauta como único caminho para o ato de tocar. Assim, dizendo pela própria experiência, tocar nunca foi algo fácil, mesmo com os potenciais acima descritos, somos ainda músicos iguais, aprendizes e nossa saída é o caminho popular, menos disciplinado do ponto de vista dos escritos impressos em tinta (Bouabid, 2015).

Fica claro em cada biografia analisada que há singularidade nos sistemas de aprendizagem, eu, Charles e Pascoal, desenvolvemos processos criativos de aquisição dos modelos convencionais do ensino musical por meios próprios. Bocelli, por estudar em uma escola de atendimento específico, tendo inclusive uma professora cega, é apresentado a uma metodologia mais direta, sem rodeios ou adaptações, diferente de nós outros. Hermeto, consolidando Sá et. al. (2008), ouvia mais que escrevia, morava no sertão nordestino e sua educação musical dependia da oralidade e paciência. Uma verdade que aprendi tempos após saber tocar, não é preciso ver o instrumento para tocá-lo.

Diante dos casos, dada a minha idade e colocação, é distinta a minha formação, aprendi a ler partituras aos 12 anos e aos 15, começava a perder acuidade visual muito rapidamente. Nesse sentido, com as leituras de Fantini (2016) e Keennan Junior & Finck (2017), hoje contamos com um número crescente de alunos DVs em cursos de formação de professores de música. No meu caso, ainda cursando Educação Artística, habilitação em música, à época, não tive nenhum apoio dentro da academia, éramos, professores e alunos, inexperientes no tema. Hoje, com a ABEM, vejo como muito progredimos, somos mais capazes de entender com clareza o que não sabemos. Ainda que seja um absurdo, porém um todo da verdade, não pensávamos na possibilidade de ampliar uma partitura para que pudesse ter acesso às peças musicais enquanto estudava na graduação.

A figura do músico cego, segundo Reily (2008), quebra estereótipos por conta das atitudes reveladas pelo potencial musical. Neste caso, trazemos histórias consagradas, que antes tentamos verificar nos processos de construção da pessoa musical e cega. Ainda como diz a autora, carregamos conosco uma falsa impressão das verdadeiras condições da ausência de visão. Na idade média, os ícones ilustrativos da igreja só apresentavam figuras humanas cegas em situação de abandono, mutilação e funções subalternas. Hoje, como venho frisando, somos donos de propostas inclusivas que aos poucos vão afastando essa impressão. Com o AEE e outras políticas afirmativas, eu e muitos outros deficientes passam a ter mais espaço e voz. Dessa maneira, a arte e o esporte, contabilizam uma grande parte de oportunidades em

relação a presença de potenciais, por outro lado, precisamos dessa mesma qualidade de expressão em ramos diferentes das funções sociais.

Uma das coisas mais comuns e intrigantes da vida entre a música e a cegueira é o ouvido absoluto. FERREIRA define como, “[...] a capacidade de perceber e dar nome a cada uma das notas que chega ao seu ouvido” (2008, p.01). Por outro lado, Schafer (1991), traz sua definição de ouvido absoluto como algo mais profundo, pois dar nome às notas, de certo modo, com muito treino, é fácil. No caso do autor, ouvir absolutamente é dar vez ao conjunto de informações sonoras musicais de nosso redor. Neste caso, precisamos treinar para uma devolução de nossa condição humana que perdemos ao longo da vida adulta. Quando crianças, somos essa máxima apreciação das paisagens sonoras e quando nos tornamos músicos, as práticas nos conduzem a determinadas identificações de alturas das ondas de som.

E não estamos falando só de música: também vale sons vindos de buzina, chiados da natureza, vozes de animais, barulhos de máquinas... A explicação para esse dom não está no aparelho auditivo, mas na cabeça. Quem tem ouvido absoluto possui mais capacidade de receber e interpretar estímulos do lado esquerdo do cérebro, onde os sons são processados (FERREIRA, 2008, p.01).

As notas não tem nomes enquanto tocamos, elas fazem parte de nossa estrutura cognitiva, acionadas pelo instrumento em questão, sendo mais sensações que propriamente números ou notas. Quando eu toco, principalmente em grupo, não penso nas notas, me dedico a sucessão de sensações que cada harmonia representa na música. É claro que músicas nunca ouvidas não fazem qualquer sentido, o músico, DV ou não, não é mágico, é mais habilidade e sentimento. Também é válido comentar que conhecer de harmonia, campos harmônicos e formação de acordes, faz muita diferença e soma preponderantemente para a melhoria de minha performance ao tocar. Isso é visto na história dos demais que aqui lemos, todos procuraram técnica para suas ações, não cabe negligenciar o acúmulo de boas informações desenvolvidas pela sociedade, principalmente sobre os caminhos de uma boa prática musical.

Como diz Reilly (2008), as sociedades infelizmente prestigiam a conveniência de uma arte praticada por elites. Cegos eram confinados a uma insignificância social, doando parte de suas maldições físicas aos instrumentos que os acompanhavam. Será saudável sustentar nesta tese que os caminhos para o encontro de ideias mais reveladoras sobre a cegueira e a música só dependem de mais conhecimento. Neste sentido, ainda persistem falsas noções do mundo mitológico de seres com ouvidos hiperdesenvolvidos e ações mágicas ao tocar um instrumento. Como disse Bocelli, o som começa mesmo é na qualidade do silêncio.

#### **4 - PROPOSITURAS PARA A VIDA, A EDUCAÇÃO E A AFIRMAÇÃO DO CONTEXTO ENTRE A MÚSICA E A BAIXA VISÃO**

Ao longo da história, muitos músicos cegos não possuem o benefício da instrução formal. Ao mesmo tempo, como configura o que aponta Vigotski (1997), ainda carrega consigo, sob a óptica social “nos pontos de vista populares sobre o cego, nas lendas, nos contos e ditados”. Algo muito comum é a pena, Sá et al. (2008) elege a visão como o sentido mais importante e temido de perda. Como resultado, as benevolências aplicadas nestes casos, causam um falso estímulo, uma perigosa acomodação para o acortinamento das potencialidades de DVs.

Minha caminhada, constituída nas palavras desta tese, é marcada por uma série de proposituras que partiram de mim para minhas próprias adaptações. É lógico que as proporções devem ser mantidas, por outro lado, acredito como é demonstrado no capítulo anterior, uma estratégia é o Encontro Central das ações. Dessa forma, vamos dividir as proposituras em duas partes, acadêmico e musical. Na primeira temos as propostas de aprendizado e desenvolvimento das partes envolvidas na educação musical e na segunda, sem menos valor, teremos a atividade artística sendo equalizada na medida de verificação de elementos como comportamento, acessibilidade e tecnologias de apoio ao artista.

A presente pesquisa versa sobre novas considerações que abordem diferentes formas da observação das condutas típicas da situação de deficiência visual por meio do pensamento complexo. Neste caso, vamos dimensionar a cegueira dentro de um contexto interdisciplinar, entrelaçado pela corrente do conhecimento humano e exato, criando possibilidades epistêmicas entre tantas formas de ver ou perceber o mundo.

Vivemos, sobretudo, processos educativos que privilegiam uma configuração fragmentada de um conhecimento global, ou seja, a unidade do universo, no contexto da educação mundial, perde por não ser vista como algo único e interligado. É útil confiarmos às inúmeras metodologias de ensino aplicadas atualmente, por outro lado, nossa dificuldade reside em devolver aos alunos a universalidade de um conhecimento reflexivo que nos mostre como fazemos parte de tudo e de como tudo está fazendo parte de nós.

Entendendo Morin (2003, p.38), “pensar é construir uma arquitetura das ideias, e não ter uma ideia fixa”, pela lógica a que estamos condicionados, caminhamos e nos orientamos em um trilho contido em paradigmas, modelos que possuem força limitada diante de tantas realidades que envolvem o mundo por sua grandeza e diversidade. Herdeiros de um modelo cartesiano,

às vezes sofremos pelo rigor exercido e não usufruímos da liberdade de conhecer mais, por experimentar formatações mais simples de alcançar nossas incertezas. Para Morin (2003), essa maneira breve de se relacionar com nossos questionamentos, passa por operações cognitivas que ao longo desse levantamento vamos revelar.

Dentre tantas competências do ser humano, uma se faz necessária ser comentada aqui: a linguagem, que, desenvolvida no curso de nossa evolução, além de nos diferenciar dos demais seres vivos, foi capaz de abrigar em si nossa maneira de pensar. Significados e significantes caminham juntos, são elementos determinantes culturais e exemplos dinâmicos de nossa capacidade comunicativa. O pensamento complexo se apoia nos princípios etimológicos da palavra, unidades escritas ou faladas que contém uma história e peso, do global ao individual, sendo tudo cultura e ciência de cada povo (Lopes, 2015).

De acordo com Lopes (2015, p.14), “Linguagem é todo sistema organizado de sinais que serve como meio de comunicação entre os indivíduos.” A situação de deficiência visual, em muitos dos casos, se apresenta como a mais temida das mutilações de nosso organismo. A partir desse entendimento, fica claro que somos seres de necessidades emergentes de comunicação. O viés do visível e da imagem é responsável por mais de 80% das relações da linguagem e leitura do mundo. Por outro lado, perder a capacidade de ver o mundo com qualidade é uma condição impeditiva certamente, no entanto, nosso organismo se estabelece de modo especial a redirecionar nossas percepções do mundo externo ao nosso corpo.

O que há de distinto na percepção visual de quem não enxerga, só cabe a si. Em outras palavras, somente um cego é capaz de determinar, a seu modo, o quanto e como percebe o mundo. Todavia, no contexto educacional, algumas informações mais íntimas da percepção visual seriam de grande importância, para exemplificar: um professor dotado das potencialidades e da compreensão do que é uma imagem para o invisível de um cego, é capaz de desenvolver melhores e concretos recursos adaptados para o ensino dessa pessoa.

Contudo, vamos aqui despertar o encontro de duas áreas do conhecimento para redimensionar, por meio da complexidade, algo a mais no universo do visível do invisível, ou seja, abordar a cegueira sob uma nova perspectiva e por outro caminho, romper paradigmas e se distanciar do determinismo. Veremos que o mundo pode ser lido de muitos outros ângulos e luzes, é só acreditar.

#### **4.1 Evidência**

Uma forma de otimizar as condições de possibilidade para o desenvolvimento de

uma “complexidade aplicada” é facilitar a compreensão, através de uma definição aberta e não-fechada, sobre o que o pensamento complexo significa. Para isso, vamos mostrar a diferença entre “complicação” e “complexidade”. De modo bem sintético, veremos a seguir diferentes conceitos de “complexidade” e, por último, introduziremos uma definição aberta de “pensamento complexo” (MORIN *et al*, 2003, p.42).

Uma breve busca pelas origens das palavras de nossa língua; nos reserva satisfatoriamente horas de uma maravilhosa jornada investigativa. Comumente nos deparamos com conclusões óbvias, palavras que sempre nos disseram o que são e que por conta da rapidez empregada ao falá-las, não vivenciamos a sua essência. Nosso vocabulário tem sua origem em línguas bem estruturadas e amadurecidas. Para uma melhor entrada no universo da deficiência visual vamos nos ater aos princípios formativos de algumas palavras relacionadas com o tema.

Faremos uso da palavra EVIDÊNCIA, promovendo o confronto do significado com a relação e uso por pessoas com deficiência visual. Para Henrique (2011, p.58), “ela vem do Latim EVIDENTIA, “prova”, originalmente “clareza, distinção”, de EVIDENS, “claro, óbvio, perceptível”, de EX-, “fora”, mais VIDENS, de VIDERE, “ver, enxergar”.

Por mais que nos falte a luz no conjunto dos sentidos, o mundo não se resume a isso. Curiosamente somos condicionados pelos pais e professores a fragmentar o todo do que queremos aprender, sem mesmo ter condições de acessar a essência de sua totalidade. Uma criança cega aprende em uma só aula, tudo que confere a uma galinha, sabe que é uma ave e que põe ovos, ou seja, consegue esgotar o assunto a partir dos fragmentos dispostos na classe pelo professor. Isso tudo ocorre no plano das palavras. No dia seguinte a essa aula, ao ser questionada, a mesma aluna responde com toda a propriedade o que tem aprendido sobre o assunto galinha. No entanto, quando sua professora lhe oferece uma massa de modelagem, pede-lhe que forme ali uma galinha, a criança, por estar inserida em um outro plano dimensional, não apresenta o conteúdo galinha.

Dar evidência, significa dar condições de esclarecimento do todo as suas possíveis fragmentações. O correto no caso acima citado, seria que o ensino do conteúdo galinha teria seu fim, quando de fato a menina tocasse em uma miniatura de galinha ou melhor, se fosse a uma fazenda e escutasse, cheirasse, tocasse e degustasse a famosa galinha. Nossa educação apresenta conteúdos isolado e não os evidencia na totalidade do mundo que pertencem.

Uma educação comprometida com a verdade é resultado da qualidade com a qual as evidências são dispostas na rotina de todo educador. Sendo evidências como sinônimo de provas, alunos cegos ou não, dependem de como a construção de suas imagens internas ou evidências são criadas para que alcancem o sucesso de suas propostas epistemológicas. Desse

modo, podemos dizer que mesmo alunos cegos podem ter vidência ou provas concretas sem qualquer prejuízo impeditivo da falta de visão.

Operar, dessa forma, a palavra EVIDÊNCIA nos possibilita revelar que a sua origem favorece as aplicações mais profundas e urgentes para uma educação de todos e para todos. Morin(2001, p.211) propõe que os operadores cognitivos da recursividade, do holográfico e do dialético são estruturantes do visto como temos significado aos significantes da linguagem. Desse modo, dar “evidência” é algo que ultrapassa a simplicidade do termo, concorre na verdade ao conjunto de informações sensoriais que caminham para uma “prova” do que queremos aprender ou estamos sendo ensinados.

Nesse sentido, pelo que construímos aqui, podemos determinar evidências mesmo dentro do invisível. Ainda pensando na aluna cega, depois de suas aulas no plano das palavras, esta fosse a uma fazenda, teria ali as evidências pelo toque, audição, tato e paladar, do que até então era invisível. A holografia da razão cognitiva dessa aluna teve por fim conclusões óbvias e evidentes do assunto galinha.

Podemos concluir que, dar vidência por meio das evidências constitui uma ação pertinente a qualquer situação de percepção visual. Mesmo ao invisível dos olhos, as provas de uma leitura do mundo se tornam visíveis, todas as vezes que nos preocupamos em redimensionar o acesso, em outras palavras, ainda que tenhamos aprendido que nossos sentidos trabalham de maneira distinta, é salutar verificar que somos perceptivos do mundo, através das associações evidentes percebidas no conjunto ou sistema de sentidos de nosso corpo. Dar vez à essa forma de pensar, promove a clareza nas condutas pedagógicas entre alunos e professores.

#### **4.1.1 Os estados físicos da cegueira**

De fato, o conhecimento não pode ser considerado uma ferramenta "readymade", que pode ser utilizada sem que sua natureza seja examinada. Da mesma forma, o conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira, que serviria de preparação para enfrentar os riscos permanentes de erro e de ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana. Trata-se de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez (MORIN, 2001, p.45).

Uma breve consideração sobre a situação de cegueira nos obriga a compreender que existem dois casos clássicos de deficiência visual. O primeiro se destina a considerar pessoa cega aquela que não possui qualquer resíduo visual satisfatório e mesmo com correções de lentes possa perceber formas, cores e luzes do mundo. O segundo, mais frequente, é o estado permanente de pessoa com baixa visão, onde nestes casos, diferentes formas de resíduo visual

se apresentam como uma percepção entre a cegueira e a vidência humana.

Nesta parte do estudo, iremos abordar a questão das relações interpessoais da pessoa com deficiência visual com o mundo. Dessa feita, usaremos uma linha transdisciplinar entre os estados psicológicos e os estados físicos da matéria com a intenção direta de revelar determinados comportamentos típicos que ocorrem nas alternâncias da inclusão dentro da sociedade.

Vivemos em uma sociedade preconceituosa, porém tal preconceito que aqui usaremos, foge dos aspectos negativos que comumente o acompanham. Na verdade, ter preconceito é algo normal, cabe a cada um entender que este sentimento é um mecanismo de defesa e pode perfeitamente se relacionar para pré-estabelecer conceitos para o bem ou para o mal. Sendo assim, a vida com algum tipo de deficiência, neste caso a visual, segue seu curso alternando-se entre estados perfeitos de inclusão e ausência profundas da mesma. Isso, assim dizendo, se relaciona com a qualidade do preconceito impresso nas rotinas de qualquer sociedade.

De acordo com as leis da física, a matéria possui três principais estados de permanência física, o gasoso, líquido e o sólido. Dentro das primeiras séries de nossa formação, quando ainda somos crianças, aprendemos tal conteúdo e rapidamente interagimos com as evidências que nos relacionam ao concreto do que queriam, nossos professores e pais, nos ensinar. Tudo ao nosso redor está em um dos três estados que ainda acima citamos (MARTINS, 2013, p.116).

Desse modo, podemos entender que a cegueira também pode se apresentar como os três estados físicos da matéria. Mesmo com tantos avanços e recursos destinados ao auxílio de deficientes visuais, as relações interpessoais que envolvem professores, alunos e a família, concorrem sempre na frente de qualquer ação que vise ao sucesso de nossos educandos. Nos submeter ao enfrentamento do que de fato é uma cegueira sólida, líquida ou gasosa, pode, em certos casos, avançar na melhoria da qualidade de quem convive com pessoas cegas ou com baixa visão.

É óbvio que a ausência da visão gera prejuízos significativos na qualidade da comunicação, visto que o mundo se apresenta preponderantemente pelos videntes. Por outro lado, o que tentamos aqui dizer é, as evidências do mundo ultrapassam as limitações de um plano cartesiano, devemos dar oportunidade a outras formas de abordar nossas fontes e acima de tudo, transformar nossas relações interpessoais mais abertas a novos saberes aproximados e locais.

O uso da palavra cegueira, neste caso, se distancia do emprego dado por Edgar Morin quando diz que “é impressionante que a educação que visa a transmitir conhecimentos seja

cega ao que é conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer” (2001, p.210). Em outro aspecto, a cegueira que nos referimos nesse ensaio, não qualifica deficiência ou mesmo eficiência. Os elementos determinantes dessa questão são, que agentes influenciam nos estados físicos da situação de cegueira e, como podemos percebê-la nos diferentes contextos sociais.

Compreender-se como uma pessoa com deficiência visual não é difícil. Nesse caso, as rotinas de vida se repetem diante da mesma situação vivida a cada hora do dia. Até bem pouco tempo atrás, nossa sociedade não se preocupava em criar equipamentos públicos que favorecessem o acesso de cadeirantes, surdo e cegos, por exemplo. De outro modo, essa preocupação vem dando espaço a uma mudança emergente de comportamento e mentalidade, mesmo que ainda falte muito, estamos percebendo que algo vem mudando para melhor.

Uma pessoa cega, que a partir de então representará ambas as possibilidades, cego ou baixa visão, dependendo de seu estado emocional, das condições sociais, do ambiente e outros, pode se apresentar em três diferentes estados, a cegueira sólida, líquida ou gasosa.

Sendo mais sólida a cegueira, mais vista e densa é a sua condição. Em outras palavras podemos entender que a solidificação nesse estado promove uma melhor compreensão das condutas típicas da cegueira. Assim, a pessoa em estado sólido de suas convicções, se faz aparecer e perceber dentro da plenitude de como se determina e confia nas suas potencialidades.

No curso normal de transformação física temos a liquidificação. Neste caso, há uma percepção intermediária das condições de aceitação da deficiência, ou seja, existe uma condição da personalidade que pode ser levada a qualquer um dos extremos dos estados físicos. Devemos ter atenção pois nessa condição a pessoa, diante de tarefas ou exigências sociais, tende a se desestruturar para mal ou o bem. A cegueira líquida se apresenta todas as vezes que a pessoa necessita iniciar um novo contato social.

O estado gasoso da cegueira é verificado quando não há percepção do indivíduo cego. Neste estado quase todas as ações de inclusão, promoção de adaptações e recursos didáticos não surtem efeito. Pessoas cegas dentro desta condição não se apresentam, não dão espaço e não se permitem aproximar. Dada a propriedade de dispersão, o estado de gás não favorece ações inclusivas mais convencionais, para esta são necessárias as ações mais específicas e profundamente especializadas.

Como em qualquer condição de estado, as mudanças de densidade material dependem de muitos fatores, O calor, que aqui se determina pela relação interpessoal, é o maior

responsável por estabelecer as mudanças mais importantes. Além disso, temos os materiais de apoio e os recursos tecnológicos, sobretudo os computacionais que nos levam a uma inclusão mais verdadeira, ou mesmo, segura quando utilizadas com responsabilidade e objetividade.

Constatamos que trazer o assunto das condições emocionais e comportamentais de deficientes visuais por meio do discurso interdisciplinar, nesse caso entrelaçando a Física, a Psicologia e as Ciências Sociais, inicia uma nova reflexão sobre diferentes formas de pensar e dá voz às situações de eficiência quando nos relacionamos com pessoas com deficiência. A melhoria da qualidade de visibilidade entre as pessoas, com ou sem deficiência, depende por muitas vezes desse tipo de mudança de ângulos de observação. O conjunto de caminhos abertos pela iniciativa do pensamento complexo é feita por quem o caminha e diz como o vê em cada contexto determinado por cada vez.

#### **4.2 - Percepção musical: sinais e símbolos**

A noção habitual do que compreendemos como percepção quase sempre se confunde com o conhecimento. Na realidade, nosso conhecimento provém de como percebemos o mundo. Tais questões foram densamente discutidas, teorias como a Teoria Piagetiana do Desenvolvimento Perceptivo, a Teoria da Gestalt entre outras. Neste caso especificamente, nosso estudo se refere às condições perceptivas que se relacionam à ideia de elaboração de conceitos que permitam verificar na arte o potencial da aquisição perceptiva e a produção de conhecimento.

Um breve apanhado dos apontamentos filosóficos, e claro, não queremos aqui exercer profundas convicções, passamos a perceber que a percepção humana provém de uma necessidade em querer mais pelo saber. Tanto nas tábuas de registro pré-socráticas e no que se segue, temos a verificação do conteúdo criador da sabedoria, sempre interligado ao processo de como o homem o percebe ao natural. Sendo assim, a arte, linguagem humana, viabiliza quais aspectos sensoriais?

No caminho percorrido pela humanidade podemos encontrar indicadores de nossa consciência refletidos em grandes obras e ações, objetos registrados e configurados de acordo com a condição a qual nos percebemos como seres humanos. Antecedendo isso, temos a composição de modelos construtivos da razão que enquadram setores das áreas do conhecimento que de modo geral chamamos de ciência. Pois bem, ter ciência é ter sabedoria em processo de acumulação das ideias e do meio.

Segundo Langer (1942), a técnica é o modo mais sutil que temos de lidar com os

problemas. A busca por chaves que nos abram as ideias é reflexo de uma sociedade que busca suas respostas por meios responsáveis e confiáveis como se tudo ainda possa ser resolvido. Todo problema merece um tratamento, ele se expressa através de perguntas, onde estas, dependendo de como são feitas, determinam o caminho do tratamento, ou seja, da técnica aplicada ao assunto.

No caso do que aqui iremos discutir, a arte, mais especificamente a música, favorece em valores nossa consciência, ou seja, o elemento musical com toda a sua simbologia revela nossa condição na materialização ou percepção do sentimento nela contido. De acordo com Langer a obra de "arte é a criação das formas simbólicas do sentimento humano" (1942, p.224). Na prática, somos convocados por estímulos a perceber e transcriar o mundo. A arte, sem necessidade alguma de existir para que a humanidade sobreviva, é robusta em se sustentar exclusivamente por ser sentimento e propor emoções.

Langer (1942) classifica a música destacada das demais formas artísticas. Para ela a música assume uma condição inefável, em outras palavras, indizível e diferente das relações de fato/ficção e modelo/cópia, ações presentes na dramaturgia, plástica e literatura. Na tentativa de aproximarmos mais este conceito, podemos entender a música dentre as demais categorias de arte como algo que não se toca e, no entanto, só se percebe. Dessa feita, uma busca mais detalhada no interior de cada pessoa é capaz de justificar como a música nos alcança pela soma de sentimentos envolvidos e redistribuídos semelhante à mesma melodia é escutada no decorrer da vida (Oliveira, 2016).

A música é capaz de expressar com inefabilidade o que qualquer outra linguagem é incapaz de transmitir como mensagem. Logicamente que todas as prerrogativas que ponderam a situação que se encontra o ouvinte como condição emocional do momento, devem ser respeitadas. Por outro lado, nossas subjetividades em qualquer aspecto ocorrem quando por meio das associações harmônicas se apresentam instigando as mais diferentes emoções. Segundo Oliveira (2016, p. 01), "[...] uma composição musical, na maioria das vezes, não estabelece vínculos com possíveis referências extramusicais".

A músicas e as outras artes dizem ao mundo tudo o que não pode ser dito, ou seja, o indizível filosófico não se aplica quando a linguagem se apropria da arte diante de suas necessidades de propagação dos autos comunicativos. Pensar assim nos conduz a uma análise mais dirigida à compreensão do esforço e uso dos símbolos contidos na arte que estão sempre aproximados das formas e modelos mais naturais que conhecemos ou mesmo crescemos aprendendo a reconhecer. A essência de nossa percepção surge exatamente desta premissa, pois tudo o que não nos é familiar, como a natureza que convivemos por todo o tempo, não

nos alcança os sentidos. Langer (1942) propõe que o esforço a ser deferido atinja uma vontade de perceber como a arte, a matemática e a biologia são ao mesmo tempo distribuídos por todos.

Como nos ensina toda uma tradição filosófico-teológica de caráter apofático, o irrepresentável possui estreito vínculo com o inexprimível, uma vez que os signos linguísticos não deixam de oferecer uma possibilidade de representação/exposição verbal a determinada experiência (OLIVEIRA, 2016, p.01).

Langer, em outra "key", ou seja, "chave" de leitura comenta que entre o passado e o futuro, nossa imaginação se permite perceber, e o que é percebido, somente a arte é capaz de conceber como linguagem. A música, não referencial, ainda assim é aberta a interpretação do conjunto de sentidos atribuídos a isso e trabalhando em harmonia diante das dimensões e contextos. Um exemplo disso se dá quando escutamos uma música do passado e nos lembramos exatamente das interseções sensoriais de outrora, relações olfativas e táteis que quando revistas, nos conferem as emoções mais presentes da época em questão.

A razão de inefabilidade da música não é uma abordagem perceptiva exclusiva de Langer; Schopenhauer, Nietzsche, Adorno e Jankélévitch, também consideravam a arte musical nestes termos. Porém Langer, dado ao que se investiga, acrescenta e demonstra que a problemática da arte e seus dilemas, se difundem melhor quando são reveladas distante das recursividades da palavra escrita e o símbolo real, ou seja, quando usa caminho próprios da linguagem dita no que não é dito.

A arte não cabe dentro de "molduras" do *logos* demonstrativo. As ideias a serem representadas quando temos o sentimento e sua forma passam por atribuições próximas ao que compreendemos como estado de consciência elevado, espiritual ou qualquer coisa neste mesmo contexto. Contudo, seria uma fraca constatação identificar que toda experiência humana seria capaz de ser traduzida pela linguagem verbal. Talvez por isso, quando perguntamos ao mais experiente dos enamorados o que é o amor, haja um silêncio que anteceda sua resposta e por vezes nem resposta há por meio da linguagem verbal.

Ele, incumbido de tal questão, responderia dizendo, o amor é o sol de uma tarde na beira do rio Tarauacá, a brisa que bate por lá e o cheiro de macaxeiras desembarcadas pelos índios Kulinás no meio de julho quando este rio está seco. Nem mesmo todas as palavras do mundo são capazes de definir o amor no que há descrito acima. Essa inefabilidade a música resume em si. Ele, ainda tentando conceituar tal sentimento, sabe que quando ouvir uma canção ligada à época, dirá consigo, o amor é pra mim tudo aquilo quando o rio está seco no meio de julho, mas o que prevalece como conceito é a sua emoção. Dessa feita, o verbo é

incapaz de reunir todas as tensões e alívios do global que envolve o amor.

Toda a esfera que compreende os sentimentos, os afetos e as moções interiores, assim como a própria dinâmica da vida, expressam-se com maior eficácia por meios capazes de incluir 'tensão e alívio, progressão, ascensão ou queda, movimento, limite, repouso' (OLIVEIRA, 2016, p.02).

A música, aqui vista como elemento unicamente melódico, quando comparada ao discurso escrito ou falado, se difere pela indeterminação de conteúdo. A obra de arte deve ser consumida como um símbolo não discursivo, algo desatrelado do conjunto direto das informações, mas sim como uma associação de ideias que condensam em relaxamento e aceleração, retardos e contemporaneidades e demais outras adjetivações emotivas.

A prática e desenvolvimento das performances musicais, isso aplicado a qualquer instrumento, nos condiciona a perceber os sons de maneira muito específica. Além de toda a coordenação cerebral exigida para a leitura, habilidade, enquadramento temporal e demais outros elementos pertinentes a prática musical de um instrumento, precisamos considerar como tudo isso é sentido pela pessoa que se ocupa de tais estudos.

As rotinas iniciais de prática instrumental para os músicos são por vezes dolorosas sessões de encontro com o desejável e o impossível. Qualquer grande nome da música mundial demonstra que ainda não terminou de estudar todos os conteúdos de seu instrumento. Essa eterna perseguição técnica, revela como os problemas são constantes no fazer artístico. Desse modo, a sutileza ao estudarmos nossos instrumentos é fundamental quando queremos ultrapassar as barreiras para uma execução perfeita.

No caso deste estudo que relaciona deficiência visual e a música, podemos partir ao enfrentamento das questões que se abrigam dentro das condições simbólicas que a música se apoia para a melhor compreensão. De um modo muito curioso, pessoas cegas são consideradas aptas à música e não aptas a entrarem na academia de música. Que valores são efetivados para que esta condição prevaleça? Muito do que podemos perceber como resposta está diretamente ligado a qualidade do símbolo ou conjunto de sinais investidos para o registro musical.

Não queremos aqui destruir com o acúmulo de informações e organização da pauta musical. Ela, tal como conhecemos, revoluciona o mundo artístico, agiliza processos e permite que tenhamos acesso ao passado das belas melodias compostas. A partitura é responsável pela aquisição das técnicas do tocar junto como percebemos nos grupos das grandes orquestras. Por outro lado, ela não é a responsável total para que a sintonia aconteça, coube à ela a tarefa de facilitar que a ideia contida na cabeça do compositor chegasse aos

olhos do músicos participantes. Ao contrário, sabemos que uma orquestra, diante de uma ordem tonal, inicialmente oferecida por um dos músicos, é capaz de tocar em improvisação por infinitas horas sem qualquer símbolo escrito à sua frente.

Pensando assim, o caso da pessoa cega que se inicie nas práticas musicais, também pode, dada a condição perceptiva, amadurecida ou não, se deferir em relação ao som, tocando em conjunto ou não, longe dos símbolos gráficos. Nosso problema é, mesmo assim, indiferente aos símbolos musicais, qualquer aluno de música, na mesma proporção dos grandes instrumentistas, quer sempre mais do mais que seus estudos lhe oferecem. Na verdade, nossos símbolos não são limitados a condição do que é escrito, são simbologias perceptivas, uma espera dentro do discurso musical por notas e cadências que determinam, mesmo sem as ver, quais caminhos tomamos quando tocamos ou estudamos as passagens sonoras ou peças musicais.

Langer (1980), defende que existem dos aspectos perceptivos: o lógico, criado e mantido pelo acesso à informação técnica, e o psicológico, absorvendo as raízes simbólicas do fazer musical pela tomada dos sentidos e interpretação emocional que fazemos por todas as vezes. Como exemplo temos, um músico quando convocado a se exibir em uma cadência, dele se espera a técnica da lógica, notas bem deferidas e sustentação de um bom som, e por outro caminho, também se espera a técnica psicológica, como ele irá nos emocionar ou mesmo surpreender com as linhas de intervalo menos convencionais.

Determinada época na música do sul dos Estados Unidos da América, mais especificamente no estilo musical das lavouras negras, o *blues*, muitos músicos cegos eram considerados ótimos representantes do estilo musical. Até mesmo músicos sem a cegueira, colocavam atrelados ao seu nome artístico a palavra *blind*, cego em português, para que dessa forma, além do atributo técnico lógico aguardado pelo ouvinte, a palavra *blind* lhe atribuía a técnica psicológica. No entanto, não queremos afirmar que somente cegos possuem tal qualidade de emprego sensível à arte. Nossa questão ainda reside na problemática que defende o símbolo escrito como caminho exclusivo para as melhores técnicas da prática musical. Pois lembremos, a academia deve privilegiar o acesso de todos (Espinola, 2016).

Sendo assim, a razão entre a lógica e a psicologia da percepção musical, sofre alterações corriqueiras, caminha por diferentes espaços e ao mesmo tempo que parecem ser diferentes, são complemento direto e necessário para como queremos ter nossos avanços musicais. Reconhecer que nossas ideias pertencem ao amadurecimento das técnicas provenientes dessas duas premissas condicionais, é a chave que abre para a resolução de muitos problemas que não são pessoais, mas da situação social que se impões em relação ao

fazer artístico.

De modo muito evidente, a música sempre é comentada como a representação organizada dos sons que a natureza possui, ainda nesse sentido, a música é algo que gostamos, sentimos e vivenciamos. Ilustram essa perspectiva os sons de trovões e do vento, que traziam consigo informações sonoras e um contexto analógico do que de fato é o som. Desse ponto de partida, podemos encontrar hoje propriedades facilmente compreendidas no universo musical em relação a qualidade do som. Temos a altura, o timbre, a duração e a intensidade.

“Música é alguma coisa de que se gosta; música é som organizado com ritmo e melodia; música é som agradável aos ouvidos; música é arte ou música é uma atividade cultural relativa ao som” (SCHAFER, 1996, p.25).

Pitágoras (570a.C. - 490a.C.) percebendo o mundo e suas sonoridades, muito antes de toda a analogia moderna do áudio, deferiu ao mundo estudos que nos possibilitam esquematizar comprimentos de ondas e frequências de sinal sonoro hoje em dia. O conhecimento produzido pelo filósofo grego perdura por mais de 2000 anos até sofrer análises comprobatórias pela física tradicional do século IX e XX. Na verdade, músicos e físicos acústicos, trabalham com a mesma matéria prima, os primeiros sentem o som, enquanto que os segundos, quantificam o que para eles são frequências eventuais presas a numerações entre o tempo e o local do fenômeno acústico.

Uma retomada ao assunto dirigido às propriedades do som acima citadas, temos como contexto, a vida e técnica de músicos amadurecidos que compreendem o som por meio de suas práticas. Para o leigo, altura do som é correspondente ao quanto forte esse mesmo som chega aos seus ouvidos, por outro lado, sendo mais preciso, altura de som, nos termos técnicos, equivale a numeração da frequência ao qual ele se apresenta, por exemplo, sons graves possuem numerações mais baixas que sons agudos. Sendo assim, a altura sonora é relativa e percebida nas diferentes notas que antes Pitágoras descrevia.

Da mesma forma que o físico Rutheford (1871-1937) descreve o esquema gráfico da figura de um átomo em 1917, algo que nesse aspecto nunca e jamais alguém virá a ver, as ondas sonoras também são defendidas por um modelo gráfico, didático que pela apropriação das rotinas e frequências do balanço marinho, são chamadas assim, de ondas para uma melhor compreensão dos fenômenos acústicos. Os estudos de Hertz (1857-1894) em 1904, colaboraram para a percepção visual da música que temos atualmente com as imagens de ondas sensoriais dentro dos espectros dos computadores e seus programas de edição do áudio, nesse caso digital. Tal feito que hoje somos capazes de observar, comprova o que Pitágoras dizia sobre o movimento dos intervalos que agora chamamos de notas musicais e para os

físicos da acústica, frequências de energia sensorial.

Contudo, toda essa história referente ao analítico das ondas de som, nos ajudam a perceber que a música possui conotações rígidas e ao mesmo tempo, sentimentais. Na altura das diferentes maneiras que percebemos o som, nos qualifica como artistas querer sentir o som como linguagem. As propriedades que falamos antes, são elementares à nossa percepção. Então, como abreviação das discursões desse estudo, podemos localizar duas frentes perceptivas do som. Uma que se conduz pelos números e outra que se aplica ao que sentimos (Langer, 1980).

Em alguns momentos da história da humanidade, a música se sujeita a intervir entre o que sente e o mundo que nos abriga. Podemos lembrar dos intervalos proibidos durante o período medieval na música ocidental, as 4<sup>as</sup> aumentadas do coletivo harmônico do *Blues* americano e os saltos de 5<sup>a</sup> do choro brasileiro. Nesses casos, não são números de frequências que determinam a lógica do som, mas um conjunto de sentimentos e fatores locais acumulados no que conhecemos como cultura que determinam as improbabilidades da música como forma do sensível. Ylia Prigogine, com os estudos do princípio dissipativo da matéria colabora com a resolução dos fragmentos harmônicos perdidos durante uma prática performática instrumental. Pois, o som analógico, ou seja, perceptivo por suas propriedades, dada a suas incertezas, nos conduz a condição humana da música como arte e forma dos sentimentos indizíveis.

#### **4.3 - Tecnologias e processos de construção da abordagem produtiva da música e a baixa visão**

Desde o surgimento do Braille no final do século XVIII, que inúmeros esforços relacionados com a educação de cegos vêm sendo desenvolvidos no mundo. Ainda que em outras realidades sociais da época houvesse modelos diferentes para acesso à informação por DVs, o Braille, idealizado por Louis Braille na França, foi difundido em todos os continentes e sem dúvidas, revolucionou a vida de todos que dele usufruíram. Assim, diante das possibilidades cognitivas do DVs, ou seja, suas potencialidades intactas, ler se tornou possível e básico para um amadurecimento das práticas pedagógicas até os dias de hoje (Bezerra, 2016).

Aqui, vamos dispor do conjunto de recursos adaptados ou não para benefício da educação ou aquisição de informação para PBV. Além de uma proposta de aplicação, temos o interesse em desenhar quadros ilustrativos da rotina de adaptação dos recursos disponíveis,

sobretudo, em meios computacionais como *smartphones*, *tablets* e PCs. Sá et al. (2008, p.16), divide os recursos didáticos em dois níveis, “ópticos” e “não-ópticos”, aos quais faremos algumas considerações: “recursos ou auxílios ópticos são lentes de uso especial ou dispositivo formado por um conjunto de lentes, geralmente de alto poder, com o objetivo de magnificar a imagem da retina. Esses recursos são utilizados mediante prescrição e orientação oftalmológica”.

No caso de recursos Não-ópticos, ela diz, “tipos ampliados: ampliação de fontes, de sinais e símbolos gráficos em livros, apostilas, textos avulsos, jogos, agendas, entre outros” (2008, p.19-20). Na época da difusão dos descobrimentos das autoras, ainda não se tinham tantos dispositivos do tipo *smart* celulares como hoje. Desse modo, tendo vivido toda essa significativa mudança, vamos discorrer sobre a associação dos recursos descritos com as possibilidades de alcance atuais.

Ao longo da formação do aluno DV em música/licenciatura, as solicitações de construção do plano de aula são levadas de modo muito sério diretamente pelo o que diz Finck (2017, p.37). Para a autora, “neste panorama encontramos também as necessidades ligadas à acessibilidade, tanto por parte de alunos quanto de professores com algum tipo de deficiência que apresentam limitações de acesso[...]”. O avanço dos meios computacionais trouxe a possibilidade de aquisição de novas fontes de conteúdo e visibilidade inovadoras de outras realidades pelo mundo. Por este motivo a “[...]internet, repositórios digitais desenvolvidos com base no desenho universal, leitores de tela e materiais didáticos pedagógico-musicais acessíveis, nos quais, as dificuldades de produção se potencializam consideravelmente”.

“A resposta humana para o discurso musical é raramente indiferente” (GALVÃO, 2006, p.12). Sendo assim, podemos verificar em Fantini (2016) um enorme conjunto de títulos que narram, sobretudo, a “importância” da música em nossas vidas. As relações existem, porém com cuidado, como diz Souza (2016), nem sempre a música faz bem.

Na verdade, no contexto de uma cognição por parte do universo individual humano, a música é geradora de uma movimentação sensorial causadora do desenvolvimento de uma memória duradoura (Galvão, 2006); (Bouabid, 2016). Desse modo, Finck diz que, “isso traduz a experiência musical como uma experiência emocional socialmente compartilhada em festas, funerais, salas de concerto, cinemas, carros e em muitos momentos da vida cotidiana” (2019, p.13).

O debate dos autores acima propõe uma reflexão sobre nossa cognição por algo que ela própria foi capaz de criar, no caso, a música. Na dimensão que se assume com a criação de

fóruns e eventos de discursão sobre as condições de vida dentro e fora da escola por DVs, vemos a música como um agente pertinente para vazão das ideias e proposições afirmativas de cada ou qualquer pessoa. Por outro lado, ainda nos vemos diante de uma necessidade viva, precisamos formar mais e melhores professores, integrar relações pessoais e viabilizar por meios da formação acadêmica, a visibilidade de novas fronteiras de enfrentamento para o desafio da inclusão. Pensar em uma música pode ser entretenimento para muitos, mas para arte educadores, é necessário ir mais além (Finck, 2017).

Os anos passam, as leis brasileiras vêm aprimorando seu alcance, temos no ECA um grande avanço, foram defendidos valores óbvios e que por pura condição de subdesenvolvimento, temos que garantir pela palavra escrita e punições abomináveis comportamentos sociais. Encontram-se propostas em Finck (2015, 2016, 2017); Reisa et al. (2018); Malheiros (2017) ressaltando a figura do DV para mais dignidade ao acesso a condutas de atendimento especializado. Para este fim, vamos organizar as principais propostas previstas por Galvão (2006) pelo o que aponta como caminho para uma abordagem para os efeitos da música na nossa vida e principalmente na formação cognitiva.

Usamos como método a interpretação das publicações eleitas com as mais pertinentes proposituras obtidas durante o levantamento do Estado da Arte. Faremos uso de uma citação indireta a cada obra com comentários transversais quando necessário por outros autores. Ao final, queremos tornar claro como se movimentam as ideias de apoio a inclusão com ligação ao fazer musical e após.

Propor um modelo para reflexão do que previmos nesta tese. A escolha do material apresentado não sofre ondem de valor pela data de publicação e nem tema defendido. Veremos que os autores trazem questões muito distintas entre si, modelos semelhantes foram encontrados, demos preferência para os nomes mais frequentes como colaboradores nos canais de eventos e revistas no meio teórico do caso.

### **Regina Finck Schambeck**

A professora Doutora Regina Finck é uma das maiores colaboradoras no campo da formação de professores de música. Membro da ABEM e ANPPOM, é, além de toda a sua formação relacionada a arte e educação, bacharel em ciências contábeis. Atuando na região sul, traz prioritariamente questões sobre inclusão e educação musical. Ainda que nosso país tenha proporções continentais, muito do que é lido pela autora colabora para uma unificação das ideias por todo o território nacional. Participa dos grupos de pesquisa Música e Educação

– MUSE, Educação, Arte e Inclusão e do Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores LIFE/UEDESC.

O que podemos observar desde a publicação do Decreto de lei nº7.611/11, dispendo sobre o AEE, várias frentes de investigação tomaram curso. Seriam estas no início em 2008, espelhado ao primeiro texto do decreto, voltados a uma obrigação do Estado em dar providências para uma das diretrizes constitucionais que visava uma educação para todos sem distinção. Nesse sentido, mesmo que possamos pensar na inexistência de ações antecedentes ao AEE, com o decreto, muito do que temos hoje como ação afirmativa passou a se encarrilhar em um mesmo trilho, locomovido pela força de vontade de muitos e proposições como da pesquisadora Finck.

Para a autora, há uma preocupação no campo da percepção de novos e antigos educadores para as mais recentes demandas de atuação para a inclusão dentro das escolas. Os cursos de música no Brasil vêm sofrendo alterações em seus currículos para um consórcio que formará profissionais educadores com um mínimo de horas de formação dentro da temática da inclusão. Temos como exemplo a Universidade Federal do Amazonas, por meio da Professora Doutora Rosemara Staub de Barros, tendo seu projeto pedagógico adaptado aos novos rumos da inclusão muito antes de qualquer proposta de difusão das ideias nos eventos da ANPPOM e ABEM.

Para a professora, Regina, observar as diferenças entre a qualidade da formação de educadores na rede de ensino é um dos fatores que merecem uma iluminação diferenciada para a colheita de resultados mais promissores sobre como dialogam e dissolvem suas problemáticas para de fato integrarem seu alunado com deficiência. De modo curioso, a professora usa uma palavra que não se assume pelo significado direto, mas pelo potencial criativo dos agentes investigados. Seria “ideal” qual formação estrutural da mentalidade coletiva para efeito das diretrizes para inclusão.

Dessa forma, o “ideal” de Finck se relaciona com os déficits da quantidade de instituições formadoras e mal relacionadas entre si, fica claro como a ABEM é fundamental para o desabrochar de novas conquistas como dispõem os textos da autora. Além disso, vemos uma preocupação mais aplicada para como as instituições vem se preparando para a entrada de um contingente que cresce por conta dos movimentos sociais causados pelo encorajamento do AEE. No mais, hoje, como prevê, ainda temos em atuação os professores de arte, música e auxiliares de classe, formados separadamente em instituições e regiões do imenso país, porém a abertura de um debate mais franco é propositura para melhoria da qualidade do ensino inclusivo e como consequência, aumento de cidadãos colaboradores de suas comunidades.

Nesta proposta o conjunto de investigadores entre mestres e doutores, versam sobre um momento emergente sobre a chegada de pessoas com deficiência em quadros de liderança. Os esforços para a melhoria da qualidade do ensino e oferta de oportunidades educativas passa para uma nova configuração de possibilidades. Brandão (2016) dizia que estamos vivendo a inversão dos papéis, enquanto um ramo da educação especial se preocupa com o aluno, outro, passa a dar condições do aluno se preocupar com o seu professor. Diante disso, o apontamento de novos recursos tecnológicos e o aumento de dispositivos em nossa rotina de vida traz um refinamento das possibilidades reveladoras dos potenciais de todos, incluindo as ocupações de liderança.

Os autores partem para a defesa de uma suposta compensação social, ainda presa aos estigmas de sociedades passadas, porém, no rumo das informações instantâneas, o aspecto da comunicação só tem acumulado dados positivos. Mediar tais informações é competência docente. De outra forma, aplicando as propostas para qualquer nível de ensino, Reis et al (2018) constituem uma ação que valoriza a narrativa dos participantes, cria uma atmosfera de intimidade e responde certas dúvidas frequentes que normalmente as pessoas frente a frente não tem coragem de proceder.

Nesse contexto, quanto mais intervenções seguras por meio dos recursos tecnológicos passarem a pertencer ao mobiliário físico e virtual, teremos qualidade de acesso e produção por parte de PBV em diferentes frentes. No campo da prática e ensino de música contamos hoje com afinadores luminosos, metrônimos no computador com marcadores ópticos, partituras ampliadas, impressões de alta qualidade, repositórios de músicas na *internet*, aplicativos dedicados a conversão de partituras impressas em codificação Braille e plano de regulação para construção de *sites* na rede com o máximo de acessibilidade.

[...]a TA pode ser um importante caminho de mediação para alcançar a supercompensação social, a depender da quantidade e qualidade dos estímulos externos e das interações sociais. Dessa forma, a TA amplia, como instrumento mediador, as possibilidades para o aprendizado e a troca na relação aluno-professor-aluno[...] (REIS et al., 2018, p.8).

Com este, é possível propor com clareza a urgência em preparação das instituições de ensino e demais centros profissionais para a chegada desse tipo de colaboração. Damos como exemplo a ineficiência nos exames de seleção para programas de pós-graduação da maioria das IES: provas mal formuladas, tempo insuficiente, confusão entre o Braille e a Libras, entre outros. Em outro caminho, podemos ver propostas mais avançadas, situações em que prevalecem a solidariedade e o envolvimento, pois proficiência em língua estrangeira não pode ter um único modelo avaliativo, deve favorecer a quantidade de tempo e formato menos

cansativo de leitura de alguns textos, só para ilustrar. Com isso, os autores conseguem dar uma noção dos rumos que vamos tomar para o futuro, diante das decisões tomadas e reveladas para o esforço de todos.

## **Ozani Pereira de Oliveira Malheiros**

Mestre Ozani Malheiros podemos observar uma tendência ao qual cabe como proposta entre as proposituras deste capítulo. Malheiros trabalha com educação de cegos e PBV no nordeste brasileiro, especialista em canto coral, vem dedicando suas ações para além dos serviços prestados a igreja, atendendo de modo especializado as demandas para educação musical com uso da musicografia Braille. Ao contrário do que muitos pensam, relata o autor, a pessoa cega precisa de um bom acompanhamento para desenvolver uma leitura satisfatória por meio dos dedos, ou seja, pela percepção tátil.

Nessa esteira, há um novo velho caminho. Louis Braille, na França, iniciou o sucesso da propagação do código Braille com apresentações musicais de seus alunos. A musicografia Braille é eficiente, porém, como diz Malheiros, o tempo dedicado a produção de peças em Braille é enorme e isso afasta possíveis envolvimento de professores de música em quadros especializados. Ainda assim, é muito tímida a atuação musicográfica no Brasil. Contamos com o Centro Cultural da Av. Vergueiros em São Paulo capital com uma boa coleção de peças em Braille para diferentes estilos e instrumentos. Todavia, o Braille é muito precível, se apaga pela quantidade de vezes que se leem com os dedos, caro e cada vez mais escasso quando existe.

Traçar propostas para uma melhor produção de conteúdo é a mais antiga reivindicação da comunidade de cegos que tocam. O autor comenta que a maioria da comunidade por ele assistida não deseja ser um profissional da música. Nos casos, Malheiros dirige a atenção para o aluno que quer simplesmente tocar uma melodia do momento, de sua igreja e não peças consagradas e enormes de algum clássico erudito. Com isso, é preciso canalizar os olhares para o que vem sendo produzido em canais de compartilhamento aleatório de comunicação, nas redes sociais como *Youtube*, pois lá, na medida do tempo de qualquer um, as aulas ou simples explicações fazem a diferença sem importar a distância ou momento do aprendizado.

O Braille não deve acabar, porém na urgência de quem precisa de informação, ter em um vídeo suas preferências musicais alcançadas, vem valendo mais do que a espera pela

preparação de materiais em Braille para que PBV pudessem tocar. Nesse contexto, a proposta é para uma melhor identificação dos itens dispostos na rede de computadores, barateamento da conexão à *internet* de banda larga, repositórios dedicados a músicas editadas em programas como *Encore*, *Muscore*, *Finalle* e *Sibelius*, preferencialmente. Com isso, unificaremos os artigos utilizados em um só arquivo digital, sendo útil para quem desejar, passivo de alteração e adaptação de tonalidades e recados individuais para caso ou demanda do atendimento especializado.

#### 4.4 Interpretação das proposituras

Podemos encarar nas proposituras acima perfis destacados em três níveis de atuação. De acordo com o aspecto autobiográfico deste estudo e os levantamentos registrados, tais considerações podem conter nos parâmetros mencionados em três perspectivas, muito do que esperamos para uma nova proporção de ações nos próximos anos. Desse modo classificamos assim:

- **Relações Interpessoais:** ainda temos muito a caminhar para compor uma sociedade menos preconceituosa e medíocre em relação a seu compromisso com a acessibilidade. Ainda parece que o dever maior de promoção de atendimento específico fica somente com o setor pedagógico, todos esperam ações afirmativas de dentro para fora da escola, no entanto, é verdade que na escola vamos ter a base formadora de boas ações, porém, principalmente no ensino superior, cursos abrem mão de receber em seus quadros docentes, professores com um mínimo de formação didática, fundamentados no fazer pedagógico e retomando suas humanidades. Para exemplificar, temos bons engenheiros lecionando, mas são devedores de boas didáticas e pelo contexto, obviamente não conhecem quase nada do que existe em relação ao atendimento preferencial e condutas para pessoas com deficiência. Como resultado, ainda teremos gerações de bons construtores desumanizados em variadas frentes de atividade. Nas universidades, sem qualquer esforço investigativo, percebemos como é fraca a discussão sobre o tema de acessibilidade fora das licenciaturas e pedagogias. Ainda vivemos na condição de ter atenção a estes quadros de atendimento somente quando alguém próximo da família passa a depender severamente de políticas afirmativas e ou mesmo quando se aposentam e descobrem o quanto trabalharam mal para seu conforto social no futuro de descanso laboral. Para isso, se faz necessário uma reformulação dos projetos de formação acadêmica, unificação das práticas e uma maior exigência do mercado para profissionais mais humanizados e sensíveis nesse aspecto.

- **Lideranças:** para essa apresentação no debate que analisamos os dados levantados, devemos passar a considerar que futuramente as ações do AEE acumularão mais e melhores resultados de conquistas dos espaços por pessoas com deficiência. Bouabid (2015) revela que na França é esperado um aumento de 45% de pessoas com deficiência em cargos de liderança. Por outro lado, ainda circulam notícias, nos meios de comunicação, valorizando um desenho de miserabilidade e incapacidade quando a pauta é dedicada a uma pessoa em situação de deficiência. Para uma melhor consideração, precisamos distanciar da noção de vulnerabilidade a deficiência em si. Os exemplos de Steven Rofinks, Steve Wonder, Aleijadinho e outros, passam por uma condição de dependência e estão longe da vulnerabilidade. Para Cardozo (2014), nosso país cria ao invés de cuidar, uma falsa presença do incapaz. A ocupação dos postos mais altos não é parte de uma super compensação social, deve ocorrer pela aquisição dos próprios méritos, viabilizados pela defasagem de tempo e espaço diferenciado, porém, dando vazão ao potencial criativo e presente mesmo com alguma defluência.

Como prevê Keenan Junior & Finck (2017), o aumento do acesso a universidades, sobretudo em cursos de formação de professores, vem crescendo a cada ano. No Brasil, com a democratização do acesso por meio de exames nacionais e visibilidade de processos pela *internet*, temos garantido a entrada na graduação de um bom número de alunos provenientes do AEE que agora esbarram no ensino superior. Por fim, o que precisamos após a garantia do acesso ao nível superior é dar permanência e sucesso. São muitas as críticas lidas durante este estudo em relação a falta de preparo por professores do magistério superior, ainda temos uma configuração atuante formada em outros currículos e com o tempo empenho, precisamos mostrar como é possível promover a inclusão em qualquer nível de formação.

- **Tecnologias de acesso:** faz muito tempo que não vejo uma partitura em Braille, ou mesmo um livro, algo ainda mais comum. Com a chegada dos livros digitalizados o acesso à informação ficou mais rápido e barato. É uma realidade atual a compra de livros na opção digital nas melhores livrarias do mundo. Além de não ocupar espaço, não estragam, você não os perde, sempre estão em boas condições e custam bem menos que os modelos impressos. Respeitando uma frase que não é mais comum, “não gosto de ler livro no celular, dói o olho”, podemos entender como um direito de escolha, normal. De outra forma, essa foi a melhor maneira de um DV voltar a ter sua leitura garantida, democratizada, pois antes tinha que esperar por alguém para transformar seus impressos em arquivos digitais. Na mesma proporção estão as músicas em formato digital, uma alternativa muito positiva para o desenvolvimento dos músicos mundo afora. É possível contactar bancos de obras musicais

pelo mundo e em menos de poucos segundo, trazer coisas novas para a composição do repertório de grupos nos mais diferentes moldes de orquestração. No viés das fronteiras do universo digital, deficientes passam a ter mais vez, participam melhor e constituem-se amplamente pela oportunidade de acesso eminente. Infelizmente alguns setores são bem taxativos e duros em relação a essa conquista. Ainda não podemos assistir espetáculos com os celulares ampliando a imagem focada por suspeita de gravação indevida, ainda não nos permitem fazer provas ao computador por medo de cola, ainda não nos permitem apresentar escritos em língua de sinais por não verem cientificidade na ação e outras mais. Contudo, o que somamos aqui pode ser considerado promissor, vivemos as informações em tempo real e pela qualidade do acesso, quase nunca estamos excluídos das questões mais presentes.

No contexto da criação do Estatuto da Pessoa com Deficiência em 2015, vemos o quanto há de alteração nas prerrogativas para a maneira como a sociedade vê a questão da inclusão. No disposto acima em três partes, podemos considerar como os pontos mais elementares de todo o conjunto de esforços para a manutenção de um projeto de integração para a diversidade. Ainda que o texto traga,

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p.01).

É fácil perceber em centros de formação como escolas e universidades a presença do debate mais franco e constante sobre ter ou não ter deficiência mesmo que não haja clareza sobre o conceito apresentado na lei acima. “A inclusão de pessoas com deficiência é uma concepção recente na história da humanidade” (LIMA, 2018, p.02).

Desse modo, os congressos e encontros acadêmicos transbordam propostas para infinitas configurações de acesso, sendo a ordem maior, ser paciente e enfrentar junto qualquer questão. Para Lima, precisamos abandonar determinadas considerações sobre uma falsa percepção que acusa o deficiente como alguém escondido em uma patologia e incapaz. No cenário construído até então, cada um tem um papel, guardando as devidas proporções, pois ainda vamos aprender por mais uma boa porção de anos, mas passamos pelo início e isso é o mais importante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse esclarecimento há um encontro com todos os meus desencontros da vida. Não é fácil, mas não é fácil dizer que não é fácil. Encontramos muitas respostas para aquilo que ainda nem havíamos perguntado nas intimidades. Sofremos por também não termos adicionado a academia outros processos que viabilizem mais resultados. Assim é a deficiência visual, visível mesmo sendo invisível.

Dando ênfase, retorno, podemos concluir que, dar vidência por meio das evidências constitui uma ação pertinente a qualquer situação de percepção visual. Mesmo ao invisível dos olhos, as provas de uma leitura do mundo se tornam visíveis, todas as vezes que nos preocupamos em redimensionar o acesso, em outras palavras, ainda que tenhamos aprendido que nossos sentidos trabalham de maneira distinta, é salutar verificar que somos perceptivos do mundo, através das associações evidentes percebidas no conjunto ou sistema de sentidos de nosso corpo. Dar vez à essa forma de pensar, promove a clareza nas condutas pedagógicas entre alunos e professores.

No conjunto das obras oferecidas para a delimitação de nossa investida, vimos como há mais do que pensamos ter. Em outra forma de falar, tudo se apresenta muito gratificante pela conquista em quantitativos acima das expectativas de obras dedicados a uma entre tantas

questões das sociedades modernas. Fomos avançando nos campos pesquisados, comparando com publicações anteriores, vemos como a *internet* transformou a força da palavra de qualquer um que se inclina a falar de si ou de outro. Podemos citar os artigos que versam sobre relatos de experiência em centros de formação com pessoas DVs. Por mais que tenhamos o compromisso com a cientificidade, é impossível não se destacar pela imaginação e experiência paralela a tantas realidades de um país enorme como o nosso.

A ABEM é a partir de então, uma associação que merece um foco especial, suas investidas para a melhoria do quadro de ensino musical no Brasil são significativamente ricas, além dos temas que abordamos aqui, ela colabora com os mais necessários pontos sobre a problemática educativa musical. Os Grupos de Trabalho (GTs) amplamente distribuídos nos eventos sazonais, são diagnósticos da saúde sócio/cultural das cinco regiões brasileiras. Sem desmerecer a ANPPOM e as notórias publicações do Congresso Brasileiro de Educação Especial (CBEE), o GT 3.3 que trata da inclusão e a música, reflete um parâmetro direto da ação da arte em envolvimento com a deficiência humana. Com isso, não há julgo sobre quem tem as melhores publicações ou quantitativo, vemos com isso um avanço importante para aqueles que esperam por novos procedimentos e tratamento pelas sociedades.

De um todo iluminado pelas horas de esforço dedicadas a esta tese, indico uma futura problematização, iniciada nesse tocar de fatos. No caso deste estudo que relaciona deficiência visual e a música, podemos partir ao enfrentamento das questões que se abrigam dentro das condições simbólicas que a música se apoia para a melhor compreensão. De um modo muito curioso, pessoas cegas são consideradas aptas à música e não aptas a entrarem na academia de música. Que valores são efetivados para que esta condição prevaleça? Muito do que podemos perceber como resposta está diretamente ligado a qualidade do símbolo ou conjunto de sinais investidos para o registro musical.

Os ajustes na investigação de Fantini (2016) nos foram úteis para indicar como é crescente e consciente a preocupação com a deficiência visual e o autismo, categorias mais presentes, tendo na ABEM uma voz solidária e responsável pela alegria de estar associada com a música. Neste ponto o estudo revela como a arte é implacável para uma neutralização da condição defeituosa como diz Vigotsky (2011), por ela temos como dar enfrentamento para as raízes da desigualdade e contornar preconceitos. Nessa esteira, pudemos observar como a música é veículo encorajador para a criação de locais de convivência urbana para a inclusão.

Considerando toda a parte de formação dentro do estudo das disciplinas do doutoramento, vemos hoje o quanto se mostra relevante a participação ativa do autor, mantendo o bom senso, como participante das narrativas contidas no corpo do estudo.

Durante a associação das ideias entre orientadora e orientando, vimos como possível colaborar com humildade em determinados pontos com a escrita em primeira pessoa. Como antes dissemos, não é fácil ler com pouca visão, mas ainda é mais difícil fazer outra pessoa entender isso. Contudo, o medo de dar esse tipo de referência foi sendo substituído pela possibilidade dia a dia de compartilhar verdades e mitos que circundam a música e a baixa visão.

Quando no segundo capítulo tratamos de tornar clara a metodologia de atuação da vida com baixa visão, sabíamos que não seria pelo propósito de sensibilizar somente, mas pela conquista de um espaço adquirido pelos mesmos processos defendidos nos anos de AEE. Em outras palavras, a sociedade trabalhou para dar voz e qualidade desta, então se a hora se apresenta, “Nada sobre nós sem nós” é pauta para a emoção que nos trazem aqui. Sendo assim, nossas conexões como a ciência e a experimentação se afunilam nas palavras que traduziram os momentos de sobrevivências como músico e PBV para uma sociedade ainda despreparada.

Os elementos pelos quais nos deram suporte para o teor metodológico deste capítulo citado, consideramos aqui certos pela percepção das igualdades entre vidas analisadas de pessoas do universo cego. Sendo aqui a primeira tese defendida por alguém em tais condições de oportunidade, deflagram uma verdade que destrói as incapacidades para dar assento ao potencial criativo e eficiente pelo foco que norteia a vida de quem escreve e não de quem a lê. Para ser mais claro, fazemos referência a uma necessidade de mudança dos paradigmas postulados, precisamos entender que nem sempre um livro é lido, pode ser ouvido e tocado, e isso, finalmente considerado, traz conformidades interpretativas imprevistas nos moldes mais convencionais.

Não podemos deixar de lembrar do próximo surdo, que não lhe permitem apresentar suas ideias por meio de como está habituado a dizer de si, e com isso, causam confusão achando que o cego só por não enxergar, é capaz de segurar um lápis e desenhar o mundo. Nesse momento, tratando todos os que leem este estudo, voltemos para uma infância de calores, queiramos saber mais pela necessidade e não pela vaidade de cuidar de assuntos da moda acadêmica. A contribuição para as pessoas em atendimento especializado precede a formação intelectual, pois nascemos todos, mesmo sendo humanos, como o animal mais deficiente do planeta e dependemos integralmente dos pais para nossa sobrevivência. Assim, podemos dizer que nossa infância contabilizando mais de 20 anos, existe assim pela quantidade de coisas a aprender e por conta de nossa incapacidade natural no processo evolutivo.

Sob as histórias de vida trazidas para dentro deste debate, pudemos reorganizar as conformidades entre a autoria do estudo e os processos de conciliação da música na vida dos nomes famosos citados. Conhecer mais de Ray Charles, nos trouxe um desenho de como a vida se encarrega de anexar dados elementares para dentro de nossa formação biológica, constituirmos adaptações. Por essa etapa, fica clara que a superação é condição de quem não entende ou sente de fato o que é viver com a deficiência. Nos relatos e documentos analisados, não há presença de qualquer conformação direta em relação a cegueira ou baixa visão, pois quando Pascoal fala de sua infância, carrega no seu tom de voz a serenidade muito comum de quem reflete simultaneamente enquanto fala sobre como seria diferente se visse bem como os outros o mundo.

Enquanto elaborávamos esta tese, na memória vinham as escolas de atendimento específico para cegos antes conhecidas, pois era forte a recordação sobre o medo de seus funcionários para o fim da inclusão por parte do fechamento destas frentes de funções. Vimos com Bocceli como a escola dotada de uma metodologia sedimentada é capaz de acelerar nossas potencialidades. Considerar isso extravasa para qualquer outro modelo educativo, pois não somente para deficientes as ações de inclusão servem, no fundo, estudar tem como essência uma constante inclusão por não saber e passar a saber. Por este, continua a lembrança de como os alunos com deficiência incluídos em classes regulares, na maioria das vezes, davam menos ocupações que os demais. Nossa busca demonstra que não se trata de compensação, mas de uma modificação dos atos para a compensação.

Em Schafer (1992) pudemos constatar como caminhamos no mesmo fio de ligação. O autor canadense, sendo específico para as necessidades específicas de seus alunos, trouxe para muitos uma nova verificação sobre o que ele mesmo afirma ser a afinação do mundo. Por outro lado, contido no viés desta pesquisa, o autor canadense também pode ser considerado um autor para a diversidade na perspectiva da inclusão. Conhecer a música por seus elementos fundamentais nos deixa insuficientes ou mesmo deficientes nas primeiras classes de aula. Para o professor, quando tenta reordenar a música por meios mais acessíveis, dá noção do que seja a chave que abre uma caixa para inclusão nas sessões de aprendizado musical. Desse modo, nos sentimos profundamente identificados com a teoria e sensíveis a mais próxima condição entra a música e a deficiência visual.

Por fim, nos impulsiona para um quarto capítulo um conjunto perante as obras coletadas para um índice de proposituras para uma concepção dialética entre a música e a deficiência visual. A base metodológica da pesquisa pelo foco de uma abordagem a partir das narrativas, autobiografia e leitura dos recentes anais relacionado, compromete alguns setores

que viabilizariam a inclusão intermediada pela arte. Considerando as relações interpessoais, a ocupação de cargos de liderança por pessoas com deficiência visual e as tecnologias, pudemos qualificar em um integral das ideias novas aplicações dos valores que viemos alcançando desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos até o Estatuto da Pessoa com Deficiência no Brasil. Concluímos entendendo que temos, nos últimos 20 anos, desenvolvido boas políticas e reformulações da coletividade do pensamento social. Com isso, nossas propostas são diretas aos pontos, sem relatividades, as fraquezas são debatidas e agora é a hora de darmos norte ao potencial criativo nas camadas mais promissoras das funções do futuro, pois a música nas suas eternidades caminha para o adorno do desenvolvimento que queremos um dia, de nós para todos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Thiago Xavier de. **“Ephtah!”: das ideias pedagógicas de Murray Schafer**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de São Paulo, 2014.
- ALMEIDA, Luan Xavier. **Matemática e Música: uma abordagem através do monocórdio de Pitágoras**. TCC apresentado como parte dos requisitos obrigatórios para conclusão do curso de Licenciatura em Matemática, da Faculdade de Matemática, da Universidade Federal do Pará. Castanhal. 2018.
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. **Breve retrospectiva histórica e desafios do ensino de Música na Educação Básica Brasileira**. Revista Opus, nº12, São Paulo. 2006.
- ARANALDE, Michel Maya. **Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Rangana than**. Revs. Ciência da informação. Brasília. Vol. 38, n. 1 p. 86-108,

2009.

ARROYO, Margarete. **Educação musical na contemporaneidade**. Seminário Nacional de Pesquisa em Música da UFG, v. 2, p. 18-29, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto**. Ed. Ática, São Paulo. 2005.

BEZERRA, Edibergon Varela. **Música e deficiência visual: os processos de aprendizagem musical no projeto Esperança Viva**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal. 2016

BOLÍVAR, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: **Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación**. Revista Electrónica de Investigación Educativa, 4 (1), 2002. Tradução Livre.

BOND, Priscilla Souza; SOUZA, Léa Cristina Lucas de; FERNANDES, Ricardo Augusto de Souza. **Percepção da paisagem sonora no parque da represa em São José do Rio Preto, SP. Ambient. constr.**, Porto Alegre , v. 18, n. 2, p. 143-160, Apr. 2018 .

BOGUSZ-WITCZAK, Edyta& TURKOWSKA, Hanna. **Influence of Musical Experience of Blind and Visually Impaired Young Personson Performance in Selected Auditory Tasks**. Revista ARCHIVES OF ACOUSTICS. Universidade Adam Mickiewicz Umultowska. v.40, n. 3. Poznan. 2015.

BOCELLI, Andrea. **A música e o silêncio**. Generale, 1ª ed., Turim. 2012.

BOUABID, Nadhir. **La spécificité du déchiffrage pianistique chez les musiciens aveugles et deficientes visuels :Effets des représentations mentales des notations musicales sur la conduite de mémorisation**. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Musicologia da Universidade de Paris – Sourbone. Paris. 2015.

BRANDÃO. Renato. **O outro lado da moeda: Reflexões para um aprendizado mais inclusivo na perspectiva da relação entre a música e a pessoa com deficiência visual**. In: IX Encontro Regional Norte da ABEM. Boa Vista. 2016.

\_\_\_\_\_. **A cor do som: processos de reconhecimento da imagem do som por meio da semiótica nas relações entre deficientes visuais e a música**. In: XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. Belo Horizonte. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 4.024**, de 20 de dezembro de 1961.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

**LDB 5.692**, de 11 de agosto de 1971.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

\_\_\_\_\_, Presidência da República. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Nº10.098 de 19 de dezembro de 2000. Brasília. 2000.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) nº13.146 de 6 de julho de 2015.** Brasília. 2015. \_\_\_\_\_ . Presidência da República. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.** Secretaria Especial dos Direitos Humanos Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Brasília. 2007.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência.** Brasília, DF, jul de 2015.

BUENO, Belmira Oliveira. **O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BUENO, Elisa Rossi; SILVA, Janine Oliveira da. **Musicalidade/Música e os sentidos: construção do mundo a sua volta.** Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUGERE. PUCPR. Curitiba. 2009.

CAMELO, Jonas Ramos; OLIVEIRA, Helenice Aparecida de, SILVA, Alessandro Rezende da; **Formação de professores para a prática de Educação Musical Inclusiva;** CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23., 2017, Manaus. Anais... Manaus: UFAM, 2017.

CANDICE Marques DE LIMA. **Formação de professores em contexto de educação inclusiva: proposta de grupos de práticas docentes.** In: ANAIS DO 8º CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL , 2018, São Carlos. Anais eletrônicos... Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/cbee/cbee-2018/papers/formacao-de-professores-em-contexto-de-educacao-inclusiva%3A-proposta-de-grupos-de-praticas-docentes>>

CÂNDIDO, Francisca Francineide; FERREIRA, Simorelda Alves. **O jogo como instrumento facilitador da aprendizagem: relato de experiência.** TCC apresentado ao curso de licenciatura em música da UFC. Fortaleza. 2007.

CARDOZO, Garcia & SILVA. Letícia Oliveira Silva. **A importância do**

**relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho. Interbio v.8 n.2, 2014.**

Disponível

em:

<[https://www.unigran.br/interbio/paginas/ed\\_anteriores/vol8\\_num2/arquivos/artigo3.pdf](https://www.unigran.br/interbio/paginas/ed_anteriores/vol8_num2/arquivos/artigo3.pdf)>

CARVALHO Edhar Assis de. **Planetária: O pensamento complexo como Método de aprendizagem no erro e na incerteza humana.** Tradução Sandra Trabucco Valenzuela Revisão técnica da tradução Edgard de Assis Carvalho. Cortez, São Paulo. 2003.

CARTERJACKIEE. **Ray Charles talks about his blindness.** Vídeo. Canal do Youtube. 2016. Disponível em

:<<https://www.youtube.com/watch?v=EKUfezRSWLU>>

CAVALCANTE, Frederico. **Música e Linguagem.** Palestra apresentada no dia 21/05/2011 na Faculdade de Letras/UFMG. Belo Horizonte. 2011.

CHARLTON, James. **NOTHING ABOUT US WITHOUT US. Disability Oppression and Empowerment.** Studs Terkel. University of California. Los Angeles. 1998.

CHAUÍ, Marilena. **A universidade operacional.** Revista da ADUNICAMP. Campinas. 1999.

CILFTON, Thomas. **Music as Heard. New Heaven.** Yale University Press, Yale. 1983

CLARK, Roy Peter. **Perspective: Ray Charles' 'America the Beautiful' is our best hope for bringing us together.** Pointer Institute, Tampa. 2017. Disponível em: <<https://www.coppinacademy.org/ourpages/auto/2018/9/13/37154474/Ray%20Charles%20America%20The%20Beautiful%20.pdf>>

CORBIER, Christophe. **Harmonia e música dionisíaca: do Drama musical grego ao Nascimento da tragédia.** Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 34 - vol. I, p. 61-98, 2014.

CUERVO, L. **Música para um cérebro em transformação: reflexões sobre a música na adolescência.** Simpósio de Cognição e Artes Musicais, IV, Anais SIMCAM IV. USP: São Paulo, 2008.

DAHLHAUS, Carl & EGGBRECHT Hans Heinrich. **O que é a música?** Traduzido por Arthur Morão. Textos & Grafia. 1ª edição. Lisboa. 2009.

DELORY-MOMBERGER, Cristine. **Abordagem metodológica na pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, 523-740, set./dez. 2012.

**A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana,** Anais do XXIII Congresso Nacional da

CONPEDI/UFPB, João Pessoa. 2014.

ESPINOLA, André Felipe de Albuquerque. **Uma discussão de classe e uma história social do blues no sul dos estados unidos**. Revs, Espacialidades [online]. v. 9, n. 1. 2016.

FANTINI, Renata; JOLY, Ilsa; ROSE, Tania. **Educação musical especial: produção brasileira nos últimos 30 anos**. REVISTA DA ABEM, Londrina, v.24, n.36, p36-54. Jan.Jun. 2016.

FERNANDEZ, Maria del Carmem Ponce. **Resenha: VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: Obras completas. Tomo V**. Editora Pueblo y Educacion. Havana. 1997.

FERREIRA, Eliane Aparecida da Silva ; BORGES, Rubens Moraes; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **Educação Musical do passado ao presente: tecendo caminhos para uma educação de melhor qualidade**. Anais do XVII Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL, UNICRUZ. Cruz Alta. 2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “ESTADO DA ARTE**. Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79, Agosto/2002.

FINCK, Regina. **Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música**. Revista da ABEM, v.24, n.36, Londrina. 2016.

\_\_\_\_\_, **Deficiência visual no ensino superior de música: ações, recursos e serviços sob a perspectiva de quatro egressos**. Revista da ABEM. V.25, nº39. Londrina. 2017.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De Tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação**. UNESP. 2ª ed. São Paulo. 2008.

GALVÃO, Afonso. **Cognição, Emoção e Expertise Musical**. Revs. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 22 n. 2, pp. 169-174. 2006.

GIESTEIRIA, Adriano Chaves, GODALL, Perez. **Recursos tecnológicos aplicados a leitura y transcripcion musical em Braille**. Revs. Lista Eletronica Europeia de Musica em la Educacion. Nº30. Madri. 2012.

\_\_\_\_\_, Adriano Chaves; GODALL, P ere; ZATTERA, Vilson. **La enseñanza de la Musicografía Braille: consideraciones sobre la importancia de la escritura musical en Braille y la transcripción de materiales didácticos**. Revista da ABEM, v.23, nº34. Londrina. 2015.

GIL, Marta. **Cadernos da TV Escola: Deficiência visual**. MEC/SECADI, Brasília.

2000.

HENRIQUE, Flávio. **Origem das palavras**. Fórum de discussão. Montes Claros. 2011.

INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT (IBC). **O IBC**. Site oficial. Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/o-ibc>>

JANZEN, Tales Boas. **Pistas para compreender a mente musical**. Revs. Cognição e Artes Musicais, Vol. 3, n. 1. 2008.

KEENAN JÚNIOR, Daltro; FINCK, Regina. **Deficiência visual no ensino superior de música: ações, recursos e serviços sob a perspectiva de quatro egressos**. Revista da ABEM, v. 25, n.39. 2017

KOEPSEL, Ana Paula Poffo& BAIER, Tânia. **A utilização de material didático manipulável e da geometria fractal para o aprendizado dos conceitos de área e perímetro de quadrado: um estudo de caso envolvendo uma estudante com baixa visão**. Revista Educação Especial, v. 29. Santa Maria. 2019.

LANGER, Suzanne K, **Filosofia em Nova Chave**. Perspectiva. 1ª ed. São Paulo. 1942.

LIMA, Erickinson Bezerra de. **A Regência e seu ensino técnico basilar para um discente cego**. In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME. Natal. 2017.

LOPES, Wenderson. **A Linguagem e os Processos de Comunicação**. Revs, Infoescola. Nº124. São Paulo. 2015.

MACHADO, Cássia; BOECHAI, Cristiane; SANTOS, Maria Gabriela. **A Rede Globo e suas novelas: A verdadeira preferência nacional?** Eclética, Rio de Janeiro. 1997  
Disponível em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/7%20-%20rede%20globo%20e%20suas%20novelas.pdf>

MALHEIROS, Ozani Pereira de Oliveira. **Musicografia braille: estratégias e recursos para a formação musical da pessoa normovisual, cega e/ou com deficiência visual**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. João Pessoa. 2017.

MARIOTTI, Humberto. **Os cinco saberes do pensamento complexo**.

MARTIN. Avery. **How to Import a PDF Into Sibelius**. Site Techwalla. 2018.  
Disponível em: <<https://www.techwalla.com/articles/how-to-import-a-pdf-into-sibelius>>

MARTINS, Lucas. **Estados Físicos da Matéria**. Revs, InfoEscola. Nº52. São Paulo.

2013.

MATIAS, Thaise Cristina Marcelino. **Técnica vocal para alunos com deficiência visual: um olhar sobre o desafio dessa prática no Grupo Esperança Viva (EMUFRN).**In: XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM. Teresina. 2016.

MELO, A. M.; LOPARDO, C.E.; MELO, G. M. **Computação Aplicada à Educação Musical: desafios e perspectivas ao planejamento docente no contexto da Educação Inclusiva.** In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE COMPUTAÇÃO, 36, WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA, 5, 2016, Porto Alegre. Anais... SBC: Porto Alegre, 2016. p. 617-625.

MENDES, Chandra; OLIVEIRA, Jonas. **Música e inclusão: O ensino da musicografia braile para alunos com deficiência visual.** In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME. Natal. 2017

MONTE ALEGRE, Plínio Alan Conde. **A cegueira e a visão do pensamento.** Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.2003.

MORAES, João Jaime. de. **O que é Música.** Ed. Brasiliense, 7ª edição. São Paulo. 1991.

MORAES, Juan Jota de. **O que é música.** Brasiliense, 1ª edição. São Paulo. 2001.

MOREIRA, Dulciane da Silva. **A Deficiência Visual e a Música: reflexões sobre dois universos da condição humana.** In: IX Encontro Regional Norte da ABEM. Boa Vista. 2016.

MORICI, Igor Mota. **As Categorias de Aristóteles e suas categorias.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia, UFMG. Belo Horizonte. 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.** Cortez, UNESCO, 3a. ed. Brasília. 2001.

MUSZKAT, Moch; CORREIA, Carl Milf Frontman.; CAMPOS, Suzane Maia. **Música e Neurociências,** Rev. Neurociências, 70-75, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música: história cultural da música popular.** Autêntica, Belo Horizonte. 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: história cultural da música popular. Autêntica. Belo Horizonte. 2002**

NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores.** Porto Editora, Porto,1993.

NUNES, Sylvia & LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **O aluno cego:**

**preconceitos e potencialidades.** Revs. Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, Vol 14, Nº 1, 55-64.2010.

OGANDO, Marcia Gabriela Correia. **Particularidades do desenvolvimento musical de um aluno observado com múltiplos sinais de talento entre estudantes cegos.** Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música do Centro de Artes da UNIRIO. Rio de Janeiro. 2017.

OLIVEIRA, Clovis Salgado Gontijo. **Susanne Langer e a inefabilidade da experiência musical.** Anais do SEFiM. Porto Alegre. 2016.

OLIVEIRA, Leonardo Augusto Cardoso. **O Deficiente Visual em Contato com a Música.** PPGCN. Unicamp. Campinas. 2013.

(OMS) Organização Mundial de Saúde. **Relatório mundial sobre a deficiência / World Health Organization, The World Bank.** SEDPcD – SP. São Paulo. 2018.

Disponível em:

[https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=4B29BD9C3B4E532F92145AEF085A035C?sequence=4](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=4B29BD9C3B4E532F92145AEF085A035C?sequence=4)

OTA, Raphael. **Os cursos de formação de profissionais aptos ao trabalho de educação musical para alunos com deficiência visual.** Unicamp. Campinas. 2014.

PASCOAL, Hermeto; ARAUJO, Fabiano. **9 de junho de 1997 (Calendário do som) de Hermeto Pascoal:** manuscrito e lead sheet de realização. *Per musi*, Belo Horizonte, n. 28, p. 99-101, Dec. 2013.

PAULINO e SILVA, Saulo César. **Deficiência visual: o seu conceito sob os pontos de vista médico e pedagógico e o sistema BRAILLE.** Rede Educativa Mundial. Madri. 2016 Disponível em: <https://www.redem.org/deficiencia-visual-o-seu-conceito-sob-os-pontos-de-vista-medico-e-pedagogico-e-o-sistema-braille/>

PEREIRA, Oswaldo Porchat. **Ciência e Dialética em Aristóteles.** UNESP, São Paulo. 2001.

PONZO, Lorenzo. **Andrea Bocelli, Ciego per una Pallonata.** Italia Magazine. Nº8, formato Digital. 2018.

PRAT, Glória Constanza Rincón. **El impacto social y educativo del programa musical *batuta* el sistema nacional de orquestas sinfónicas juveniles e infantiles de Colombia.** Tese apresentada ao PPGIAEMU- Universidade Complutense de Madri. Madri. 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico.** FEEVALE. 2ª ed. Novo Hamburgo. 2013.

REDFOR, Michael. **The Music os Silence**. AMBI MegaGroups. Pisa. 2017. Disponível em: <<http://www.netflix.net.br/filme/FilmeDetalhe/3601-Assistir-A-Musica-do-Silencio>>

REIS, Cristina de Araújo Ramos; MELO, Douglas Cristian Ferreira de; HEINE, Maria Luiza; PORTELA, Claudia Paranhos de Jesus; SILVA, Manuela Ramos. **A tecnologia assistida como instrumento mediador de professores com baixa visão no ensino superior**. In: Anais do VIII Congresso Brasileiro de Educação Especial. São Carlos, 2018.

REYLI, Lucia. **Músicos cegos ou cegos músicos: representações de compensação sensorial na história da arte**. Cad. Cedes, vol. 28, n. 75, p. 245-266. Campinas. 2008.

RIBEIRO, Ricardo Soares. **Considerações sobre o ensino de música para alunos com deficiência visual: Diálogos para a inclusão**. In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME. Natal. 2017.

\_\_\_\_\_, **O ensino e aprendizagem da música para pessoas com deficiência visual na Escola Especial de Música Juarez Johnson**. In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME. Natal. 2017.

ROCHA, Eliza Oliveira. **O ensino de música para alunos cegos e videntes em classe regular de ensino por meio dos jogos musicais: um relato de experiência**. In: XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM. Teresina. 2017.

ROCHA, V. C.; BOGGIO, P. S. **A música por uma óptica neurocientífica**, Revs Acadêmica de Música – n.27, 236. 2013.

RODRIGUES, Lorena Mendonça. **Música tátil: apontamentos de uma trajetória do ensino da música na Biblioteca Braille do Amazonas**. In: X Encontro Regional Norte da ABEM. Macapá. 2018.

\_\_\_\_\_, Lorena Mendonça. **Música e deficiência: trajetórias que revelam eficiência**. Pesquisa de Iniciação Científica. 2018/2019/PIBIC/UFAM.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. Revista ReVEL, Edição Especial, n.2. 2008. Disponível em: <[http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_saussure\\_e\\_a\\_definicao\\_de\\_lingua.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf)>

SANCHEZ, Luis Sanchez. **“La didáctica del violín en alumnos con discapacidad visual: Compendio de Buenas Prácticas, recursos y estrategias metodológicas para una Educación Inclusiva em las Enseñanzas Elementales y Profesionales de Música”**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Desenvolvimento Social da Universidade Católica de Murcia. Murcia, 2017.

- SAUSSURE, Ferdinando de. **Curso de Linguística Geral**. Org.: Charles Bally e Albert Sechebave. Cultrix, ed. 27ª, São Paulo. 2006.
- SECO, Layara Feifer Calixto. **Medicação Informacional e Inclusão para musicista cegos**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina. Londrina. 2017.
- SHAFER, Raymund Muray. O Ouvido Pensante. UNESP. 2ª ed, São Paulo. 1992.
- SILVA, Claudio Nei Nascimento da. **Metodologia Científica**. Editora IFB. Brasília. 2016.
- SILVA, Danielle Souza; ROSSATO. Maristela; CARVALHO, Berenice Natalia Soares. **A narrativa de universitários cegos acerca de suas experiências acadêmicas**. Revista Educação Especial, v. 32, Santa Maria, 2019.
- SILVA, Jonatas Souza & FERREIRA, Gabriel Nunes. **Música e Inclusão: ações pedagógicas para o trabalho com um aluno cego no ensino superior**. In: XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM. Teresina. 2016.
- SIMIS, A., *et al.*, orgs. **Comunicação, cultura e linguagem**. Editora UNESP Cultura Acadêmica. Revista Desafios contemporâneos collection, - SciELO Books. [on-line] São Paulo., 2014. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>
- SIMON, Marcos Fernando. **Ferramenta para geração de partituras no sistema de musicografia Braille**. Cad. EAD-URB. Blumenau. 2012.
- SOUZA JR, José Carlos & SILVA, Humberto Tomé da. **Pitágoras e a Música: Uma atividade explorando o potencial Didático Matemático da Música**. Anais do XXXIV Congresso Nacional de Matemática Aplicada e Computacional. Águas de Lindóia. 2012.
- SOUZA, Ana Amália Torres; ROCHA, Zeferino Jesus Barbosa, **No princípio era o mythos: articulações entre Mito, Psicanálise e Linguagem**. Estudos de Psicologia, 14(3), 2009.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **O Conhecimento de si – Estágio e narrativas de formação de professores**. NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores**. Porto Editora, Porto,1993.
- SOUZA, Elizeu Clementino. **O Conhecimento de si – Estágio e narrativas de formação de professores**. UNEB. Salvador. 2006.
- SOUZA, Huli Caroline Rios de. **A mente musical: fundamentos neurológicos e a relação com a educação musical**. TCC apresentado para o curso de Licenciatura em Música da UFAM, Manaus. 2016.

- SOUZA, Rafale Moreira Vanazzi. **Particularidades da Musicografia Braille para o auxílio de novas metodologias de ensino**. PPGM – Unicamp. Campinas. 2014.
- trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. ASPEUR, 2ª ed. Novo Hamburgo. 2013.
- TUDISSAKY, Shirlei E. **Ensino de música para pessoas com deficiência visual**. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.
- VIANA, Ana Célia de Lima. **Estratégias e sugestões de atividades musicais para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais na aula de música**. In: XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME. Natal. 2017.
- VISCONTI, Ciro. **Gostaria de saber a definição e as diferenças entre o sistema modal e o tonal**. Blog Papos Musicais. 2010. Disponível em: <https://cirovisconti.wordpress.com/2010/05/18/sistema-modal-x-tonal/>
- VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Fundamentos de Defectología**. Moscou: Editorial Pedagógica, 1997.
- \_\_\_\_\_, Lev Semionovitch. **A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal**. Educ. Pesquisa., São Paulo, v. 37, n. 4, p. 863-869, Dec. 2011 .
- XAVIER, Beatriz Rêgo. **As categorias de Aristóteles e o conhecimento científico**. Pensar, 2ª ed., v. 13, n. 1, p. 57-64, Fortaleza. 2008.
- ZIMMERMAN, B. **A social cognitive view of self-regulated academic learning**. Journal of Educational Psychology, 81(3), 329-339. Londres. 1989.

**TABELA 03:** Levantamento das publicações relacionadas com EME na Revista da ABEM (2015-2018)

Revista da ABEM		
Autor (s)	Título e Resumo	Ano
Paulyane Nascimento Zimmer, Jéssika Castro Rodrigues, Áureo DéoDeFreitas	<i>Educação Musical e transtorno do espectro autista: análise da produção em revistas brasileiras de artes/música qualis a1 e seus anais de eventos regionais e nacionais (2006-2016)</i> Resumo: Neste estudo, os pesquisadores analisam a produção gratuita sobre educação musical e Transtorno do Espectro Autista (2006-2016) nas revistas brasileiras Qualis A1 Artes/Música (avaliação 2014): (a) Música HODIE, Per Musi,	2018

	<p>ABEM e OPUS, e (b) Anais Regionais e Nacionais da ABEM e Nacionais da ANPPOM, descrevendo os enfoques/procedimentos de ensino. Com uma abordagem qualitativa e uma análise descritiva, esta pesquisa levantou 3.844 artigos, sendo 16 fidedignos à temática. Os pesquisadores apontam a região Norte como a que tem mais pesquisas na área; a importância do perfil dos professores/monitores para ensino; necessidade de suporte aos profissionais; compreensão do transtorno e perfil do educando; adaptações curriculares e práticas; acompanhamento dos pais nos estudos; conscientização dos pares; uso de repetição, reforço contingente, dicas visuais e verbais; atividades que respeitem fases do desenvolvimento humano e musical; e possibilidades dos métodos Kodály, Orff, Suzuki, String Project, Dalcroze e Willems. Observaram-se estratégias promissoras, porém necessidade de atualização dos sites e mais aprofundamento nas pesquisas.</p>	
<p>Daltro Keenan Júnior, Regina FinckSchambeck</p>	<p><i>Deficiência Visual no Ensino Superior de Música: Ações, Recursos E Serviços Sob A Perspectiva De Quatro Egressos</i> Resumo: Esta pesquisa investigou os principais recursos, serviços e ações que viabilizaram o acesso, a permanência e a conclusão da trajetória acadêmica de quatro egressos com deficiência visual, oriundos da graduação em música de instituições públicas do estado do Rio Grande do Sul, no período compreendido entre 2004 e 2012. A abordagem utilizada foi qualitativa, tendo como método a história oral e como ferramenta de geração de dados a entrevista temática. A categorização e a análise dos dados ampararam-se na análise de conteúdo e no software IRaMuTeQ. Constatou-se, pela fala dos entrevistados, grande dificuldade de acesso à bibliografia básica e adaptação de partituras em Braille. Diante disso, concluiu-se que a atuação dos núcleos de inclusão/acessibilidade e de alguns professores que reformularam suas metodologias, a presença de monitores/bolsistas e o auxílio de colegas e familiares contribuíram para a permanência de estudantes com deficiência visual em um curso de graduação em música.</p>	2017
<p>Daniele Pendeza</p>	<p>GATTINO, G. S. <i>Musicoterapia e Autismo: teoria e prática</i>. São Paulo: Memnom, 2015. Resumo: A presente resenha tem o propósito de apresentar o livro de Gustavo Schulz Gattino, <i>Musicoterapia e Autismo: teoria e prática</i> (2015), dividida em dez capítulos que abordam as relações entre música e autismo, embasados por referencial teórico atual, buscando entender a forma que a música afeta esses indivíduos e como isso pode ser utilizado em seu desenvolvimento. Apesar de o livro ser voltado para musicoterapeutas, também é pertinente para educadores musicais por considerar questões entre música, cérebro e desenvolvimento humano, sendo uma ferramenta para enriquecer aulas e atendimentos.</p>	2017
<p>Daniele Pendeza, Iara</p>	<p><i>Educação Musical e TEA: um panorama das publicações nacionais</i></p>	2016

CadoreDallabrida	<p>Resumo: Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa bibliográfica que teve como objetivo investigar a relação entre Educação Musical e o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em publicações realizadas nos portais da ABEM, ANPPOM, Capes, SciELO, SIMCAM e SIMPOM, nos últimos 10 anos. A pesquisa bibliográfica (Lima; Miotto, 2007) resultou no mapeamento de 19 textos referentes à temática estudada, os quais foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galliazi, 2011). Será apresentado um breve panorama do entendimento das deficiências no Brasil, ancorado na legislação brasileira, o histórico e caracterização do TEA e, finalmente, resultados do mapeamento: quais instituições têm publicado nos últimos dez anos sobre a temática, quem são os autores mais citados nas publicações, quais as metodologias mais utilizadas e quais áreas de conhecimento têm embasado compreensões sobre o tema. As publicações mapeadas, sobre as quais se delineou a análise, apontam para a constante falta de rigor na constituição de metodologias de pesquisa. Concluiu-se que a área de Educação Musical e TEA ainda necessita de maior atenção por parte da comunidade acadêmica, a fim de possibilitar maiores oportunidades de educação musical aos indivíduos com o TEA.</p>	
Regina FinckSchambeck	<p><i>Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música</i>  Resumo: Este artigo aborda a inclusão de alunos com deficiência na aula de música. Com base nos documentos que deram origem à legislação brasileira, que trata sobre inclusão, este estudo visa ampliar as discussões sobre a formação de professores e traçar algumas interfaces com a educação musical, sobretudo tendo em vista a preparação de professores de música para atuarem com alunos com deficiência e suas inserções na educação básica. Através da pesquisa exploratória, identificaram-se outras pesquisas que contribuem para a formação inicial do professor que atua em contexto inclusivo e, com base em depoimentos de coordenadores de cursos de licenciatura em música, apontam-se aspectos da temática que possam ser incluídos nos projetos pedagógicos desses cursos. Ignorar a realidade da inclusão desses alunos no contexto da escola básica nos processos formativos está em desacordo com as atuais políticas de atendimento a pessoas com deficiência no contexto educacional brasileiro.</p>	2016
Renata Franco Severo Fantini, IlzaZenker Leme Joly, Tânia Maria Santana de Rose	<p><i>Educação Musical Especial: produção brasileira nos últimos 30 anos</i>  Resumo: Os estudos mostram que as publicações no campo da educação musical no país têm dado pouca atenção ao campo da educação especial. Considerando a produção científica como representativa de práticas e estudos desse campo e também como um mecanismo de aproximação entre educadores musicais e informações práticas e teóricas relevantes, este estudo se propõe a realizar um levantamento das produções relacionadas à educação musical especial. Foram investigados periódicos das áreas de música, educação musical e educação especial das últimas três décadas, caracterizando-se como um estudo de levantamento do estado da arte. O objetivo da pesquisa foi identificar, quantificar e mapear o campo da</p>	2016

	<p>educação musical especial no Brasil. A busca se deu em revistas da área de educação musical e educação especial, em anais de congressos relacionados às mesmas áreas e em bancos de teses e dissertações. Foi encontrado um total de 126 estudos, que foram analisados a partir da produção anual, do público-alvo e das temáticas. As teses e dissertações foram analisadas separadamente. Os resultados mostram que, embora o número de estudos venha crescendo, a área ainda merece aprofundamento quanto às especificidades de cada deficiência. A observação do número de estudos em cada temática também possibilitou identificar a escassez de obras propondo mecanismos de avaliação das habilidades musicais de pessoas com deficiência, a necessidade de uma maior representatividade de estudos no campo dos recursos necessários à aprendizagem musical e de propostas metodológicas destinadas a essa população.</p>	
<p>Adriano Chaves Giesteira, PereGodall, Wilson Zattera</p>	<p><i>La enseñanza de la Musicografía braille: consideraciones sobre la importancia de la escritura Musical em braille y la transcripción de materiales didácticos</i> Resumo: La musicografía Braille es el sistema de escritura musical desarrollado por Louis Braille en 1829 que permite a las personas con discapacidad visual leer y escribir música. No obstante, la falta de materiales adaptados, profesionales capacitados para la formación musical de las personas con discapacidad visual asociado al mito de que esta población posee un desempeño musical superior, hace que su formación musical carezca de la escritura musical em braille. Este artículo tiene como objetivo verificar la opinión de expertos sobre cuestiones relacionadas con la importancia de la musicografía Braille para el aprendizaje musical, la eficiencia o ineficiencia de la transcripción literal de métodos de enseñanza instrumental en las primeras etapas de la enseñanza, la lectura del sistema Braille como prerrequisito para el aprendizaje de la musicografía Braille y el aprendizaje instrumental simultáneo al aprendizaje de la musicografía Braille. Los datos obtenidos señalan la importancia y los beneficios de la lectura y escritura musical en Braille, así como la necesidad de realizar adaptaciones en los materiales didácticos.</p>	2015

**TABELA 04:** Levantamento das publicações relacionadas com EME em ANAIS CONGRESSOS/ABEM (2015-2017)

ABEM – Congressos		
Autor(s)	Título e Resumo	Ano
Ricardo Soares Ribeiro	<p><i>Considerações sobre o ensino de música para alunos com deficiência visual</i> Resumo: Este artigo apresenta perspectivas para o ensino de música no ensino fundamental para alunos com deficiência</p>	2017

	<p>visual ou baixa visão utilizando recursos pedagógicos inclusivos. Essa pesquisa justifica-se pela necessidade de produzir uma reflexão que forneça subsídios relevantes para a inclusão escolar. As discussões realizadas ao longo do texto têm como base pesquisa bibliográfica através de artigos que se dedicam ao estudo da educação musical, da educação especial, da inclusão escolar e da adaptação de recursos pedagógicos com o fim de buscar resumir, analisar, além de fomentar as discussões da temática. Em geral, quando os professores se deparam com um aluno com necessidade educacional especial, sempre dizem que não estão preparados para receber esse tipo de aluno. A grande maioria busca conhecimento e aperfeiçoamento quando está no meio do processo. A educação musical, no contexto de inclusão, busca propiciar atividades que desenvolvam a expressividade, a criatividade, o movimento e a autonomia, desmistificando o fato da música ser utilizada apenas como função terapêutica.</p>	
<p>Chandra Mendes Jonas Oliveira</p>	<p><i>Música e inclusão: o ensino da musicografia braile para alunos com deficiência visual</i> Resumo: Este trabalho tem a finalidade de traçar um relato do ensino da música na inclusão de pessoas com deficiência visual através do projeto de extensão denominado “Grupo Esperança Viva”, o qual tem o intuito de promover o acesso à inclusão e refletir sobre os paradigmas e preconceitos impostos pela sociedade. Ao longo deste artigo será apresentado o projeto de extensão que trata de música e deficiência visual, os recursos metodológicos apresentados em sala bem como a questão acerca do ensino da Musicografia Braille.</p>	2017
<p>Mayara de Brito Ferreira</p>	<p><i>Ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência: processos de ensino e aprendizagem</i> Resumo: Este trabalho discute sobre o ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência e seus processos de ensino e aprendizagem, e é referente à pesquisa em andamento do mestrado em Música- Educação Musical, do PPGM-UFPB. A pesquisa é feita através das aulas de instrumento musical da Escola Especial de Música Juarez Johnson na cidade de João Pessoa-PB. Esta pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, e fazem parte como integrantes do universo da pesquisa os professores de instrumento musical da escola, alunos participantes selecionados e suas respectivas mães, e o coordenador da escola. O trabalho tem como objetivo compreender os processos de ensino e aprendizagem voltados para o ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência na Escola Especial de Música Juarez Johnson. E seus objetivos específicos se referem a: analisar os principais processos de ensino e aprendizagem do instrumento musical; verificar as metodologias utilizadas pelos professores; verificar a formação dos professores; averiguar o significado do aprendizado musical para os alunos e o significado para os pais. A revisão bibliográfica proposta para esta pesquisa é fundamentada e apoiada com textos sobre o ensino da música e a educação especial. Os procedimentos metodológicos utilizados visam usar os seguintes instrumentos de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, observação participante, entrevistas semiestruturada. O ensino de instrumento musical</p>	2017

	para pessoas com deficiência precisa ser visto como uma das várias facetas da educação musical vinculado a novos parâmetros de diversidade do ensino de música.	
Ricardo Soares Ribeiro	<p><i>O ensino e aprendizagem da música para pessoas com deficiência visual na escola especial de música Juarez Johnson</i>  resumo: Este artigo é resultado de um estudo que envolve a educação musical para alunos com deficiência visual (DV). O campo empírico da pesquisa foi a Escola Especial de Música Juarez Johnson (EEMJJ), no município de João Pessoa. Esse estudo buscou compreender como o professor aborda os conteúdos musicais junto aos alunos com DV, a partir dos seguintes questionamentos: Qual a proposta pedagógica da escola especial de música? Que metodologias são empregadas no processo de ensino e aprendizagem musical com crianças deficientes visuais? E ainda, que recursos específicos, incluindo materiais didáticos, são empregados no processo de ensino e aprendizagem musical em crianças com deficiência visual? A abordagem metodológica, de caráter qualitativo, se apoiou em informações coletadas em uma instituição que contempla em seu corpo discente alunos com deficiência visual (DV), adotando a metodologia estudo de caso, tendo como participantes dois alunos com DV. Os conceitos centrais da pesquisa fundamentam-se nos pressupostos teóricos dos seguintes autores: BONILHA (2006), TOMÉ (2003) e MELO e ALVES (2010) e relacionados principalmente a musicografia braille; VANAZZI (2010) e SOUZA (2010), que tratam da inclusão e LOURO (2003), que trata principalmente de adaptações pedagógicas para pessoas com deficiência. Palavras chave: deficiência visual (DV); Escola Especial de Música Juarez Johnson (EEMJJ); ensino e aprendizagem musical.</p>	2017
Liana Monteiro de Araújo	<p><i>Música e inclusão: refletindo sobre novas perspectivas da relação música e deficiência.</i>  Resumo: Este artigo apresenta reflexões voltadas para a temática da atuação do educador musical que está inserido no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência. O texto tem como objetivo discutir a educação musical numa perspectiva inclusiva, levantando questões sobre a necessidade de quebra de paradigmas e barreiras nos processos de ensino e aprendizagem musicais. Para tanto, situo a interseção entre música e educação especial, traço um breve panorama histórico da educação especial, apresentando três modelos de deficiência, que servem de referencial para se compreender os pressupostos que os processos educativos sofrem ou sofreram frente à diversidade. Finalizo apontando novas perspectivas da relação música e deficiência, que vão desde adaptação de acesso ao currículo, de conteúdos e objetivos, do método de ensino e de materiais, falando de maneira concreta que há novas oportunidades no campo da elaboração de materiais adaptados, composições específicas para grupos de instrumentos adaptados, lutheria e manufatura de instrumentos adaptados, que viabilizem e façam mediação do professor e o aluno com deficiência; incluindo a ampliação dos espaços de atuação dos educadores musicais e das pessoas com deficiência.</p>	2017
Erickinson	<i>A regência e seu ensino técnico basilar para um discente cego</i>	2017

Bezerra de Lima	<p>Resumo: Este relato de experiência consiste de um sucinto recorte de uma pesquisa em andamento no âmbito do Doutorado em Música da Universidade de Aveiro (Portugal). Objetiva-se ressaltar particularidades do processo e a experiência de ensino técnico basilar da Regência para discentes cegos. Isto, através de uma articulação teórica que empobrece a perspectiva do paradigma performativo abalizado para/pela visualidade, suplantando a dualidade cartesiana de uma mente seccionada do corpo. O procedimento exploratório, a revisão da literatura e o empirismo enquanto docentes da disciplina de Regência na UFRN atuam como procedimentos metodológicos, que abalizam a estrutura investigativa apresentada. Ao mesmo tempo, evidenciam a escassez de reflexões acadêmicas, em torno da acessibilidade da disciplina de Regência ofertada em instituições públicas de ensino superior em música, e a sua possibilidade de ensino para discentes cegos.</p>	
Caroline CaoPonso	<p><i>Os valores humanos na Educação Musical Escolar: um relato de experiência com alunos (As) de inclusão</i></p> <p>Resumo: Este relato de experiência tem como objetivo apresentar um trabalho de inclusão de alunos (as) com deficiência intelectual nas aulas de música do currículo regular, de uma escola da rede pública municipal de ensino da cidade de Porto Alegre. A escola em questão possui cerca de 1.300 alunos (as) regulares, sendo que destes, 80 alunos (as) são de inclusão, com diferentes diagnósticos, como Autismo, Síndrome de Down, deficiência cognitiva, Asperger, Xfrágil, dentre outros. O relato busca apresentar e problematizar questões sobre o trabalho com valores humanos na escola e a inclusão destes estudantes nas séries finais do ensino fundamental no contexto das aulas de música, no intuito de contribuir para as discussões sobre música e inclusão na escola.</p>	2017
Jonas Ramos Camelo	<p><i>Musicalização de crianças na primeira infância com necessidades educativas especiais: levantamento de trabalhos para a construção do estado do conhecimento da pesquisa em andamento.</i></p> <p>Resumo: Este trabalho trata de um levantamento bibliográfico destinado a construção do Estado do Conhecimento sobre o tema “musicalização de crianças na primeira infância com necessidades educativas especiais”. Onde foram encontrados 951 trabalhos em diversos bancos de dados, mas que após uma análise de cada um, percebeu-se que apenas 09 se relacionavam com o tema em construção. Esses trabalhos foram analisados e categorizados sobre dois enfoques: os formais (contextos escolares) e os informais (diversos contextos fora da escola). Os resultados trazem elementos para se pensar a pesquisa sobre musicalização de crianças com e sem necessidades educativas especiais em diversos contextos, na perspectiva da inclusão.</p>	2017
Karen Ildete Stahl Soler Zaneti	<p><i>A formação do professor de Artes diante dos conteúdos musicais em uma sala inclusiva do ensino fundamental da cidade de Indaiatuba – SP</i></p> <p>Resumo: Este artigo é parte da pesquisa de doutorado em andamento sobre a Música na sala de aula inclusiva do</p>	2017

	<p>primeiro ciclo do Ensino Fundamental no município de Indaiatuba – SP, que têm como objetivo investigar a formação do professor de Artes e sua visão da inclusão em sala de aula. O método utilizado para a realização desta pesquisa inicial foi o survey, tendo como técnica o questionário auto-administrado. Os resultados obtidos ainda que parciais, possibilitaram uma maior compreensão do perfil do profissional que desenvolve conteúdos musicais em sala de aula, tendo em vista que o município não conta com profissionais específicos da área da educação musical, gerando dados para a discussão e entendimento da formação e da visão inclusiva em sala de aula.</p>	
<p>Guilherme Moreira de Melo Carla Eugenia Lopardo Amanda Meincke Melo</p>	<p><i>Construção de materiais didáticos para um repositório voltado à educação musical inclusiva</i> Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar os desdobramentos de um projeto de pesquisa interdisciplinar entre Educação Musical e Computação sustentado no tripé ensino pesquisa-extensão, desenvolvido numa instituição de ensino superior através de ações integradas e articuladas com discentes e docentes de dois campi da Universidade Federal do Pampa e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Professor Peri Coronel”, do município de Bagé/RS. Na oportunidade, são divulgados resultados da produção de materiais didáticos para um repositório de objetos de aprendizagem para a Educação Musical Inclusiva. Dentre os principais resultados alcançados, está a parceria estabelecida entre universidade e escola na construção desses materiais. A intervenção na escola possibilitou a participação de alunos da Educação Básica na elaboração de desenhos que contribuem à organização de materiais didáticos no repositório. O trabalho colaborativo entre as diferentes esferas desse tripé tem oportunizado a integração entre universidade e comunidade cada vez mais estimulante e propositiva, oferecendo soluções tecnológicas inclusivas para a comunidade como um todo, transcendendo o espaço universitário.</p>	2017
<p>Samara Ellen Oliveira do Nascimento</p>	<p><i>Parâmetros do som: aprendendo com inclusão na escola aplicação da UFPA</i> Resumo: O presente trabalho relata informações pertinentes a execução de oficina sobre parâmetros do som na Escola de aplicação da UFPA, nas turmas de pré I e II nas aulas de música, com os objetivos de atender a necessidade de inclusão dos alunos com autismo, síndrome de Down, déficit ocular e hidrocefalia e um aluno sem diagnóstico formal e integrá-los às aulas de música de modo inclusivo para aprendizado tanto da criança com necessidades especiais quanto da criança dita "normal". A necessidade da inclusão durante as aulas de música foi observada mediante a "exclusão" dos alunos especiais em muitas atividades que necessitavam de ações locomotoras e/ou de elevado nível de concentração. Neste texto encontram-se detalhes das atividades realizadas nas aulas de música, resultados positivos e negativos como a total participação dos alunos nas atividades de forma espontânea dentro de suas limitações e ainda alterações nas atividades previstas, além da metodologia utilizada que foi inspirada nos teóricos Dalcroze e Orff.</p>	2017
<p>Ewando Müller</p>	<p><i>Música como instrumento de inclusão de alunos surdos</i></p>	2017

Barbosa da Silva Jessika Castro Rodrigues	Resumo: Este artigo aborda em especial uma deficiência: a surdez. Objetiva investigar a contribuição da música para inclusão escolar dos estudantes surdos. Metodologicamente, adotou-se a pesquisa bibliográfica documental, realizada nos anais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), no período de 2006 a 2016. Os resultados apontam ações que envolvem a música como instrumento de inclusão de estudantes surdos, além de ressaltarem a necessidade de o professor selecionar métodos, técnicas e materiais adequados para auxiliar no processo de aprendizagem desses estudantes.	
Juliana Bischoff	<i>Prática de conjunto com surdos: um relato de experiência</i> Resumo: O presente artigo aborda questões acerca do ensino de música para alunos surdos, em específico a prática de conjunto. Parte da experiência do estágio supervisionado II, desenvolvido no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial. ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá. Os resultados mostraram o desenvolvimento musical dos alunos e o potencial que eles possuem para fazer música, e como isso impactou a prática de ensino e vivência musical da estagiária.	2017
Mayara de Brito Ferreira Luceni Caetano da Silva	<i>Algumas reflexões sobre habitus conservatorial e as adaptações para o ensino de instrumento musical para a pessoa com deficiência</i> Resumo: Este trabalho pretende fazer um relato de experiência do ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência, buscando trazer algumas reflexões sobre o conceito de habitus conservatorial (PEREIRA, 2014) e o ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência. Esta relação é refletida pela busca de quebras de paradigmas no ensino de instrumento musical tradicional e o ensino de instrumento para pessoas com deficiência, e a busca por adaptações pedagógicas para estes estudantes. As aulas de instrumento musical para pessoas com deficiência ocorrem na Escola Especial de Música Juarez Johnson na cidade de João Pessoa-PB. Para este relato foram elencados três pontos a serem discutidos através da busca de paradigmas que sejam adaptados para o ensino de instrumento musical para pessoa com deficiência: a postura convencional, a adaptação no repertório musical e o foco no aluno deficiente no ensino musical.	2017
Andreza Specart Cleyton Medeiros Maria Luiza Féres do Amaral	<i>A contribuição da ciranda praieira na prática de estágio com alunos da APAE</i> Resumo: O trabalho de estágio supervisionado do 7º período de licenciatura em música teve como tema “(Fazer musical em diferentes contextos). E como subtema A contribuição da ciranda praieira como práticas musicais com alunos da APAE”, onde o objetivo foi desenvolver um planejamento que incluísse o fazer musical com os objetivos da instituição. Este estudo foi estruturado com uma visita técnica, uma aula diagnóstica para conhecer as habilidades dos alunos com deficiência, realizando um planejamento adequado de nove intervenções e uma apresentação final dos resultados na instituição. Desta maneira, o desenvolver das habilidades musicais, através das atividades	2017

	com ritmo, canto e dança da ciranda promoveu aos alunos da APAE a socialização e autonomia. Ainda ultrapassando o objetivo planejado, houve uma valorização e crescimento da sensibilidade e da liberdade de expressão. As práticas musicais tiveram como apoio, material de áudio visual, referenciando e demonstrando artistas reconhecidos no gênero. Assim, a experiência da prática da ciranda, proporcionou um aprendizado não só musical e de aspectos cognitivos, mas uma evolução nas questões emocionais, nas projeções sociais e de autoimagem.	
--	--	--

**TABELA 05:** Levantamento das publicações relacionadas com EME publicadas no Anais dos Encontros da ABEM (2016-2018)

Encontros Regionais da ABEM		
Autor(s)	Título e Resumo	Ano
Lorena Mendonça Rodrigues	<i>Música tátil: apontamentos de uma trajetória do ensino da música na Biblioteca Braille do Amazonas</i> Resumo: O presente estudo se ocupa de levantar dados da história da fundação da Biblioteca Braille do Amazonas e sua contribuição em 10 anos na formação musical de pessoas com deficiência musical. Percebe-se uma quantidade de metodologias aplicadas às práticas instrumentais, uma verificação dos processos de ensino por meio do tato e audição, as dificuldades enfrentadas e por fim, os elementos que determinam a criação deste espaço singular em nossa capital. O trabalho nasce de uma observação de campo e relatos orais do fundador, Sr. Gilson Pereira, importante nome para o enfrentamento das barreiras descritas abaixo. Sendo assim, o estudo busca revisar periódicos e leis para a formação de um aporte teórico resolutivo da problemática submetida neste.	2018
Jane Eyre Pedro TamarGenzGaulke	<i>A inclusão da criança com paralisia cerebral espástica em aulas coletivas de flauta doce</i> Resumo: Este trabalho expõe uma experiência vivida como docente de flauta doce em sala de aula no Projeto Escola de Música de Macaíba durante o primeiro semestre letivo de 2018. Em circunstâncias onde há interação entre um aluno com deficiência motora e outros alunos sem esse tipo de deficiência, um dos objetivos do projeto foi incluir a criança com paralisia cerebral, com igualdade, através da música, no contexto de ensino. Para compor a estrutura deste relato, foram investigados: o comportamento do aluno em sala de aula; as origens da patologia em questão; as principais produções acadêmicas relacionadas a essa sequela e diferentes métodos de inclusão educacional.	2018
Mariana Bravo Burlamaqui Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo	<i>Altas habilidades ou superdotação em música: conceitos, preconceitos e inclusão</i> Resumo: O Atendimento Educacional Especializado é um direito garantido aos alunos reconhecidos como especiais. Dentre eles estão aqueles identificados com Altas	2018

	<p>Habilidades ou Superdotação (AH ou SD). Em música, esse fenômeno provoca inquietações que envolvem o entendimento sobre o tema, sobre o conceito de AH ou SD; sobre como os professores percebem esses alunos e suas habilidades e sobre as características para sua identificação e seu atendimento. Nesta problemática, esta pesquisa tem como objetivo conhecer e descrever como os professores de música relatam seu entendimento sobre o conceito de altas habilidades ou superdotação, como descrevem suas características e quais dificuldades encontram na sua identificação. A Entrevista Narrativa foi a técnica de geração de dados utilizada para atingir os objetivos. Dentre os resultados, destacam-se a forte presença de mitos e crenças sobre as AH ou SD. Os professores entendem as altas habilidades ou superdotação como algo excepcional e acreditam que raramente terão alunos com essas características. Por outro lado, creem que devem considerar que todos em suas turmas são talentosos ou superdotados, e, portanto, não deve haver diferenças entre eles. Como consequência, deixam de reconhecer tais habilidades nos estudantes e evitam encaminhá-los para um atendimento diferenciado. Esta comunicação é parte da revisão de literatura da pesquisa em desenvolvimento e aborda diferentes conceitos sobre AH ou SD. Espera-se que este artigo possa contribuir para informar educadores musicais sobre AH ou SD na área musical, bem como fomentar o atendimento aos alunos identificados com habilidades especiais na educação básica.</p>	
Lisbeth Soares	<p><i>Aprendizagem criativa na educação musical inclusiva: considerações iniciais</i>  Resumo: Este trabalho faz parte de pesquisa em andamento, pesquisa esta que pretende analisar processos de Aprendizagem Criativa em contextos de Educação Musical Inclusiva. Uma das intenções é a de responder à seguinte questão: de que forma as concepções a respeito de Inclusão e de Educação Musical impactam as práticas docentes, visando a aprendizagem criativa? A partir da pesquisa bibliográfica, este trabalho buscou apoio nas ideias de Brito (2001, 2003, 2007), Aharonián (2004), Beineke (2012) e Palácios (2008), dentre outros autores, para discutir sobre estas concepções e para refletir sobre as práticas docentes, visando uma Educação Musical que respeite as singularidades. Como resultados parciais, observa a necessidade de aprofundamento a respeito da formação inicial e continuada dos docentes e a reflexão sobre as mudanças sociais necessárias para que a todos possam ser contemplados em seus direitos, desmistificando o entendimento de que a incapacidade é causada por condições individuais e dando um salto ético em busca de uma sociedade mais respeitosa com as diferenças</p>	2018
Andréia Lang	<p><i>Educação musical e deficiências: a inclusão no ensino regular numa Escola de Pelotas – RS</i>  Resumo: No decorrer dos anos, várias leis sobre inclusão foram criadas. Mais recentemente no ano de 2015 no Brasil, foi criada a “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com</p>	2018

	<p>Deficiência”. A partir disso, várias situações foram encontradas, apresentando-se com o tempo várias oportunidades de experiência dentro de escolas de ensino regular. Essas experiências trouxeram consigo o desafio de se trabalhar dentro de uma mesma sala de aula com alunos com deficiência e alunos típicos, gerando assim o questionamento a respeito de como incluir ambos os alunos dentro de uma sala de aula do ensino regular nas aulas de música. Assim surgiu essa pesquisa, que está atualmente em andamento e em fase de análise de dados, que buscou investigar como se dá ou não a inclusão nas salas de aula e de que maneira ela é trabalhada com os alunos. A metodologia utilizada foi o estudo de caso, que durante a escrita deste trabalho ainda estava acontecendo, acompanhada de uma entrevista com um professor de música da turma que foi investigada. Os resultados ainda não foram definidos e a pesquisa ainda está em fase de escrita. Estão sendo utilizadas como base as autoras FINK (2012, 2017), e LOURO (2015, 2017), bem como outros autores que estão sendo conhecidos durante este trabalho e que possam vir a ser relevantes</p>	
<p>Juliane Riboli Corrêa Ana Lúcia de Marque e Louro-Hettwer</p>	<p><i>Narrativas de experiências formativas entrecruzando música e inclusão</i> Resumo: Este artigo é resultado de parte da pesquisa de Doutorado, encerrada em 2018, intitulada narrativas de um caminhar para si com os outros: Experiências formativas inclusivas junto a um grupo de estudantes de Música, cujo objetivo centrou-se em investigar como experiências formativas de inclusão construídas em um grupo de formação com estudantes de Música pode potencializar a construção de paradigmas e práticas inclusivas. Os objetivos específicos foram: entender como um grupo de formação de alunos da Música, mediado por experiências inclusivas, constitui-se em dispositivo de aprendizagem; compreender a percepção dos alunos acerca da educação e práticas inclusivas; pesquisar as formas de potencializar a inclusão a partir do trabalho com Música. Como aporte metodológico trouxe a pesquisa-formação fundamentada em Josso (2004, 2010a, 2010b), articulada às narrativas dos participantes da pesquisa que foram registradas através das discussões em aula, com diários de aula, filmagens e gravações de voz. Os participantes da pesquisa foram 25 alunos do Curso de Música (Em suas diversas modalidades), os quais efetivaram sua matrícula em duas disciplinas ofertadas como DCGs em dois semestres subsequentes. Neste artigo abordarei apenas uma parte da tese que versa a respeito de nossas experiências formativas a partir de uma intervenção prática realizada em uma escola especial. Os aprendizados construídos foram de inúmeras ordens musicais e inclusivas. Dentre todas as conclusões, saliento duas delas: A inclusão possui várias formas e ângulos e depende muito mais de questões humanas do que técnicas. A Música, nesta perspectiva, é uma construção humana e potencializa práticas inclusivas.</p>	2018
<p>Daniele Pendeza</p>	<p><i>Educação Musical e Autismo: desdobramentos de uma proposta de formação de professores</i></p>	2018

	<p>Resumo: A partir dos desdobramentos da pesquisa de mestrado intitulada Educação Musical e Autismo: uma proposta de formação de professores (PENDEZA, 2018), pesquisadora e participantes decidiram dar segmento aos estudos sobre educação musical, autismo e desenvolvimento infantil. Para tanto, está sendo criado um caderno de atividades musicais, com conteúdo e atividades musicopedagógicas referentes aos marcos do desenvolvimento sociocomunicativo pré-verbais, e que consideram as características diagnósticas do autismo. Essa escolha se deu a fim de que pudéssemos adaptar e construir materiais de educação musical a partir dos conhecimentos estudados na formação, para nos instrumentalizarmos e dividirmos essa construção com outros colegas educadores musicais que atuam, ou pretendem atuar, junto às pessoas com autismo.</p>	
<p>Jaílson Silva dos Santos          Patrícia Figueiredo Carvalho          Pedro Yuri da Silva Viana          Sebastião Trindade da Conceição Júnior          Jessika Castro Rodrigues</p>	<p><i>Autismo e Música: relato de experiência de graduandos sobre a prática da educação musical para estudantes com autismo</i></p> <p>Resumo: A educação enfrenta desafios em relação à educação especial, razão pela qual o ensino para a pessoa com autismo deva considerar as características desse transtorno. O professor deve entender que cada caso de autismo tem suas particularidades e, portanto, as atividades propostas deverão ajudar a desenvolver as potencialidades dessas pessoas, sem o estigma de generalização. O objetivo dos pesquisadores é perceber, mediante o relato de experiência, as práticas da educação musical para estudantes com autismo em diferentes contextos. Foram analisados quatro relatos de graduandos, antes de cursarem a disciplina Educação Musical e Inclusão, na Universidade do Estado do Pará (UEPA), no primeiro semestre de 2018. As discussões deste trabalho foram realizadas pautadas na análise dos discursos, na bibliografia e na legislação vigente. Como resultados, encontram-se práticas em educação musical em escola exclusiva para pessoas com deficiência, escola de ensino regular e ensino individual em instrumento. A análise dos discursos revela a existência de muitos desafios em relação à educação musical e à inclusão que perpassam o desconhecimento da legislação, como barreiras atitudinais e dificuldades de adaptação curricular. Em contrapartida, foram vislumbradas possibilidades de aulas de músicas lúdicas, estratégia para que a educação musical possa atender a todos que a almejam, sem distinção.</p>	2018
<p>Ana Célia de Lima Viana          Cyntia de Vasconcelos Soares</p>	<p><i>Uma proposta de inclusão dentro de um programa de Educação Musical na cidade de São Paulo</i></p> <p>Resumo: O presente trabalho apresenta o relato de experiência de um projeto de inclusão dentro de um programa de educação musical na cidade de São Paulo. Diante da demanda de alunos com deficiências e outros problemas que interferem na aprendizagem musical foi criado um projeto com o objetivo de construir um espaço onde o indivíduo possa expressar e ressignificar suas dificuldades, limitações e potencialidades cognitivas, afetivas, motoras e sociais, criando condições favoráveis</p>	2016

	<p>para a aprendizagem musical. A equipe deste projeto compreende a assistente social, que encaminha as demandas e mantém contato com a família dos alunos, a professora de música que atende individualmente os alunos com dificuldades, os professores de música que encaminham os alunos para o projeto, o monitor de polo e agente de apoio, que cuidam das questões administrativas do polo de ensino. Ao identificar necessidades e dificuldades, a assistente social e os professores de música encaminham os casos à professora de música responsável pelo projeto, que avalia quais medidas serão tomadas e quais atividades serão propostas para este aluno. O projeto e progresso dos alunos são avaliados através de instrumentos de observação, listas de frequência, trabalhos produzidos, anotações das aulas, feedback das famílias e dos demais professores de música.</p>	
<p>Cristina Silva Kreutzfeld</p>	<p><i>O uso da LIBRAS como recurso na Educação Musical</i>  Resumo: O presente trabalho refere-se a um relato de experiência que visa relacionar o uso da Libras como recurso, com o uso de movimentos e expressão corporal, na aula de Educação Musical. A Libras é uma língua gesto-visual e que permite que seu usuário utilize movimentos e expressão corporal para interpretar músicas. Foi observado que esta proposta teve papel importante para a difusão da cultura surda, além de relacionar a língua de sinais brasileira com a prática musical.</p>	2016
<p>Juliana Santos Bischoff  Vania Malagutti Filho</p>	<p><i>Ouvindo/sentido a música: relato de experiência com alunos surdos</i>  Resumo: O presente artigo aborda questões acerca do ensino de música para alunos surdos. Parte da experiência do estágio supervisionado I. Desenvolvido no Colégio Bilíngue para Surdos de Maringá: educação infantil, ensino fundamental e médio, na modalidade de educação especial. Este colégio é subsidiado pela ANPACIN (Associação Norte Paranaense de Áudio Comunicação Infantil) e sediado no campus sede da Universidade Estadual de Maringá. Neste texto abordo questões referentes a educação musical voltada a uma turma de alunos surdos. Com o objetivo de compartilhar experiências e reflexões.</p>	2016
<p>Elton Mendes Pinheiro  Jorge Octavio Batista  Filipe Busana Dias  Maria Luiza Feres Amaral</p>	<p><i>Música na Educação Especial: jogos adaptados</i>  Resumo: O presente artigo relata a prática do estágio supervisionado do 5º período do curso de Licenciatura em Música da UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí, realizado na instituição "Ofearte – Oficina Especial de Arte". O trabalho, que tem como tema "Música na educação especial: jogos adaptados", foi dividido em uma visita técnica, uma aula diagnóstica e sete intervenções, de onde foram coletados os dados e resultados através da observação, análise de fotos e vídeos das intervenções, reflexões sobre a prática e relatórios. A proposta do trabalho baseou-se em experimentar diferentes jogos musicais adaptados, visando atender às deficiências físicas e cognitivas apresentadas pelos educandos da instituição. Para as intervenções foram preparados diversos materiais didáticos, além do canto. A principal referência teórica utilizada foi Louro (2006), com ênfase nas propostas dos jogos musicais e metodologias de</p>	2016

	ensino voltadas para pessoas com necessidade de educação especial. O projeto teve como produto final uma apresentação pública de uma canção executada pelos alunos em conjunto com os estagiários.	
Luciano da Silva Candemil	<i>A aplicação do Método Tubs para alunos com Deficiência Intelectual e Síndrome de DOWN: um relato de experiência</i> Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência sobre um estágio supervisionado realizado com alunos com deficiência intelectual e síndrome de Down, numa escola da APAE. A pesquisa-ação teve como objetivo de aprendizagem a execução do ritmo da marcha do catopê mediante utilização de partitura analógica inspirada no método TUBS. O catopê é uma das modalidades do congado mineiro, uma tradição afro-brasileira. Pretendeu-se verificar se os alunos com deficiência intelectual e síndrome de Down conseguiriam aprender a tocar células rítmicas na percussão lendo uma partitura alternativa. O trabalho foi alicerçado em bibliografias específicas a respeito das patologias supracitadas, sobre cultura afro-brasileira e ensino de ritmos na percussão. As intervenções pedagógicas desse estágio foram organizadas em três partes, e nesse artigo será dada atenção as questões relativas à unidade inicial que tratou da aplicação do método TUBS utilizando percussão corporal e pads.	2016
Renato Brandão	<i>O outro lado da moeda: reflexões para um aprendizado mais inclusivo na perspectiva da relação entre a música e a pessoa com deficiência visual.</i> Resumo: *	2016
Dulcianne da Silva Moreira	<i>A deficiência visual e a música: reflexões sobre dois universos da condição humana.</i> Resumo: *	2016
Hiago Andrade Ribeiro	<i>Música na pele: processos criativos para uma reflexão da aproximação da educação musical e a pessoa surda</i> Resumo: *	2016
Celso Henrique Vieira de Lima	<i>A importância da musicalização para crianças com necessidades especiais “Síndrome de Moebius”</i> Resumo: *	2016
Camila Fernandes Figueiredo Valéria Lüders	<i>Práticas pedagógicas e musicais com estudantes com transtorno do Espectro do Autismo</i> Resumo: Este artigo tem como objetivo descrever as práticas pedagógicas e musicais utilizadas em aulas de música com estudantes entre 6 e 13 anos de idade, com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), em uma Escola Estadual de Educação Básica Modalidade Especial. É parte integrante de uma pesquisa de mestrado concluída. O estudante com TEA poderá apresentar prejuízos na comunicação social, na linguagem e na interação social dificultando a sua aprendizagem musical. Cabe ao professor, mediador dessa aprendizagem, organizar as práticas pedagógicas e musicais de forma sistematizada para que este aluno alcance o objetivo final; nesse caso, a aprendizagem musical. Como práticas pedagógicas, destacam-se a organização da aula em rotinas fixas, a repetição das atividades, a utilização de cartões que representem visualmente o conteúdo que está sendo trabalhado nas aulas, como também alternativas para	2016

	que o ensino de música não seja baseado somente na imitação direta. A improvisação musical e as propriedades do som como conteúdo inicial de aprendizagem foram as práticas musicais utilizadas nas aulas. A principal contribuição deste artigo é apresentar alternativas com o propósito de facilitar e adaptar algumas práticas pedagógicas e musicais para oportunizar aos estudantes com TEA acesso ao conhecimento musical.	
--	---	--

\* Sem disponibilidade no *site* da ABEM

**TABELA 08:** Resultados de teses e dissertações coletadas por autor, título, ano e país de origem.

Levantamento Internacional			
Autor(s)	Título	Ano	País
Glória Constanza Rincín Prat	<i>El impacto social y educativo del programa musical batuta el sistema nacional de orquestas sinfónicas juveniles e infantiles de Colombia</i>	2015	Espanha
Nadhir Bouabid	<i>La spécificité du déchiffre pianistique chez les musiciens aveug les et deficientes visuels: effets des représentations mentales des notations musicales sur la conduite de mémorisation</i>	2015	França
Luis Sánchez Sánchez	<i>“La didáctica de lviolinen alumno s con discapacidad visual: compendio de buenas prácticas, recursos y estrategias metodológicas para una educación inclusiva em las enseñanzas elementales y profesionales de música”.</i>	2017	Espanha
Edyta Bogusz-Witczak Hanna Turkowska	<i>Influence of musical experience of blind and visually impaired young persons on performance in selected auditory tasks</i>	2015	Polônia

A Tese apresentada ao Programa de Desenvolvimento Social da Universidade Católica San Antonio, Escola Internacional de Doutorado, em 2017, intitulada **“la didáctica del violín en alumnos con discapacidad visual: compendio de buenas prácticas, recursos y estrategias metodológicas para una educación inclusiva em las enseñanzas elementales y profesionales de música”**, trabalho arquitetado em 13 capítulos, teve como principal objetivo traçar um debate sobre os procedimentos de ensino do violino para alunos com DV. De modo diferente dos procedimentos nacionais de estruturação dos elementos pré e pós textuais das teses brasileiras, o autor, pela quantidade de capítulos, demonstra critérios de excessivo detalhamento, no entanto, por vezes redundante nos conceitos de deficiência visual e parâmetros da didática desta região específica da Espanha.

Para efeito de síntese e leitura dos apreciadores desta tese, irei condensar os capítulos sem prejuízo. Como dito, no Brasil, acumulamos metodologias e justificativas em um único campo do *corpus textual*, por exemplo. Dessa forma, para nosso entendimento, faremos três

blocos capitulares nesse resumo crítico.

No primeiro, temos a deficiência visual indo de suas pré-considerações históricas, passando pelo Braille alcançando a Organização Nacional de Cegos da Espanha (ONCE), quando o autor aborda a diferença entre cegueira e baixa visão. Tais abordagens abrem para uma nova discursão sobre ensino de modo geral e o que significa atualmente a inclusão nesta comunidade autônoma espanhola, sendo apresentado, como diz o autor, é necessário saber nossa realidade para depois estabelecer um “Panorama actual y tendencias de la didáctica musical em España y otros países”, metodologia muito comum na Europa por conta da proximidade de países distintos em vários aspectos.

Em uma segunda etapa, pode-se observar que os objetivos da pesquisa são de fato apresentados juntamente com a metodologia do total da tese. Nesse contexto, é feito um Estado do Conhecimento de todas as ações afirmativas da Espanha em grupos e comunidades de educação inclusiva, destacam-se os “Centros de Recursos Educativos de la ONCE, (CRE), o equivalente ao Centro de Apoio Pedagógico a Pessoa com Deficiência Visual (CAP) no Brasil, porém estes, recebem nomes de homenagem assim denominados: “Antonio Vicente Mosquete” de Madrid; “Santiago Apóstol” de Pontevedra; “Espíritu Santo” de Alicante; “Luis Braille” de Sevilla; e “Joan Amades” de Barcelona, devidamente compensados com suas histórias e práticas educacionais. Luis ainda colabora com outra preciosidade da história musical da Espanha trazendo outros levantamentos dos grupos orquestrais com deficientes visuais inclusos, tais como: Orquestra de Plectro “Ciudad de los Califas” de Córdoba; Coral “Allegro” de Valencia; Coral “Alaia” de San Sebastián; Orfeón “Fermín Gurbindo” de Madrid; Coral “Cidade de Vigo”; e Orquestra de Plectro “Rodríguez Albert” de Huelva. Dessa maneira, Sanchez nos dá uma noção de como as práticas musicais de pessoas DVs são distribuídas por todo o território espanhol.

Ao final, pode-se contabilizar 4 tópicos dedicados aos procedimentos que mais se adequam à necessidade do ensino do violino com alunos DVs. Para Sanchez é útil apresentar as “Buenas Praticas” mesmo quando sabemos que nem tudo dá certo nas ações de inclusão. Assim, ele abre para os recursos mais aplicáveis e por fim, designa estratégias premiadas do aprendizado do instrumento violino. Conclui propondo uma assinatura no sentido de unificação de processos sociocriativos nas classes de violino com alunos DVs. Acusa que mesmo a Espanha sendo um país de desejos internos separatistas, as condições impostas pelas barreiras encontradas dentro da situação de deficiência podem e devem ultrapassar ideais políticos e autônomos para uma unidade dos direitos humanos conquistados.

A Tese **el impacto social y educativo del programa musical *batuta* el sistema**

**nacional de orquestras sinfônicas juveniles e infantiles de colombia**, apresentada ao programa de doutoral em investigação e aprendizado do Ensino da Música, Unversidade Complutense de Madri, em 2015 é um trabalho de inclusão social a partir de uma pesquisa dentro de um sistema colombiano de orquestras infanto juvenis denominado Batuta. Sendo um trabalho muito bem organizado, de início, podemos verificar a preocupação da autora e seu orientador em deixar claro onde e como acontece o desenvolvimento da pesquisa. Parece ser um trabalho de uma aluna colombiana que se transfere para a Espanha mantendo suas raízes para o que propõe o tema.

Dividido em três capítulos, o texto se inicia com um levantamento teórico sobre o Projeto Batuta, educação musical e processos postos como práticas comparativas entre as duas realidades nacionais. Nesse ponto há um destaque para a educação praticada nas escolas e formação de professores nessa área específica. Conteúdo interessante para futuros estudos comparativos com tudo muito bem detalhado.

Após este, dentro do segundo capítulo, um desenvolvimento do raciocínio sobre porque o uso da música como mecanismo de inclusão e um panorama dos programas existentes em Bogotá que apoiam orquestras musicais. Fica claro que a capital da Colômbia é uma cidade que vem passando por inúmeras mudanças de acordo com Prat, tendo na música, uma das maiores aliadas para o combate de índices altíssimos de criminalidade e exclusão naquela realidade.

A tese se fundamenta em aplicar modelos educativos em música para equiparação das oportunidades, tendo em vista as práticas iguais entre todos os programas de orquestração em relação ao Batuta. No último divisor, Glória Constanza faz o debate entre as práticas elaboradas entre as direções tomadas por cada coordenação. Ela lembra das diferenças existentes na formação de cada regente e coordenador dos programas para que esse fator seja preponderante nos resultados avaliados. É necessário a unificação mínima de ações para que o discurso educativo da inclusão de pessoas com deficiência se aplique nas parcelas da sociedade.

Por fim, é um texto muito cansativo, redundante em muitos aspectos, talvez pela característica de um Programa Doutoral estrangeiro, arquivo protegido por senha e difícil leitura pelas aplicações de acessibilidade. Por outro lado, redigido em um espanhol muito fácil de compreender, por vezes pelos enunciados e outras, pela lógica do *corpus textual*. Assim, dei preferência por este trabalho, pois mostra uma ação inclusiva em diferentes frentes por meio da música, uma vez que ao longo de nossa tese, teremos apontamentos não exclusivos do atendimento para pessoas cegas, mas de ações gerais como formas de inclusão.

A Tese doutoral **la spécificité du déchiffrement pianistique chez les musiciens aveugles et deficientes visuel: effets des représentations mentales des notations musical es sur la conduite de mémorisation** apresentada ao programa Musicologia da Universidade de Paris, Sorbone em 2015, em uma tradução direta, A ESPECIFICIDADE DO DEFICIT PIANÍSTICO EM MÚSICOS: Comprometimento visual e cegueira: efeitos das representações mentais armazenadas de observações musicais. A leitura desta investigação é auxiliada pelo tradutor do Google e o conhecimento básico que tenho da língua francesa. É um esforço acadêmico que versa sobre o poder quantitativo da visão no desenvolvimento musical, trata de diferente forma as classificações de cegueira e baixa visão, tendo como base documental, autores que se preocupam com a condição perceptiva do mundo sem ou com pouca capacidade visual.

O *corpus textual* é dividido em parte não convencionais da formatação brasileira, sendo o primeiro período dedicado a “confusão” causada no que cada um “pinta” em sua cabeça sobre o que é a deficiência visual. Neste momento, Nadhir Bouabid constata que não vemos com os olhos, somente, mas o cérebro tem participação maciça, “é assim possível que ele leia um texto literário ou musical, para tocar um instrumento musical, afinar um piano tão bem como se ele tivesse visão normal” (p,117), diz o autor em resposta a admirações propagadas ao desenvolvimento da vida diária de um cego.

Cabe lembrar que a França é o país de origem de Louis Braille, por este motivo, o autor, de modo mais que interessante, narra parte do tratamento dado pela sociedade europeia, mais especificamente parisiense aos DVs, citando peças teatrais que zombavam e banalizavam essa minoria. O autor colabora trazendo à luz do seu labor a criação da provável primeira escola de cunho e responsabilidade científica de ensino para cegos em 1785, 79 anos antes da fundação do Imperial Instituto dos Meninos Cegos do Brasil por D Pedro II, hoje, Instituto Federal Benjamin Constant, Rio de Janeiro (IBC, 2019).

O autor aborda uma questão importante ao relatar que por meio da música a figura do DV na sociedade, principalmente na Europa, mudou para melhor, ele cita, “Ray Charles (cantor e pianista de jazz americano), Gilbert Montagné (cantor e pianista francês), George Shearing (pianista inglês, também acordeonista, compositor e maestro do jazz), Marcelo Bratke (pianista brasileiro)”, como alguns nomes de referência da confluência da música e a deficiência visual. A pesquisa revela que mais músicos DVs se dirigem ao Jazz e a música popular por não exigirem componentes gráficos como nas formações eruditas. Sua tese resulta em qualificar o armazenamento das imagens sonoras a partir do *deficit* pianístico, fazendo por vezes alusão ao trabalho profissional de Ray Charles e Esteve Wonder, pianistas compositores

que tratam de métodos pouco conhecidos e evidentes manifestações de memória.

Nesse sentido, para a nossa tarefa de pesquisa, o autor considera duas possibilidades de “leitura” do objeto sonoro como música, uma nasce da prática de memorização das notas por meio da musicografia Braille, e na outra a dispersão do músico DV tratando a música como parte integrada do corpo pelo amadurecimento e reconhecimento de discursos harmônicos, rítmicos e melódicos. Em vídeos observados de Esteve Wonder é possível observar o aquecimento vocal do autor ao piano, ele atribui improvisando as notas como ação comum ao corpo, unindo instrumento e voz pela “visão das imagens cerebrais do som” (p.117).

Conclui dizendo que, “para músicos com visão profissional, a assimilação do conteúdo de um dado levantado representado graficamente é muitas vezes concebida como um passo sucessivo para a decifração à vista” (p.116). Com isso, o autor conclui que a eficiência musical não depende em processo algum da visão, o conjunto de ações que envolvem a prática interpretativa, seja ela erudita ou popular, traz consigo exigências comuns a uma performance memorial cognitiva/motora que permite, nos casos apreciados pela tese, em resultados sempre confortáveis para DVs que se interessam em aprender a tocar um instrumento.

Neste texto, *Influence of musical experience of blind and visually impaired young person on performance in selected auditory tasks*, publicado em 2015, as autoras fazem uma verificação de tarefas psicoacústicas para detectar, em resumo, as habilidades de reconhecimento de tons e melodias entre cegos e adultos normovisuais. É um ponto de vista disponível em uma das mais importantes revistas acadêmicas de acústica na Europa, mais especificamente em Poznan, na Universidade *Adam Mickiewicz I*, Polônia.

O estudo é bastante esclarecedor em relação a uma das perguntas mais frequentes em relação a música e DVs, são pessoas com mais facilidade para o exercício artístico musical? Como resultado o texto aponta que sim, mediante treinamento considerado igual, ou seja, uma exposição a métodos equalizados de acesso à informação dos conteúdos musicais, DVs se destacam, segundo os autores.

Nesse sentido, é um trabalho que soma a outros visto neste levantamento sobre a memória e cognição cerebral, elas dizem, “a capacidade de memória de assunto abordado é uma das faculdades cognitivas que é um *linker* entre o treinamento musical e dedução de sons da linguagem através de mudanças na capacidade de memória” (p.118) em DVs. As referências deste estudo são sólidas conclusões de esforços dedicados a esse sentido. Edyta & Hanna citam-se diversas vezes, são autoras, neste texto, de 6 publicações envolvendo

experiências com crianças e jovens com deficiência visual, relacionadas com a percepção psicoacústica do som como arte musical.

No caminho dos estudos citados pelas autoras podemos perceber que além das tarefas psicoacústicas, outros resultados de melhor adaptação por parte de DVs acontecem em uso da memória de empenho da pesquisa. Para elas, essa memória que acompanha as inteligências do ofício é mais solicitada em DVs que em adultos videntes. Nas crianças, dada a condição de amadurecimento, as relações de eficiência não são tão discrepantes como em outros casos de etária adulta. Todavia, a interpretação feita pelas autoras tem bases de fundamentação quando observam os exames de índice ressonante que acusam ao córtex uma diferença significativa do desenvolvimento das habilidades auditivas prevendo treinamento músico espacial, tanto no grupo caso e controle.

Como o texto é inspirado em um *paper* das próprias autoras, é um aprimoramento dos valores atualizados neste estudo, mensagens mais diretas como por exemplo, pessoas DVs são mais eficazes a exposição de sons em plataformas 3D, ainda que a fonte seja frontal. Estes e outros exemplos são percebidos na tabela criada para ilustrar o quantitativo proporcional de desempenho em relação a diversas tarefas envolvendo vidente e DVs sob exposição acústica.

Por fim, o texto é bem compreensível, apesar de termos muito específicos, colabora de forma direta, sem rodeios com os resultados alcançados e demonstra como outras áreas, diferentemente da educação, trabalham sob a influência de compreender mais do universo da DV para interpretação do mundo e do universo da arte musical.

### **2.3 Resumos dos trabalhos nacionais levantados**

Faremos nessa etapa os comentários críticos dos dados levantados sob a luz dos conceitos em diálogo com os autores e participação nas ideias de construção desta tese. Vamos abordar, sem juízo de valor, os estudos na ordem que se apresentam nas tabelas 01, 02 e 03 (p...Apendice), por perfis elencados nas letras de A a D.

## **PERFIL A**

A pesquisa **Música TÁTIL: apontamentos de uma trajetória do ensino da música**

**na Biblioteca Braille do Amazonas** é um levantamento de trajetória sobre a prática de ensino de música para alunos cegos na Biblioteca Braille do Amazonas.

A autora, aluna de graduação em licenciatura em música e participante de iniciação científica, em pesquisa de campo e participação oral dos sujeitos envolvidos, verificou como, dentro da história do desenvolvimento de uma biblioteca produtora de conteúdos para deficientes visuais chegou ao contexto de assumir, além de suas funções naturais, um ponto de encontro e formação musical de pessoas com deficiência visual. Rodriguês (2018) nos traz o depoimento do fundador do projeto e apontamentos sobre o que significa ter acesso conteúdos adaptados pelo Braille ao mesmo tempo, as condições de leitura feitas em celulares e PCs.

Lorena investiga e publica um texto, como tantos outros nesse levantamento, que faz alusão ao movimento de substituição do Braille por outras vias de acesso comunicativo, ela diz, “[...]o Braille não morre, mas a sociedade deve ter consciência que a agilidade somada a uma habilidade em dominar outras vias de interpretação das linguagens, precisa de uma atenção redobrada para o sucesso coletivo nesse sentido.”(2018, p.03) .

Além do relato de parte da história do ensino musical na capital do Amazonas, a autora, ao observar as práticas em campo, descreve os procedimentos e um dado curioso, também verificado em Giesteria (2015), aspectos sobre o mito do super desenvolvimento do ouvido humano por conta da cegueira. Tanto Rodrigues quanto Giesteria, promovem uma reflexão sobre determinadas compensações de estado físico. Historicamente se tem associado a deficiência visual como um fator que facilita a atividade musical. Assim, as pessoas observadas por Lorena nas classes de violão, piano e canto desmistificam essa prerrogativa, pois antes da entrada dos alunos nas turmas de instrumentos, Giesteria (2015) adiciona, é preciso levantar inúmeros elementos que possam ou não favorecer se um cego irá ter sucesso como instrumentista.

Por fim, o texto publicado no Encontro Regional Norte da ABEM em Macapá, é uma ótima leitura, dispõe de dados, como vistos anteriormente, históricos e ao mesmo tempo, interpretativos da aproximação da música com o universo da deficiência visual.

O artigo **O outro lado da moeda: reflexões para um aprendizado mais inclusivo na perspectiva da relação entre a música e a pessoa com deficiência visual**, publicado no X Encontro Regional Norte da ABEM em Boa vista, 2016, podemos perceber a preocupação do autor em relatar em síntese, “o outro lado da moeda”, ou seja, enquanto que a maioria esmagadora dos debates residem em formar e sensibilizar professores para o atendimento especializados de alunos com deficiência visual, no texto apresentado pro Brandão, os papéis se invertem, o autor chama a tenção para os resultados de anos do aprimoramento das práticas

educativas para que pessoas, como o próprio autor, deficiente visual, pudessem alcançar seus objetivos através da educação.

Sendo um texto autobiográfico, Brandão, pessoa com baixa visão, diagnóstico de Síndrome de Stargardt, é professor assistente da Universidade Federal do Amazonas, da Faculdade de Artes, curso de música e tem na sua rotina de trabalho, “oferecido” aos seus alunos a oportunidade de atendimento em via contrária, pois os alunos aprendem a receber as especificidades da conduta cega do professor. Nesse sentido, o autor revela sempre em sentido contrário, sinais de atendimento especializado dos alunos para o professor.

Com o aumento dos recursos tecnológicos, *internet* mais rápida, leis apropriadas, congressos e encontros de compartilhamento de dados e outros, a possibilidade de pessoas com deficiência alcançarem funções de liderança se amplificam a cada ano. Podemos avaliar o núcleo da idéia de Brandão como positivo pelo relato ainda incomum, mas como uma promessa que mais pesquisas apareçam com o mesmo teor.

Como diz Charlton (1998), em uma tradução de “Nothing About Us Without Us”, ou seja, “Nada sobre nós, sem nós”. Por conta desta, o autor chama atenção para a necessidade de mais enfrentamentos pela academia autobiográficos, fundamentados nos diálogos de outros autores, mas, com condições de traduzir ao mundo, determinadas verdades somente ditas por quem de fato vive a realidade da deficiência visual.

Na mesma linha do texto de Brandão (2016), temos Silva & Ferreira (2016), sendo apresentado no Encontro Regional Nordeste, trazendo o depoimento enquanto um dos autores sendo aluno de graduação em música, expressando como Brandão os desejos por mais acesso e linguagens unificadoras para a prática musical.

Podemos encontrar em Fantini (2016) um panorama do aumento de investidas autobiográficas como uma tendência que ilustra, sobretudo, o aumento da entrada de pessoas com deficiência nos ambientes acadêmicos. Com isso, o texto publicado por Brandão traz depoimentos de alunos e concepções de estudo em regime de formação das novas condutas de mercado para profissionais atendidos ao longo de sua vida estudantil, por sistemas especializados de ensino e boas condições de estudo.

O texto, **Mediação Informacional e inclusão para musicistas cegos**, imediatamente contabilizo aqui mais uma crítica ao texto publicado por Seco (2017), trazendo em seu interior dados relevantes sobre o acesso, principalmente dentro de bibliotecas digitais, a mesma dissertação é autocontraditória, fechada a seleção dos caracteres e difícil de ser lida pelos programas descritos por mim.

Se trata de um dissertação duplamente encontrada na BDTD e Banco de dados da

CAPES, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina, com a seguinte divisão textual: 3 capítulos indo dos conceitos habituais sobre a deficiência física e especificamente visual, retrospectiva histórica do comportamento humano em relação a convivência social com a situação de deficiência, o desenvolvimento da escrita e leitura por quem não enxerga, mediação da informação e bibliotecas inclusivas e metodologia.

No último Censo publicado no Brasil sobre Educação, foi detectado o aumento na ordem de 43% da entrada de pessoas com deficiência no ensino superior.

Desse total, 2.074 alunos foram considerados como cegos e 11.028, com baixa visão. A somatória desses dois contingentes totaliza 13.102 alunos com deficiência visual matriculados em cursos de graduação, nas modalidades presencial e a distância, em IES públicas e privadas do nosso país no ano de 2016” (FINCK, 2017, p.01).

Nas palavras entendidas de Seco (2017) é útil no sentido da demanda apresentada por Finck (2017), reflete inicialmente sobre os conceitos de cegueira que nunca estão ultrapassados pela importância do interesse de novos leitores, ao mesmo tempo que debate um tema importante, a mediação.

No primeiro momento, a autora considera importante conceituar dois elementos fundamentais para a compreensão do que venha a ser acessibilidade, o obstáculo/barreira e sua forma antagônica, a própria acessibilidade. Na Lei nº10.098/2000, uma barreira é prevista “como qualquer obstáculo que limite ou impeça o acesso à informação e à possibilidade de comunicação” (p.04), ao qual Seco (p.04) encaminha os esforços da pesquisa para dar novos horizontes de acesso, principalmente a leitura e escrita de DVs. Como destaque, podemos considerar a identificação de dois tipos de barreiras na vida: as físicas, sendo definidas como componentes da arquitetura urbana, transportes e passeios públicos e no outro lado, tem-se os obstáculos atitudinais, referência direta ao preconceito sofrido pelos sujeitos da pesquisa.

Em seguida, o texto toma um teor de confronto social com base nas relações estabelecidas ao longo dos anos diante da presença de deficientes na sociedade. Mesmo sendo uma revisão detalhada da literatura de maioria impressa, este autor defende a manutenção de duas frentes de enfrentamento, citando o menosprezo e a eliminação como ações ainda permanentes e a aceitação e tolerância para uma nova condição social. Para ela, toda essa movimentação histórica resulta em uma legislação “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015, p.01). Ainda

neste capítulo, a autoria do texto faz uma interessante redação sobre a história especificamente ligada a cegueira na sociedade, mostra como os mais temidos castigos eram relacionados a perda da visão e cita parte da Bíblia com passagens entre as enfermidades do mundo antigo.

Em outro momento do texto, Seco, por meio de outros autores, concentra uma curiosa relação entre a interpretação das imagens com o órgão visual. Ela salienta uma informação que traduz muito do que o senso comum faz rotina em afirmar, “crianças nascem cegas”. Na verdade, como comprova a autora, ao nascer, “[...]a criança possui os órgãos da visão imaturos e não tem capacidade de enxergar como um adulto. Os estímulos visuais são imprescindíveis para a maturação ocular que ocorre do nascimento até os seis anos de idade”(p.05). Além desse quadro, o estudo colabora com um dado importante, o entendimento da condição de baixa visão se dá a partir da década de 1970 em estudo exteriores. Essa ação é fundamental e relevante para a melhoria de vida da maioria dos DVs no mundo.

Para Seco (2017, p.34), “a baixa visão é definida como a ausência severa de visão ou a debilidade visual que ocasiona diminuição da capacidade de enxergar”. Com base nesta, o discurso do texto caminha para a aplicação dos conceitos para associação a prática docente com pessoas cegas. Neste momento, Layara confere à qualidade da mediação à responsabilidade do sucesso de muitos procedimentos didáticos. Assegura que se a “mediação informacional” fosse melhor ou mais vezes mencionada nos cursos de formação profissional, uma quantidade de barreiras atitudinais seria ultrapassada.

Para concluir a autora disserta sobre o preconceito de modo contrário como eu penso ser. Ter considerações prévias acerca de qualquer pessoa é comum a nossa humanidade. Entendo pelo o que escreve o autor, há uma referência a manutenção de conceitos pré-estabelecidos que impedem uma melhor compreensão dos fatos e condutas de um DV. Por outro lado, as pessoas com deficiência também criam barreiras na direção contrária, tudo faz parte de um jogo de aceitação, somos tolerantes até quando temos interesse e curiosidade. Vale salientar, “a crescente busca informacional percebida inclusive nos círculos sociais dos musicistas com deficiência visual traz reflexões que precisam ser exploradas para que ocorram melhores práticas inclusivas e acessíveis” (2017, p.08). O texto conclui com uma análise bem significativa sobre os depoimentos adquiridos durante a investigação e reflete sobre como devemos arrumar o mundo para nossos descendentes.

No texto **A cor do som: processos de reconhecimento da imagem do som por meio da semiótica nas relações entre deficientes visuais e a música**, os autores, “com base nas leituras de Sanders Peirce (1839-1914), verificam um encorajamento para uma nova

construção a partir dos fenômenos da interpretação dos sinais de uma rotina de vida por meio da deficiência visual”(p.08). Brandão e Staub conseguem, neste objeto criado, orientar professores sobre a importância da construção da confiança entre aluno e educador, uma vez estabelecida esta confiança, tudo flui pela possibilidade de criação de “imagens” não gráficas que ordenam o aprendizado. Nessa mesma perspectiva, tais atributos pertinentes da interpretação de sinais, acima de tudo, sensoriais, constroem sensações de confiança contidas nos canais semióticos revisados nesse estudo.

Sendo um dos autores deficientes visuais, em determinados momentos a experiência por meio do relato do mesmo é valiosa para uma leitura mais confiante do universo da falta de visão. Brandão e Staub comentam sobre a capacidade humana de, somente com a fala, elaborar na cabeça de alunos, imagens a partir do conjunto dos sentidos. É assim a percepção de um cego. O cheiro de uma lasanha é imagem, a textura de um tapete também é imagem e outras possibilidades de associação dentro da unidade formada pelos cinco sentidos humanos.

Publicado no XXII Congresso da ABEM em Belo Horizonte, é um texto inovador pela abordagem do discurso, precisamente inédito sob a avaliação de Fantini (2016) e abre vias de expansão para outras formas de desenvolver aprendizado por dimensões ainda desconhecidas de muitos. Em resumo, o fato observado dos autores diz que os cegos não se veem diferentes, somos mais iguais que pensamos, pois as mesmas condições administradas por este viés pedagógico, é vivenciado por todos, só não somos atentos às formações das “imagens” segundo os autores, se temos todos algum sentido funcionando, temos unidades de imagens constantemente sendo criadas em consciência.

O estudo **BRILLEÉCRAN: uma abordagem para entrada de texto em braille para smartphones** apreciado de Joyce Siqueira, publicado em Goiânia, 2017, é uma dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Informática da Universidade Federal de Goiás e versa sobre a criação de um aplicativo associado a acessório para escrita em telefones de tela sensível ao toque. Neste caso, a autora faz um breve e esclarecido comentário sobre algumas necessidades pertinentes ao universo da cegueira. Com isso, ela aborda problemas muito comuns que ocorrem quando usamos aparelhos celulares com tela *touth*, aquelas lisas, sem botões.

Mesmo sendo um esquema que por teoria esteja distante do ambiente pedagógico, assume um perfil conceituado da realidade da demanda de uso por pessoas cegas junto a um celular. Podemos imaginar como deve ser desconfortável uma tentativa de digitação cega em

teclado QWERTY, e quando isso ocorre, recursos como leitores de tela<sup>4</sup> tiram a privacidade e narradores<sup>5</sup>, quando acionados em ambientes poluídos sonoramente, falham bastante. Diante disso, Siqueira (2017) apresenta um relato experimental da criação de um conjunto de dispositivos com aplicativo para escrita com base no código Braille em *smartphones*.

O BRAILLECRAN é um aplicativo testado por um grupo de 10 colaboradores, avaliado quanto a sua facilidade de uso, custo e adequação a rotina de cada usuário. Siqueira (2017, p.18) propõe “desenvolver um método para entrada de texto, utilizando o Sistema Braille, que proporcione usabilidade apropriada, uma boa experiência de uso e que possa ser produzido a baixo custo. O método é destinado a smartphones com tela sensível ao toque”. Além deste, existem no mercado, outras aplicações que interagem com o Braille a partir de telefones modernos. Em uma rápida busca nas lojas virtuais, neste caso da Apple, a tag “Braille” apresenta os seguintes resultados: Braille Go, Visual Braille, Braille Study Learn, WD Braille, entre outros. Siqueira tenta, neste projeto, criar uma possibilidade adequada a realidade brasileira, ligada principalmente aos custos para o usuário final.

Como pudemos constatar, as *stores* de aplicativos possuem soluções para o aprendizado do código, para tradução, para um banco de memória do alfabeto Braille, porém o sistema se adequa a cada configuração ortográfica do país que incide e isso, quando nos aplicativos importados, não funciona para o deficiente local.

O trabalho conclui apresentando os pontos fortes e fragilidades do projeto. Foram de fato desenvolvidos protótipos e colocados em uso pelo grupo mencionado. Dados sobre distância dos botões, aplicação direta de inserção numérica e letras maiúsculas, são tarefas futuras para a melhor qualidade do produto. O ponto alto cabe ao “[...]custo da película tátil é extremamente baixo. No entanto, esbarra na dificuldade do usuário comum em imprimir a película tátil, visto a impressora 3D ainda não ser um produto popular” (2017, p.74).

**A deficiência visual e a música: reflexões sobre dois universos da condição humana** é mais um exemplo deste levantamento. Podemos verificar como os enfrentamentos da rotina de vida de uma pessoa com deficiência visual ocupam determinadas pesquisas

---

<sup>4</sup> Com a chegada dos computadores pessoais, alguns programas foram criados para dar melhor acesso para deficientes visuais. Esses aplicativos, hoje também embarcados em aparelhos celulares, ajudam cegos e pessoas com baixa visão a ler o que está na tela do PC ou *smartphone*. Fazendo uma leitura em voz alta e sintética, aplicativos como Voiceover(iOS) e o Talkback(Android), facilitam a vida no uso de celulares com tela sensível ao toque. Por outro lado, acabam com a privacidade da pessoa e possuem limitações ainda frequentes.

<sup>5</sup> O caminho inverso de uma leitura no PC ou *smartphone* é o narrador ou ditado. São aplicações, hoje comuns, principalmente nos celulares de uma tecnologia que escreve o que se narra. Atualmente é um recurso muito eficaz, restrito a ambientes silenciosos para uma melhor qualidade do resultado final e aumenta a prática de inserção de texto por pessoas cegas e com baixa visão nas aplicações mais simples como uma conversa no Whatsapp.

ligadas à prática musical.

Sendo uma revisão documental, a autora faz, no X Encontro Regional da ABEM, 2016, Boa Vista, uma reflexão sobre uma relação muito aproximada com o que defendemos nesta tese. No entanto, é parte doadora com olhar de fora, feito por pessoa dedicada e inclinada a colaborar com o que julga desconfortável dentro da situação de deficiência. Desse modo, quando a autora cita as diferenças básicas entre cegueira e baixa visão, pouco se percebe da realidade em termos e condições, sendo visto que “a primeira confere uma condição de danos severos da percepção visual, ao contrário da segunda que se configura por uma percepção mantida por resíduos de imagem no campo visual (nosso grifo, p.10)”.

Nesse caso, não há manutenção de imagens, mas sim uma forma de ver com o que se tem de resíduo. No caso da baixa visão, sendo maioria dos casos, com 39 milhões de pessoas (Siqueira, 2017), são inúmeras as configurações de percepção visual. Quando lemos:

É de suma importância compreender a diferença entre a cegueira e a visão subnormal, pois na maioria das vezes uma pessoa que ainda conserva resíduos visuais é tratada da mesma forma como a que perdeu a visão total trazendo prejuízos emocionais e físicos para o paciente, os tratamentos devem ser diferenciados para que haja um melhor desenvolvimento de aprendizagem (MOREIRA, 2016, p.03).

Constatamos neste levantamento, atribuições distantes da realidade de acomodação social de deficientes visuais. Eu, mesmo com baixa visão, em algumas situações, prefiro ser tratado como cego, pois os benefícios são perfeitamente adequados ao quadro em questão. Isso também acontece no sentido da pessoa cega para a baixa visão. Em seu texto, Moreira tenta condicionar padrões cristalizados, e, por outro lado, o desafio da inclusão se dá justamente pela diversidade global possível de se enfrentar quando temos pacientes e alunos.

O universo da deficiência visual permeia recursos adaptados e específicos, são quadros pendurados na classe, ou máquinas de escrever em Braille (Finck, 2017). Quando Moreira(2016), nos traz informações sobre recursos, sendo uma revisão documental e partindo do que está publicado ao longo dos anos, fica clara a falta de informação, segundo a autora, “[...]utilizando os recursos de apoio tais como: lupa, óculos e outros”, neste caso, (nosso grifo) se diminuem muito do que conquistamos como possibilidade de estratégias adaptativas para a melhoria de vida, dentro ou fora do ambiente musical.

Criticamente, o universo da deficiência visual não é simplório, é, em minha opinião, forma diferente de ter a mesma vida dos demais, infelizmente no caso do dado investigado, existe uma noção fraca da universalidade proposta inclusive no título do texto. Somos muito mais e não melhores, mas “Nada sobre nós, sem nós” é uma identidade que precisa ser

preservada pelo respeito e interesse ao desconhecido e não oculto.

Ao concluir, Moreira diz que crianças com deficiência visual acabam “[...]se tornando seres humanos inseguros, frustrados e a sociedade por não ter o contado age com preconceito” (p.11). Dessa feita, uma visita a associações e eventos destinados e promovidos por pessoas com deficiência faz dessa afirmação uma frase seca.

Participo desde 1995 da Associação de Deficientes Visuais do Amazonas e dou crédito aos meus pares das possibilidades de promoção de eventos com o máximo de adequação ao que percebo como real universalidade de uma cultura cega. Infelizmente, por necessidade em comentar, pois estamos em um levantamento importante do conhecimento produzido, a música e a cegueira, quando devidamente observados a partir de um olhar que atende aos fatores como idade e momento da perda da visão, iniciam um debate mais preciso do que é de fato a união da arte e a falta de visão.

## **Perfil B**

**A regência e seu ensino técnico Basilar para um discente cego** é um conjunto de idéias aceito para comunicação oral no XI Conferência Regional Latino-Americana da ISME, em Natal, 2017. Verificamos uma preocupação relatada pelo professor, autor do estudo, em relação à entrada de um aluno cego na disciplina de Regência, obrigatória na formação de futuros professores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN).

Como resultado, o referido texto versa sobre as dificuldades iniciais do enfrentamento metodológico e destaca o desenvolvimento do próprio autor em prover recursos adaptados para a absorção dos conteúdos por seu aluno com deficiência.

Em destaque está a conceituação de duas ações distintas dentro do texto: o “olhar” e o “ver”. Todavia, o autor reflete sobre as “novidades” pedagógicas em sua carreira como educador relacionada à sensibilidade latente para o desenvolvimento das ações de olhar e ver para educar. Com isso, tal como Brandão (2016), Lima também versa sobre imagens visuais a partir do conjunto de informações derivadas das percepções táteis, olfativas, auditivas e paliativas. Erinckson(2017) passou a preparar aulas com foco no “[...] princípio técnico basilar que parte da geometria gestual dos compassos (p.05)”.

O artigo é ilustrado com fotos e isso facilita muito a identificação dos processos utilizados. Lima (2017) conclui manifestando uma preocupação interligada com o comando

visual, muito comum nas regências feitas por normovisuais<sup>6</sup>. Por outro lado, as mãos, sendo bem condicionadas, mesmos princípios da condução da assembleia, passam por adaptações. Quando prestei horas de regência no curso de licenciatura em artes, lembro de dedicar umas horas a mais para ter nas mãos, outros sinais mais específicos que tomassem conta das minhas necessidades como regente. Além disso, o tempo com determinado grupo gera comunicações únicas e a deficiência visual passa a ser somente um detalhe quando há envolvimento maduro entre os pares.

Para comentar o artigo, **O Ensino e aprendizagem da música para pessoas com deficiência visual na Escola Especial de Música Juarez Johnson**, vamos partir das considerações de Sá et. Al. (2008), em uma publicação encomendada pelo Ministério da Educação sobre o Atendimento Educacional Especializado. Neste pequeno livro, a autora consolida praticamente todos os recursos didáticos adaptados para o atendimento de DVs. Ricardo Soares Ribeiro apresenta um trato de pesquisa de origem basicamente de seu esforço de observação, porém muitas coisas faltam para compreendermos onde se aplicam os objetivos do relato. Dessa forma, Ribeiro desconhece o que temos posto há mais de 10 anos assim como aponta Sá et. Al. (2008). A crítica é apresentada pela oportunidade de reconhecer que estudos voltados para as deficiências não podem mais partir de algo tão raso.

O autor faz um relato sobre uma experiência com dois alunos cegos em uma escola de música em João Pessoa. No quadro metodológico do labor acadêmico, Ribeiro não descreve, como vejo fundamental, o potencial de resíduo visual que os sujeitos respondem, se fazem uso de algum recurso específico e principalmente, delibera pelo uso do Braille como ferramenta, sendo que, neste último tópico, devemos valorizar alguns aspectos antes da leitura em relevo ser aplicada (Giesteira, 2016). Sendo uma pesquisa qualitativa, o autor passa a dar noção de sua inserção no universo da cegueira e não a tomar processos didáticos adaptados para ensinar música para DVs.

Dessa forma, o título deste trabalho seria diferente e mais justo com a posição humilde que Ribeiro toma. Claro que toda colaboração é válida, porém como faço aqui uma crítica, vejo que estudos que possuem elementos que registrem os “medos” de professores ao lhe comunicar com DVs, somam bastante para o universo do conhecimento.

A coleção de dados é apresentada como comunicação oral no XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Musical da ISME, traz, como maior colaboração, o

---

<sup>6</sup> Termo que se faz presente nos mais recentes trabalhos e se determina a definir todas as pessoas que possuem visão normal. No jargão escolar, “deficientes visuais” são diferentes de “videntes”. Desse modo, normovisuais são aqueles que não apresentam de capacidade em sua acuidade visual.

depoimento do autor quando se refere a sua primeira e impactante entrada no meio vivente de sala de aula musical com alunos cegos inclusos. Nota-se que quando Ribeiro diz, “[...]os mínimos detalhes acontecidos naquela imensa sala exigiam atenção[...]” mostra de modo muito interessante como estamos formando os futuros professores de música. Finck (2016), representando uma ideia, propõe um olhar mais dedicado aos currículos formativos e inclinados a diversidade de um país em desenvolvimento.

Sua coletânea apresenta duas tabelas sem padrão estabelecido, dificultando a interpretação dos dados. Na primeira, apresenta conteúdos observados durante as aulas e atividades deflagradas para cada item mencionado, enquanto na segunda, temos visto metodologias diversas para aplicação de conteúdos diversos e pertinentes ao fazer artístico. Por fim, Ribeiro conclui dizendo que o textual é muito mais um exercício investigativo, porém, como constato, ele colabora muito para a verificação de parâmetros do egresso de nossas instituições. Diante disso, mesmo que aqui sejam detectadas essas ausências, é um texto direto e de leitura bem leve, quase se imagina o perfil físico do professor recém-saído da universidade.

**O ensino de música para alunos cegos e videntes em classe regular de ensino por meio dos jogos musicais: um relato de experiência** é um estudo apresentado no XII Encontro Regional Nordeste em 2016 e se inicia com bons esclarecimentos que nos fazem lembrar os números de nossa ação.

A autora é bem feliz ao dedicar ao educador musical a responsabilidade da democratização da própria música, seja isso em ambientes diversos e acima de tudo, nas escolas. É um texto preocupado em verificar como os jogos, muitas vezes desenvolvidos em classes de elaboração de oficinas pedagógicas na universidade, podem auxiliar com êxito uma educação musical em salas regular com alunos DVs inclusos. Por este, Rocha descreve procedimentos tomados a partir da intervenção em uma escola de ensino médio com cinco oficinas estruturadas que aplicariam jogos rítmicos e práticas instrumentais.

Com 04 jogos descritos, Rocha consegue apresentar procedimentos valiosos, ou seja, um quadro optativo de possibilidades para futuros professores de música como emprego nas suas práticas docentes. Ao tabular os dados avaliados nas oficinas, a autora colabora com um importante banco de associação das semelhanças entre alunos videntes e DVs. Mantendo em sigilo os nomes dos participantes, o número elevado às vezes dispõe certa confusão, porém os resultados só comprovam como estamos muito mais semelhantes ao contrário de alguns mitos formados para a associação de música e cegueira (Giesteira, 2016).

**Considerações sobre o ensino de música para alunos com deficiência visual:**

**diálogos para a inclusão**, sendo mais um caminho apontado de Ricardo Soares Ribeiro, este é apresentado no XII Encontro Regional Nordeste ABEM em 2016. Considero um estudo clássico e útil.

O autor procura desde o início apresentar as leis que conduzem para um atendimento de qualidade na educação inclusiva. Divide o estudo em 03 partes: Educação musical, Deficiência visual e Inclusão. Respectivamente Ribeiro mostra, em comparação ao seu outro texto também levantado neste Estado da Arte, mais maturidade e compromisso com o universo da percepção visual. Mesmo que ainda aconteçam referências às terminologias empregadas como: portador, necessidades especiais e outras sendo acrescentadas, o monte teórico flui com mais leveza e organização.

Agrada quando Ribeiro cita além da cegueira a baixa visão, caso inóceno nos textos até aqui catalogados. “A deficiência visual pode ser vista como uma limitação – mas não como impedimento” (p.06). Até então, este devolve uma literatura mais inicial do que vimos antes de 2015, porém e refrescante para os novos olhares da EME, isso contabiliza um ponto positivo dentro dos anais da ABEM.

Por fim, Ricardo conclui trazendo caminhos possíveis como DOS VOX, musicografia Braille e uma proposta de reformulação das práticas docentes em música para a inclusão, no meu entender, para todos os quadros possíveis, uma vez que o autor mostra como a música tem potencial para a criatividade e libertação de certas opressões sociais. É uma soma muito interessante e infelizmente peca ao referenciar imagens consagradas de forma errada, por exemplo, o alfabeto Braille inserido é do livro AEE Deficiência Visual e não de um banco de dados da *internet*.

**Música e inclusão: ações pedagógicas para o trabalho com um aluno cego no Ensino Superior**, o presente artigo contido nos anais do XI Conferência Regional Latino-Americana de Educação Especial, 2017, versa sobre a experiência tratada dentro de um núcleo de acessibilidade denominado *Esperança Viva* que inclui pessoas com deficiência por meio do ensino musical.

Neste quadro os autores classificam ações elementares do desenvolvimento do núcleo. Mendes e Oliveira (2017) quando dizem que o projeto “conta com a ajuda de monitores empenhados e apaixonados pelo afirmativo que é feito e totalmente dispostos a promover um ensino de qualidade para os alunos que integram o grupo”(p.33), me preocupa pelo fato de haver um juízo de valor agregado a essa fala. Ao longo de minha vida, quando senti falta de um apoio mais eficaz, infelizmente a paixão não foi agente suficiente, o voluntariado é bem-vindo, porém ações profissionais são incomparavelmente profundas.

Com isso, Finck (2016) ao tratar da chegada dos números que revelam acesso ao ensino superior por pessoas alvo do AEE, propõe um currículo mais voltado a formação profissional, longe do voluntariado.

Outro ponto de confronto ideal parte da afirmação dos autores, “Ainda são poucas as pessoas que realmente conhecem e utilizam a Musicografia Braille” (nosso grifo, p.33). Para Giesteira (2017), os avanços, sobretudo, da leitura feita por deficientes visuais residem nos dispositivos digitais. O Braille não morre, mas seu uso é caro e demorado, sem falar no desgaste do mesmo. “Ainda”, é uma condição a se refletir, pois com a chegada de *smartphones* e aplicativos de conversão sonora, a musicografia Braille é cada vez mais difícil de achar. Por outro lado, justifica-se no fio da cognição a inclinação para dar noção do que venha a ser a musicografia e os esforços para que esta exista fisicamente.

Concluindo, os autores fazem um levante das ações dedicadas dentro do projeto e consideram importante a música como ferramenta de inclusão. A partir dos alunos cegos atendidos, a discussão tomou forma para uma melhoria da qualidade dos processos metodológicos aplicados pelos condutores das ações. Dessa maneira, mais como um relato expressivo, Mendes e Oliveira (2017), como estamos verificando, colaboram para o registro de possibilidades nascidas pela vontade de fazer o melhor, porém ainda reforço o papel do profissionalismo em qualquer frente, sendo ela inclusiva ou não.

**Técnica vocal para alunos com deficiência visual: um olhar sobre o desafio dessa prática no Grupo Esperança Viva (EMUFRN)**, nesse levante a autora Matias descreve um relato de experiência vivenciado dentro do Projeto de Extensão Esperança Viva, ao qual suas ações eram voltadas à criação e manutenção de um coro para pessoas acima de 60 anos. No caso em questão, o trabalho se ocupa de ofertar metodologias adaptadas ao contexto do coro, sendo este uma oportunidade de técnica para dois integrantes cegos. Tal ilustração de esforço faz uma singela homenagem ao Grupo Esperança Viva, piloto das ações do programa que se iniciou com um grupinho de flauta doce com alunos cegos na Escola de Música da UFRN.

A autora consegue por meio de uma boa descrição e fácil leitura, apontar os pressupostos da deficiência visual, recursos estabelecidos e um quadro de separação muito clara dos processos de aquisição dos sintomas da cegueira, dando ênfase ao que é congênito ou adquirido. Nesse ponto, entendemos como relevante a contribuição para a condição de baixa visão, referenciada pela autora com o apoio dos escritos de Viviane Louro e outras figuras.

Por fim, o texto é parcela do conjunto de artigos aceitos neste ano e associados à temática. Conclui que os conteúdos de técnica vocal vão além de colaboradores, são

facilitadores de uma inclusão plena. A deficiência não assume maiores problemas e o conjunto da unidade de normovisuais e DVs se neutraliza durante as expressões vivenciadas nas apresentações do grupo. Matias (2016) acrescenta que uma boa observação e abertura para o diálogo são fatores hiper favoráveis para o sucesso do atendimento nestes casos.

**Música e deficiência visual: os processos de aprendizagem musical no Projeto Esperança Viva**, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da UFRN, 2016, com precisão, Bezerra divide o seu ideal em 04 capítulos, organizados para dar suporte de leitura a condição da deficiência visual: a música e a deficiência visual, o Projeto Esperança Viva e processos de aprendizagem pela pessoa deficiente.

A história da pessoa deficiente visual é tratada de forma bem curiosa. O autor divide em tópicos que nos incentiva a leitura dos períodos personificados da situação de cegueira. Para ele podemos interpretar as relações sociais do cego por períodos, sendo o primeiro visto como místico, por conta de todo o envolvimento mágico da antiguidade pela crença, em alguns casos, de que cegos poderiam ver o futuro ou muito além das paisagens.

Depois, temos o biológico ingênuo, caracterizado pelo momento iluminista da humanidade, passando a ver a pessoa cega a partir de sua condição biológica, ainda com resquícios das maldições e castigos creditados no passado pelos mais crentes nas punições divinas. No próximo período vemos a ciência no indivíduo, ou seja, efetivamente o cego é capaz e deve se educar. São quando surgem os processos metodológicos educacionais na Europa do Século XVII.

Nessa obra há uma busca para uma das perguntas mais recorrentes, “um sentido substitui o outro?”(p.41). Bezerra, após revisão de Vygotsky (2011), faz um confronto de teorias que defendem ou não a aceitação da transmissão de tarefas sensoriais. Tal parte da pesquisa dá ao conjunto das análises uma força para as publicações mais atuais. Mesmo que eu tenha minha posição em relação ao assunto, e que veremos mais a frente, é uma leitura recomendada, típica da curiosidade comum aos que investigam desse modo e responsável.

No capítulo seguinte, o autor confere às relações entre a deficiência visual e a música, modelos aplicados e tendências de ação pedagógica são abordadas. Com base nos suportes teóricos apresentados anteriormente, Bezerra comenta sobre os equívocos naturais que ocorrem quando há a união da deficiência visual e a prática musical. Faz uma alusão ao Braille e sua musicografia e discorre sobre as habilidades da pessoa cega. Tudo com base nas observações de campo e revisões de artigos relacionados. Desse modo, o autor mais uma vez é cativante nas palavras e contribui para o aumento de conhecimento agregado.

Nos dois últimos capítulos, há uma associação direta entre si, pois o debate rodeia o

Projeto ao qual o professor autor é fundador e caminha para o elenco das práticas efetuadas no *Esperança Viva* e, por consequência, processos sócio criativos da metodologia desempenhada pelos professores do programa para a inclusão de deficientes. Dessa maneira, o autor conclui afirmando que muito do desempenho é resultado dos procedimentos desenvolvidos durante as ações do Projeto *Esperança Viva*.

## PERFIL C

**La enseñanza de la Musicografía Braille: consideraciones sobre la importancia de la escritura musical em braille y la transcripción de materiales**, trata-se de mais um capítulo da revista da ABEM, publicado em espanhol. É um dos melhores alicerces verificados, pois neste temos um debate sobre os mitos e verdades sobre pessoas cegas em relação ao seu desenvolvimento musical. Vale salientar que o autor verifica, por meio de outras pesquisas, apontamentos que dão noção das verdades empíricas que rodeiam esse assunto.

Nesse contexto, Giestieria (2015) se dedica a não fechar uma conclusão mais direta sobre um super desenvolvimento dos sentidos remanescentes, mas busca apoio para dizer que dependendo da idade e momento da vida que acontece a perda visual, os resultados são totalmente relacionados entre si.

O texto traz uma informação curiosa, Louis Braille, era músico, e por conta disso, o sistema Braille fica em evidência por conta de uma apresentação de uma moça cega ao piano e desde então o código toma seu espaço no mundo. Segundo o autor, o primeiro documento escrito e publicado em Braille data de 1829, com o título “*Procedimientos para escribir las palabras, la música y el canto por medio de puntos para uso de lo sciegos.*” Para nossa verdade, o texto de Giesteira (2015) é bem envolvente, mesmo em espanhol fica fácil a compreensão da linha seguida de raciocínio. Assim, dentro do texto, há uma quantidade bem esclarecedora sobre a musicografia Braille, sua história e movimento sobre o qual ao longo de todo o tempo os signos vieram se adequando às necessidades de uma unificação mundial.

Em outro momento, o autor comenta sobre o desuso da escrita em Braille, pois os avanços de adaptações e recursos audiovisuais depositados em vídeos na rede de computadores contabilizam fatores importantes para a urgência do aprendizado de cegos com seus instrumentos. Dessa forma, por meio de um gráfico, o texto oferece resultados sobre a importância da musicografia para o desenvolvimento musical de DVs, deixando claro que não se relaciona com o acesso, porém também há a perspectiva de situações melhores se

podéssemos ter mais materiais adaptados em Braille para nossos estudos.

Da mesma forma, para comentar sobre a eficiência de transcrições metodológicas do ensino instrumental, temos um gráfico que dá níveis de aproveitamento dos dados coletados. É lógico que o arquitetado estudo se inclina exclusivamente para a condição cega, sem menção à condição de baixa visão. Isso, dentro de nossa realidade de parâmetros para esta tese, tem sua profundidade, por outro lado, um levantamento dessa proporção na atualidade é muito rico e recomendável.

O texto conclui propondo uma reflexão maior, algo que nos faça entrar no universo das sistematizações de acesso à informação, sendo este caso, a musicografia Braille e suas derivações. O mundo caminha em velocidade diferente por ser mais rápida em relação aos séculos passados, todos nós estamos embarcados nessa jornada, sem importar a velocidade marcada, temos por direito à informação com qualidade e ainda que os estudos sobre DVs e a música tenham se iniciado há bastante tempo, lacunas que derivam dos desafios, insistem em nos acompanhar.

**Musicografia Braille: estratégias e recursos para a formação musical da pessoa normovisual, cega e/ou com deficiência visual**, a leitura de Malheiros (2017) é uma dissertação qualitativa, buscando obter resultados para a melhoria ou melhor adequação do método de ensino do Braille para videntes, cegos e pessoas com deficiência visual.

Apresenta 03 capítulos divididos em contexto histórico conceitual, o ensino da música e inclusão e as atividades de ação para a pesquisa. Nesse texto, é possível verificar no início uma preocupação do autor com as nomenclaturas deferidas para as diferentes “categorias” da condição humana, normovisuais, cegos e deficientes visuais. Mesmo que o diálogo esteja claro, há um hiato no que se refere ao que pensa o autor sobre deficientes visuais, e onde ficam as pessoas com baixa visão.

Como tantos outros, o primeiro momento do texto de Malheiros (2017) conceitua a cegueira e o surgimento do Braille, sua valorização e participação em benefício de pessoas cegas em todo o mundo. Com base nas revisões bibliográficas, o autor é bem claro e econômico nessa parte do estudo, não se estende, sendo uma coisa boa, pois são informações ainda pertinentes, mas muito adicionadas com pesquisas desse mesmo teor. As comparações feitas por meio de imagens entre partituras convencionais e Braille impresso, ou em tinta como costumamos dizer, facilitam a compreensão de leigos e por consequência, das ideias defendidas no corpo do resultado final.

Com um bom levantamento feito no primeiro capítulo, as leis voltam a ser comentadas dentro do segundo momento, é feito um diagnóstico dos processos assumidos até a defesa do

texto em relação ao ensino da música para deficientes. Nesta etapa, são verificadas as diferenças metodológicas entre as condições de acesso dos três tipos de sujeitos envolvidos na pesquisa. Ainda com um bom enquadramento dos dados coletados, o autor faz suas próprias considerações com base nas ações de intervenção experimental. Em determinados pontos do texto é impossível de ser compreendido pelos leitores de tela que uso, pois as imagens quando ampliadas e sem legendas descritivas, ficam desfocadas na lupa virtual do computador.

## **PERFIL D**

**A deficiência visual no ensino Superior de Música: ações, recursos e serviços sob a perspectiva de quatro egressos**, esta obra é parte da Revista ABEM como capítulo publicado na edição 39 de 2017. A autora inicia o texto contextualizando a partir dos caminhos tomados para o acúmulo quantitativo da ocupação de DVs no ensino superior.

Como resultado de políticas públicas mais efetivas e uma mudança de comportamento da sociedade e familiar, os atendimentos especializados na educação básica surgem com o ingresso de mais de 20% da comunidade alvo do AEE nas instituições de ensino superior, públicas e privadas. Para tal, a autora faz um rico levantamento de dados sobre as publicações e os modelos metodológicos discutidos até o presente momento da circulação da revista.

Partindo da participação de 04 egressos, sendo 02 cegos e 02 com baixa visão, Finck(2017) é muito responsável quando salienta que mesmo que todos sejam deficientes visuais, cada um apresenta um quadro único e isso deve ser valorizado.

O texto organiza as falas dos participantes, geradas em entrevistas, a partir do programa computacional IRaMuTeQ, responsável pelo *corpus textual* da matéria. Com os dados coletados e inseridos no *software*, a análise textual das falas dos participantes pôde gerar gráficos do tipo árvore entre a interpretação da quantidade dos *léxicos* e similitude. Cabendo citar que, “[...]a utilização do *software* serviu apenas para apontar indícios de elementos que poderiam ser desdobrados em análise e interpretação por parte dos pesquisadores” (p.68).

Para tanto, a pesquisa, de modo inesperado, conclui dizendo que os participantes entrevistados não efetivam suas formações na graduação. Desse modo a autora comenta sobre a evasão que assombra o ensino superior no Brasil, e uma preocupante inexistência curricular dos cursos de formação do magistério em música que privilegiem a prática do Braille ainda nas classes de ensino básico.

O texto é um diagnóstico atual das proporções de acesso por DVs ao cursarem música, licenciados ou bacharéis, que sofrem pela ignorância dos sistemas em deferir recursos

consolidados para a melhoria do acesso por estes alunos.

**Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música**, o capítulo da professora doutora Regina Finck, publicado na Revista da ABEM, v.24, n.36 de 2016, é uma excelente contribuição para o entendimento do percurso realizado das ações que transformaram o mundo para a aquisição de direitos pelas pessoas com deficiência.

Em um quadro pode-se observar a cronologia das leis mais relevantes como fruto dos movimentos sociais para igualdade em todas as frentes do mundo e do Brasil. Nessa oportunidade, Finck (2016) dá esclarecimento sobre o uso do termo “Pessoa com Deficiência”, e também, mostra como professores, sendo de música ou do currículo regular, atuam sob as mesmas normas de inclusão.

Quando a autora versa sobre os desafios para implantação de um modelo educativo brasileiro, ficam as dúvidas se o Brasil realmente conhece o Brasil. Por se tratar, como diz a professora, de um desafio, sabemos que as diretrizes avançaram muito e às vezes são incompatíveis com o perfil desenvolvimentista de nossa nação. Pensando assim, o texto sugere que “as escolas de educação básica, a conquista dos direitos das pessoas com deficiência implica uma série de adaptações e mudanças estruturais”.

Um destaque percebido no cordão de ideias faz referência aos benefícios criados quando temos alunos incluídos em classes regulares, não tratando dos mesmos, mas do sistema global. A convivência é um fator importante e necessário para a evolução das práticas e tolerância. Com este, a autora é bem realista em afirmar que nada muda de uma hora imediatamente para a outra, porém dentro dos cursos de formação de professores, as ações de sensibilização devem ser iniciadas, pois no futuro, teremos outro tipo de abordagem para o desafio educacional.

Neste capítulo, Finck (2016) revisa um estudo associado por ela e mais duas pesquisadoras que apontam a insegurança de alunos de graduação em licenciatura em música para atuarem na educação inclusiva. Ela levanta o exemplo da obrigatoriedade do ensino de LIBRAS, mesmo sem uma unificação em créditos, somente o valor mínimo de 60h nas licenciaturas, tem valorizado a questão e incentivado outras formas de perceber o mundo pela diversidade global. Com isso, Regina conclui com afirmações sobre o potencial da música na formação de crianças de modo geral, além de descrever o ensino da música como algo igual, sem qualquer distância das habituais metodologias e apropriadamente legal para difusão das ideias contra uma exclusão pela ignorância.

